

WILSON FUSCO

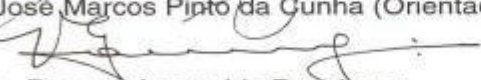
**CAPITAL CORDIAL: A RECIPROCIDADE ENTRE OS IMIGRANTES
BRASILEIROS NOS ESTADOS UNIDOS**

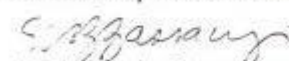
Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Demografia do Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas da Universidade
Estadual de Campinas sob a
orientação do Prof. Dr. José Marcos
Pinto da Cunha e co-orientação da
Profa. Dra. Maria Teresa Sales de
Melo Suarez

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
28/02/2005

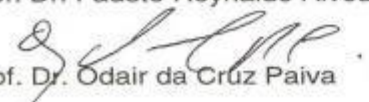
BANCA


Prof. Dr. José Marcos Pinto da Cunha (Orientador)


Profa. Dra. Rosana Aparecida Baeninger


Profa. Dra. Maria Silvia Casagrande Beozzo Bassanezi


Prof. Dr. Fausto Reynaldo Alves de Brito


Prof. Dr. Odair da Cruz Paiva

Profa. Dra. Gláucia de Oliveira Assis (Suplente)

Prof. Dr. José Renato de Campos Araújo (Suplente)

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Fusco, Wilson

**F985r Capital cordial : a reciprocidade entre os imigrantes
brasileiros nos Estados Unidos / Wilson Fusco. - - Campinas,
SP: [s.n.], 2005.**

Orientador: José Marcos Pinto da Cunha.

**Tese (doutorado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

**1. Demografia. 2. Migração internacional. 3. Capital social.
4. Estrutura social. 5. Solidariedade. I. Cunha, José Marcos Pinto
da. II. Universidade Estadual de Campinas. III. Título.**

Resumo

Este trabalho busca compreender o processo da migração de brasileiros para os Estados Unidos por meio da aplicação do conceito de capital social. Os dados utilizados são provenientes de *surveys* realizados nas cidades de Governador Valadares – MG, Criciúma – SC, e Maringá – PR. Os dados desta última cidade são relacionados com a migração para o Japão, e foram utilizados como parâmetro de comparação com o movimento que leva aos Estados Unidos. A conclusão alcançada é de que a circulação de recursos não-econômicos (informações, favores, acesso ao capital social de outros grupos), através dos laços de parentesco e amizade, e pelos mecanismos de reciprocidade e solidariedade, permite uma melhor compreensão dos processos de conexão origem-destino, ampliação do movimento, seletividade e adaptação dos migrantes no destino.

Abstract

This work examines the migratory process of Brazilians to the United States by applying the concept of social capital. The data used come from surveys conducted in the cities of Governador Valadares (MG), Criciúma (SC), and Maringá (PR). The data from this last city capture Brazilian migration to Japan, which is used as a comparison to migration to the United States. The conclusion reached is that through the mechanisms of reciprocity and solidarity, examining the circulation of non-economic resources (e.g., information, favors, and access to social capital of other groups) within kinship and friendship networks allows for a better comprehension of the processes of connections between origin and destination, increasing migration, migrant selectivity, and migrant adaptation at their destination.

*A Davidson e Mathilde,
fontes de apoio e amor incondicionais*

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo financiamento que possibilitou o desenvolvimento desta tese.

Aos funcionários do NEPO e da pós-graduação do IFCH, pessoas atenciosas que me proporcionaram o apoio necessário durante minha passagem pelo doutorado.

À Wanda, pelo companheirismo e bom-humor.

À Gláucia e Elisa, companheiras de tema e de copo, pelo estímulo e apoio.

À Fabiana, pela arte.

À Adriana, pela disposição e presença de espírito.

À Stella, pelo forte estímulo nos momentos finais.

Aos meus orientadores, José Marcos e Teresa Sales, pela dedicação, competência e confiança que me presentearam no decorrer deste trabalho.

Ao Luís, pelos churrascos de costela na terra dos hambúrgueres.

À Maren, pela força com o inglês.

Ao professor Joe Potter, pela ótima experiência na Universidade do Texas.

Ao Rene e à Maria, grandes amigos que tornaram mais alegre minha vida nos Estados Unidos.

À minha família, que me apoiou em todos os momentos desse trajeto.

Índice

Introdução	1
Metodologia	4
<i>Governador Valadares</i>	4
<i>Criciúma</i>	10
<i>Maringá</i>	12
Coleta de Dados em Criciúma e Maringá	13
<i>Capítulo I</i>	15
Perspectivas teóricas para o caso brasileiro	15
<i>Capítulo II</i>	39
Brasileiros longe de casa	39
As Cidades de Origem	40
<i>Governador Valadares</i>	40
<i>Criciúma</i>	43
<i>Maringá</i>	46
Brasileiros nos Estados Unidos	51
Brasileiros no Japão	55

Capítulo III	57
Caracterização dos Fluxos	57
Perfil da População Entrevistada	57
Dinâmica Temporal	66
Qualificação e Trabalho	78
Remessas	84
Brasileiros nos Estados Unidos: temos um padrão?	86
Capítulo IV	87
Capital Social e Dinâmica Migratória	87
Conexão Brasil-Estados Unidos	88
Adaptação no Destino	99
Capital Cordial: troca de favores à moda brasileira	112
Conclusão	117
Bibliografia	121
Anexos	131

Índice de Tabelas

Tabela 01	População residente por situação de domicílio. Governador Valadares, 1070, 1980, 1991 e 2000.	41
Tabela 02	População residente por situação de domicílio. Criciúma, 1070, 1980, 1991 e 2000.	44
Tabela 03	População residente por situação de domicílio. Maringá, 1070, 1980, 1991 e 2000.	47
Tabela 04	Distribuição relativa dos indivíduos, por sexo, segundo <i>status</i> de migração. Governador Valadares, Criciúma e Maringá	58
Tabela 05	Distribuição relativa da população, por sexo e faixas de idade, nos domicílios com migrantes. Governador Valadares, Criciúma e Maringá	61
Tabela 06	Distribuição relativa da população total, por sexo e faixas de idade. Governador Valadares, Criciúma e Maringá	63
Tabela 07	Distribuição relativa da população, nos domicílios com migrantes, segundo condição no domicílio. Governador Valadares e Criciúma	65
Tabela 08	Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo o ano de chegada no país de destino. Governador Valadares, Criciúma e Maringá	69
Tabela 09	Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo o número de viagens ao país de destino. Governador Valadares, Criciúma e Maringá	74
Tabela 10	Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo condição de presença. Governador Valadares, Criciúma e Maringá	75

Tabela 11	Distribuição relativa dos migrantes por sexo, segundo o tempo (em anos) de permanência no destino ao longo de toda experiência migratória. Governador Valadares, Criciúma e Maringá_____	76
Tabela 12	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo faixas de idade, na ocasião da primeira experiência migratória. Governador Valadares, Criciúma e Maringá_____	77
Tabela 13	Distribuição dos migrantes, por grau de escolaridade. Governador Valadares, Criciúma e Maringá_____	79
Tabela 14	Distribuição relativa dos migrantes, por grau de proficiência na língua do país de destino. Governador Valadares, Criciúma e Maringá_____	80
Tabela 15	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação. Governador Valadares_____	81
Tabela 16	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação. Criciúma_____	82
Tabela 17	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação. Maringá_____	82
Tabela 18	Distribuição relativa dos migrantes, segundo o envio de remessas para o município de origem e a finalidade da remessa. Governador Valadares, Criciúma e Maringá_____	85
Tabela 19	Distribuição absoluta e relativa dos migrantes brasileiros, segundo o país de destino_____	87
Tabela 20	Participação dos migrantes retornados na população total, por municípios selecionados_____	89

Tabela 21	Participação dos migrantes retornados na população total, por unidades da federação. _____	<u>90</u>
Tabela 22	Distribuição absoluta e relativa dos migrantes brasileiros, por países selecionados. _____	<u>92</u>
Tabela 23	Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por países, segundo o município de origem. _____	<u>93</u>
Tabela 24	Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por estados e províncias dos Estados Unidos e Japão, segundo o município de origem no Brasil. _____	<u>94</u>
Tabela 25	Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por cidades dos Estados Unidos e Japão segundo o município de origem no Brasil. _____	<u>95</u>
Tabela 26	Distribuição relativa dos migrantes, segundo vínculo social com pessoas no país de destino, por espécie de vínculo. Governador Valadares _____	<u>100</u>
Tabela 27	Distribuição relativa dos migrantes, segundo vínculo social com pessoas no país de destino, por espécie de vínculo e etapas do movimento migratório. Governador Valadares _____	<u>101</u>
Tabela 28	Distribuição absoluta e relativa dos migrantes, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos. Governador Valadares _____	<u>101</u>
Tabela 29	Distribuição relativa dos migrantes, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos e o período de migração. Governador Valadares _____	<u>102</u>

Tabela 30	Distribuição relativa dos migrantes, segundo a utilização de “agências de recrutamento” no processo de migração. Criciúma e Maringá_____	103
Tabela 31	Distribuição relativa dos migrantes, por condição de presença, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Criciúma_____	104
Tabela 32	Distribuição relativa dos migrantes, por condição de presença, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Maringá_____	105
Tabela 33	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo vínculo social com pessoas no destino (Estados Unidos). Governador Valadares_____	106
Tabela 34	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos. Governador Valadares_____	107
Tabela 35	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Criciúma_____	108
Tabela 36	Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Maringá_____	109

Índice de Gráficos

Gráfico 01

Proporção de indivíduos segundo *status* de migração, por sexo.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá..... 59

Gráfico 02

Estrutura etária dos domicílios com migrantes, por faixas de idade e sexo

Governador Valadares, Criciúma e Maringá..... 62

Gráfico 03

Estrutura etária da população total, por faixas de idade e sexo

Governador Valadares, Criciúma e Maringá..... 64

Gráfico 04

Comportamento dos fluxos de migração, por cidade de origem

1980 a 2000*..... 67

Gráfico 05

Total de migrantes, por sexo, segundo o ano de saída do país de origem

Governador Valadares, Criciúma e Maringá..... 72

Introdução

A emigração de brasileiros para os Estados Unidos, tema desta tese de doutorado, é um processo que acarreta inúmeros desafios para aqueles que decidem tentar a vida na América. As adversidades que surgem são resultantes, essencialmente, da condição clandestina em que a maioria dos brasileiros se encontra, seja por permanecer e trabalhar no país de destino sem o visto apropriado, seja pelo traslado arriscado através da fronteira entre México e Estados Unidos.

Nossa intenção é analisar de que forma a organização social das comunidades brasileiras nos Estados Unidos condiciona a inserção do migrante nesse país. Especificamente, estamos interessados em verificar as várias dimensões de utilização dos recursos que circulam por meio de laços sociais, em associação aos efeitos de seletividade, expansão do movimento, adaptação do migrante no destino, e conexão entre pontos muito específicos na origem e no destino.

Outros estudos sobre o tema já destacaram o papel que as redes sociais desempenham na vida dos imigrantes, mas esse assunto é geralmente tratado de forma a complementar as análises que focalizam outros conceitos. Consideramos necessária a complexificação deste tipo de análise, para que outras dimensões do processo possam ser melhor compreendidas. Em particular, nosso intento é utilizar uma abordagem mais sociológica que econômica, em função da dificuldade em se explicar tal fenômeno recorrendo apenas aos aspectos econômicos.

Para analisar essa questão, utilizaremos as informações provenientes de três *surveys*, realizados em cidades brasileiras que se configuram como pontos de saída para a migração

internacional. As pesquisas feitas em Governador Valadares – MG, e Criciúma – SC, buscaram captar a migração em direção aos Estados Unidos, enquanto que o levantamento feito em Maringá-PR, coletou dados sobre os migrantes que vão para o Japão. Este último movimento é utilizado somente como uma referência para comparação com o anterior, pois é certo que o *status* de legalidade da maioria dos membros deste fluxo determina diferenças marcantes entre as estratégias de migrar.

No Capítulo I procuramos evidenciar como as teorias dominantes nesse campo, apesar de fornecer explicações plausíveis para as características mais gerais dos fluxos migratórios internacionais contemporâneos, deixam lacunas quando situações mais específicas são analisadas. Consideramos que a utilização do conceito de capital social é um progresso para o trabalho de análise, não somente por propiciar uma ligação entre abordagens macro e micro, mas também por permitir uma visão mais completa do movimento, mostrando tanto os constrangimentos e incentivos estruturais como as estratégias individuais da população migrante.

Com o objetivo de contextualizar a migração de brasileiros para os Estados Unidos, apresentamos no Capítulo II uma sucinta apreciação dos resultados de outros trabalhos sobre esse mesmo tema, em seguida a um breve histórico das cidades de origem. Como resultado, esperamos ressaltar as características desse movimento que permitem seu enquadramento na abordagem teórica proposta.

A caracterização dos fluxos que levam os brasileiros para os Estados Unidos e Japão é apresentada no Capítulo III. Nesse segmento, procuramos destacar as singularidades e semelhanças desses fluxos, tanto entre os quadros elaborados por outros trabalhos, como entre os movimentos em direção aos Estados Unidos e Japão. Atributos individuais, dinâmica temporal das viagens, trabalho e remessas financeiras são os assuntos deste Capítulo, que além de proporcionar uma imagem mais nítida do processo migratório em questão, possibilita algumas conjecturas sobre as estratégias de utilização do capital social.

Por fim, ressaltamos no Capítulo IV as evidências de transferência de recursos sociais como um fator estreitamente relacionado aos efeitos resultantes na configuração mais geral do

movimento. O diminuto número de locais de saída de brasileiros, conectados a específicos pontos de chegada no país de destino é o efeito mais evidente desse processo. Além disso, apresentamos no final desse Capítulo uma proposta para clarear algumas questões levantadas por autores brasileiros, a respeito de um dos mecanismos de transferência do capital social: a solidariedade étnica.

Metodologia

Governador Valadares

A pesquisa de campo realizada na sede do município de Governador Valadares, em junho/julho de 1997, foi uma amostragem aleatória por conglomerados simples. Esse processo permite inferir os resultados obtidos à população total, uma vez que todas as combinações de n unidades entre os N indivíduos da população têm a mesma probabilidade de pertencer à amostra, com erro e intervalo de confiança controlados.

O primeiro passo foi estabelecer um número mínimo de questionários que atendesse ao conceito de amostra ótima para qualquer universo acima de 10 mil (pessoas, domicílios, etc.), que é considerada, em termos estatísticos, uma população “infinita”. Para satisfazer essa condição, o número mínimo para compor a amostra é de 400 casos. Isso significa que uma população acima de 10 mil unidades de análise (11 mil ou 1 milhão) poderá ser representada por uma amostra aleatória de 400 unidades. Essa amostra comporta um erro máximo de 5% em um intervalo de confiança de 95%.

Para os objetivos do *survey*, consideramos o emigrante valadarense como unidade de amostragem e unidade de estudo. As 400 unidades necessárias para a amostra, portanto, são os indivíduos residentes ou ex-residentes de domicílios da sede municipal de Governador Valadares, com experiência migratória internacional. O universo da amostra é o conjunto dos residentes da sede municipal, que contava com cerca de 230 mil pessoas no Censo de 1991.

A fim de articular melhor o trabalho de campo, a pesquisa foi feita em duas etapas. Em cada uma delas foram aplicados questionários diferentes¹, pois dentre os habitantes do local, somente os indivíduos que já tiveram experiência migratória internacional interessavam à pesquisa. Por se tratar de uma grande população, a primeira etapa teve como objetivo

¹ Os dois modelos de formulários aplicados durante o trabalho de campo estão presentes nos anexos.

selecionar uma subamostra, na qual certamente haveria emigrantes, a partir de um questionário com apenas duas perguntas: “quantas pessoas moram nesta casa?” e “quantas pessoas desta residência já moraram ou estão morando atualmente no exterior?”. Esta pergunta pressupõe que as pessoas que estão no exterior – os “ausentes” – residiam na casa antes de saírem do Brasil, e que os “retornados” moravam, no momento da pesquisa, na residência selecionada.

A primeira fase da pesquisa consistiu no sorteio de uma amostra que pudesse fornecer, para a segunda etapa, um mínimo de 400 experiências migratórias para o exterior. O que se tinha em vista é que o mínimo de **um** indivíduo com experiência migratória por residência seria suficiente para que os resultados da pesquisa pudessem ser inferidos à população total.

Assim, dividiu-se o total de habitantes (230 mil) pelo número médio de pessoas em cada domicílio da cidade, que é de 4,1 (dado do Censo demográfico de 1991 para Governador Valadares). A partir desta conta, chegou-se ao número de aproximadamente 56 mil residências na sede do município. Através do mapa da cidade, fornecido pela prefeitura municipal, e dos setores censitários, obtidos no escritório do IBGE local, foram construídos os conglomerados onde seriam distribuídos os questionários.

Os conglomerados foram montados agrupando-se os setores censitários de acordo com sua posição geográfica. A cidade de Governador Valadares possui 189 setores censitários que, combinados convenientemente, resultaram em 21 regiões. Para se definir quantas entrevistas seriam feitas em cada região, estabeleceu-se um peso a cada conglomerado, segundo o número de domicílios.

O número adequado de residências a serem visitadas na primeira fase foi levantado a partir da hipótese de que 16% da população da cidade já migraram para o exterior. Esta hipótese foi retirada da dissertação de mestrado de Soares (1995), a qual apresenta também uma pesquisa de campo para estimar o número de emigrantes valadarenses. Dessa forma, foi feita uma regra proporcional simples para se chegar ao número de residências que deveriam ser visitadas na primeira etapa da pesquisa.

400	16%
n1	100%

Daí resulta que **n1=2500**, isto é, deveriam ser entrevistados 2500 habitantes da cidade a fim de encontrar, segundo a hipótese de Soares (1995), um número mínimo de 400 experiências migratórias. Na verdade, seriam encontradas 400 residências com, no mínimo, um “ausente no exterior” ou “retornado” cada.

Já com o tamanho definido dividimos a amostra entre todas as 21 regiões de acordo com seus pesos. Dentro de cada região numeramos cada um dos bairros e sorteamos os que deveriam ser entrevistados por meio do pacote estatístico MINITAB. Os bairros sorteados foram marcados e em cada um deles o entrevistador deveria selecionar uma casa a cada cinco. Se eventualmente a casa abordada não pudesse ser entrevistada por algum motivo, o entrevistador deveria se escolher a casa ao lado e continuar sua seleção como anteriormente.

Ao final da primeira fase da pesquisa, foram efetivamente entrevistadas 2.566 residências, ou 4,5% dos domicílios da cidade. Os integrantes desses domicílios somaram 11.908 pessoas, ou 5,2% do total da população. Em 467 residências havia indivíduos com experiência migratória, totalizando 803 migrantes, dentre os quais, 513 eram “ausentes no exterior” e 290 “retornados”. Portanto, a média de migrantes por domicílio da amostra é de 1,7. A porcentagem de indivíduos com experiência migratória, para o total da população da cidade, é calculada a partir de uma regra de três simples.

Amostra de 11.908 pessoas	100%
803 migrantes	x = 6,74%

Por se tratar de uma amostra aleatória simples, é possível inferir o resultado para o total da população, o que implica dizer que aproximadamente 6,7% da população da sede municipal de Governador Valadares têm pelo menos uma experiência migratória internacional.

Este número é muito inferior ao encontrado por Soares (1995) em seu trabalho de campo (16%), e também muito inferior ao divulgado freqüentemente pela mídia.

Quanto à distribuição dos indivíduos com experiência migratória por domicílio, estima-se, a partir da amostra com total de 2566, que em cerca de 18% dos domicílios da sede municipal há “ausentes no exterior” e/ou “retornados”. Este número foi encontrado a partir de uma regra de três simples, similar à descrita acima.

Amostra de 2566 residências	100%
Migrantes em 467 residências	x = 18,2%

Durante a realização da segunda fase da pesquisa foram visitadas 420 dentre as 467 residências selecionadas, que resultaram em 350 questionários válidos. A diferença verificada entre a meta e o número alcançado foi prevista desde o planejamento da pesquisa, o que levou à seleção de uma subamostra muito superior à quantidade mínima de experiências migratórias para que a representatividade fosse mantida.

A impossibilidade de se obter os 467 questionários deveu-se a vários fatores, tais como: recusa em receber o entrevistador ou a responder o questionário por parte dos entrevistados; inconsistência, dentro da margem de erro esperada, na seleção de algumas das residências para a segunda fase, visto que o retorno a estas demonstrou não haver nenhum indivíduo com experiência migratória; impossibilidade em se localizar alguns endereços, devido à inexistência do nome da rua ou do número indicados; ausência dos moradores nas casas selecionadas, depois de até três visitas, na ocasião da segunda fase da pesquisa.

O instrumento de coleta de dados, aplicado na segunda fase da pesquisa, foi estruturado com base em análises comparativas de questionários empregados em pesquisas semelhantes, e ainda a partir de questões levantadas em pesquisas qualitativas sobre a migração internacional de brasileiros.

Foi construído inicialmente um questionário provisório, a fim de ser melhorado durante a fase de pré-teste. No pré-teste foram entrevistadas 40 residências de migrantes internacionais.

Esse procedimento permitiu o ajuste de questões formuladas previamente, tornando-as mais objetivas e claras para o informante.

O questionário definitivo foi estruturado em 5 partes. A primeira corresponde à identificação do domicílio, informante e entrevistador. A segunda destina-se a caracterizar o domicílio segundo a infra-estrutura básica, número de cômodos, condição de residência, etc.. A terceira parte reúne informações sobre todos os integrantes do domicílio, tais como idade, sexo, escolaridade e *status* migratório. As partes 4 e 5 foram direcionadas exclusivamente aos indivíduos com experiência migratória internacional e correspondem ao histórico migratório e ao perfil do migrante.

Uma equipe local, composta de 20 pessoas, foi contratada para aplicar os questionários. Os entrevistadores receberam e estudaram detalhadamente o manual de instruções, elaborado especialmente para o *survey*. O treinamento foi realizado visando esclarecer todas as dúvidas quanto aos itens do instrumento e objetivos da pesquisa. Várias situações foram simuladas em exercício para facilitar a compreensão da organização interna do questionário.

O treinamento e acompanhamento do trabalho dos entrevistadores foram realizados por 3 supervisores, entre os quais estou incluído. Além do trabalho de supervisão, tivemos a oportunidade de aplicar alguns questionários, o que nos proporcionou um envolvimento maior com o trabalho de campo. A coordenação geral da pesquisa foi exercida pela professora Teresa Sales.

Antes do trabalho de campo ser iniciado, a pesquisa foi noticiada amplamente na cidade, tanto por jornal quanto pela televisão. O efeito da divulgação por parte da imprensa foi positivo e até surpreendente. Várias pessoas, percebendo que se tratava da pesquisa sobre migração, pediam que os entrevistadores visitassem suas casas, dizendo que lá havia migrantes. Naturalmente, os entrevistadores recusaram os convites, e explicaram que a seleção das residências era feita por sorteio.

A duração das entrevistas foi em média de 40 minutos, variando em função da quantidade de habitantes e migrantes de cada domicílio. Também a receptividade variou entre

os domicílios, mas neste caso o fator determinante foi o *status* sócio-econômico. Nos bairros onde o informante pertencia a um *status* mais baixo, a receptividade foi muito boa, ocorrendo o inverso nos bairros de classe social mais elevada.

Todo o trabalho de codificação das respostas foi feito por bolsistas do projeto “Imigrantes Brasileiros nos EUA – Cidadania e Identidade”, sob coordenação da professora Teresa Sales. Todos os codificadores estavam familiarizados com o questionário, pois haviam trabalhado no desenvolvimento do *survey* desde seu início. Como referência aos dados apresentados neste trabalho, essa pesquisa será citada como “Sales 1997”.

A inserção dos dados foi realizada pela de dupla digitação, que reduz a incidência de erros. A base de dados foi montada por pessoal especializado, e está armazenada no programa *SPSS – Statistic Packet for Social Sciences*. Este programa é de fácil manuseio e permite a utilização de uma grande variedade de recursos. Desta forma, pudemos obter todas as freqüências e cruzamentos de variáveis utilizados neste trabalho.

...

As amostras das populações de Criciúma e Maringá foram obtidas de maneira diferente para cada cidade, em função do objetivo desejado para cada local, mas as duas pesquisas ocorreram simultaneamente, em abril/junho de 2001. Em Criciúma, a população desejada era uma amostra aleatória da população da cidade; em Maringá, foi buscada uma amostra da população de descendentes de japoneses. A seguir, descrevemos detalhadamente a estratégia utilizada em cada uma das cidades.

Criciúma

A pesquisa de campo, realizada na zona urbana do município de Criciúma, foi uma amostragem aleatória por conglomerados simples, do mesmo modo que em Governador Valadares. Para os objetivos do *survey*, consideramos o emigrante criciumense como unidade de análise. As 400 unidades necessárias para a amostra, portanto, são os indivíduos com experiência migratória internacional, cujo local de origem anterior à migração fosse a cidade de Criciúma. O critério de “experiência migratória internacional” abrange os indivíduos que estabeleceram residência em algum país estrangeiro, e exclui aqueles que estiveram no exterior apenas a passeio. O universo da amostra é a população da sede municipal, que contava com cerca de 153 mil pessoas em 2000.

O trabalho de campo foi feito também em duas etapas, cada qual com o questionário adequado ², nos moldes da pesquisa em Valadares. A primeira etapa da pesquisa correspondeu ao sorteio de uma amostra que pudesse fornecer, para a segunda etapa, um mínimo de 400 indivíduos com experiência migratória internacional. A partir do mapa da cidade e dos setores censitários, obtidos no escritório do IBGE local, foram construídos os conglomerados onde seriam distribuídos os questionários. Os conglomerados foram montados agrupando-se os setores censitários de acordo com sua posição geográfica. Para se definir quantas entrevistas seriam feitas em cada região, foi estabelecido um peso a cada conglomerado, segundo o número de habitantes.

Uma vez definidos os conglomerados, cada quadra foi numerada. As quadras sorteadas foram marcadas e em cada uma delas o entrevistador deveria escolher uma residência a cada cinco, ou seja, entrevistaria uma residência e desprezaria outras quatro. Se, eventualmente a residência escolhida não pudesse ser entrevistada por qualquer motivo, o entrevistador deveria dirigir-se à residência ao lado e continuar a seleção como antes.

Ao final da primeira etapa da pesquisa em Criciúma, foram efetivamente entrevistadas 2.695 residências, ou 10.616 pessoas, o que corresponde a aproximadamente 7% da

² Os modelos de formulário aplicados durante o trabalho de campo estão em anexo.

população da sede municipal. Foram encontrados 227 domicílios onde pelo menos um integrante contava com experiência migratória internacional. Como havia domicílios com mais de um migrante, foram contabilizados 343 migrantes, número inferior ao que se desejava inicialmente. Como um eventual retorno ao campo revelou-se inviável, optamos por ampliar a margem de erro de 5% para 5,3% e finalizar a primeira etapa. Dessa forma, podemos afirmar que 3,2% da população da sede municipal de Criciúma são migrantes internacionais, com um intervalo de confiança de 95% e erro máximo de 5,3%. Esse número é muito inferior ao encontrado para a sede municipal de Governador Valadares, cuja população com experiência migratória internacional perfaz 6,7% da população total, como vimos antes.

Os entrevistadores foram instruídos a coletar informações, nos próprios domicílios entrevistados, sobre outros domicílios com migrantes internacionais. Obtivemos, dessa forma, um número extra de domicílios a serem visitados na etapa seguinte. A segunda etapa, por se tratar do mesmo procedimento aplicado em Maringá, será descrita adiante, no item coleta de dados.

Maringá

Em Maringá, o universo alvo era a população de descendentes de japoneses. Dessa forma, era necessário localizarmos, inicialmente, os domicílios onde pelo menos um integrante tivesse ascendência japonesa. Para chegarmos a esses domicílios, com a ajuda de uma pessoa qualificada, buscamos e selecionamos na lista telefônica municipal os assinantes com sobrenome tipicamente japonês para visita posterior.

Foram selecionados e visitados 3.391 domicílios em Maringá, dos quais somente 1.093 atenderam aos entrevistadores e estavam qualificados para a entrevista. Dentre os domicílios entrevistados, 516 tinham pelo menos um migrante internacional. Da mesma forma que no levantamento realizado em Criciúma, muitas residências tinham mais de um migrante internacional, de forma que contabilizamos 1.068 indivíduos com experiência migratória internacional.

De acordo com esse levantamento, 47,2% dos domicílios, nos quais pelo menos um integrante tem ascendência japonesa, têm migrantes internacionais. Também podemos dizer que 25,6% da população nipo-brasileira de Maringá são migrantes internacionais. Essas porcentagens não foram obtidas através de uma amostragem completamente aleatória, pois o universo compõe-se somente de indivíduos possuidores de linhas telefônicas. Acreditamos, no entanto, que os números obtidos por meio de uma amostragem aleatória não seriam muito diferentes dos apresentados, os quais indicam o altíssimo índice de migração encontrado na população estudada.

Coleta de Dados em Criciúma e Maringá

O instrumento de coleta de dados, aplicado na segunda fase da pesquisa nas duas cidades, foi estruturado com base no questionário aplicado em Governador Valadares, e ainda a partir de questões levantadas em pesquisas qualitativas sobre a migração internacional de brasileiros.

Foi construído inicialmente um questionário provisório, a fim de ser ajustado durante a fase de pré-teste, na qual foram entrevistadas 40 residências de migrantes internacionais indicadas propositalmente. Esse procedimento permitiu a adequação de questões formuladas previamente, tornando-as mais claras e objetivas para o informante.

O questionário definitivo foi estruturado em 5 partes. A primeira correspondeu à identificação do domicílio, informante e entrevistador. A segunda parte reuniu informações sobre todos os integrantes do domicílio, tais como idade, sexo, escolaridade e condição de presença. As partes 3, 4 e 5 foram direcionadas exclusivamente aos indivíduos com experiência migratória internacional e correspondem ao histórico migratório, às características da primeira viagem e à experiência migratória como um todo, respectivamente.

O mesmo modelo de questionário foi aplicado nas duas cidades, o que torna a comparação entre as duas amostras um processo simples e direto. A aplicação do questionário demorou em média 25 minutos, facilitando a cooperação do respondente e evitando a inutilização de entrevistas já iniciadas.

A equipe de campo reuniu um coordenador geral, dois supervisores e uma média de 20 entrevistadores em cada cidade. Os entrevistadores foram selecionados em universidades locais, entre estudantes de graduação. Eles receberam e estudaram detalhadamente o manual de instruções, elaborado especificamente para o *survey*. Realizamos reuniões sistemáticas para o treinamento da equipe, visando esclarecer todas as dúvidas quanto aos itens do

instrumento e objetivos da pesquisa. Várias situações foram simuladas em exercício para facilitar a compreensão da organização interna do questionário.

O trabalho da equipe foi facilitado por uma divulgação anterior sobre a pesquisa, tanto pela imprensa escrita como pelas emissoras de TV locais. O efeito da divulgação por parte da imprensa foi positivo, diminuindo a resistência à abordagem dos entrevistadores. A receptividade variou entre os domicílios, sendo melhor nos bairros de classe mais baixa.

A codificação dos questionários foi realizada por pessoal qualificado e familiarizado com o instrumento. Essa etapa exigiu novas reflexões sobre a organização das questões, pois respostas inesperadas surgiram em casos esporádicos. Depois de reconfigurado, o novo padrão de respostas possíveis recebeu a codificação definitiva. A inserção dos dados foi realizada pela de dupla digitação, do mesmo modo que ocorreu com o *survey* de Valadares. Este banco está instalado no NEPO – Núcleo de Estudos de População, disponível para qualquer consulta. Todas as referências que aparecerem neste trabalho sobre esse banco de dados serão citadas como “Sales 2001”.

Capítulo I

Perspectivas teóricas para o caso brasileiro

O movimento de brasileiros para outros países, de forma consistente e com volume expressivo, é um processo recente e semelhante à maioria dos atuais fluxos internacionais laborais. Tais fluxos apresentam novas características, principalmente no que diz respeito aos vetores de migração (origem-destino) e ao modo de incorporação na sociedade de destino, que desafiam a teoria econômica tradicional. O período de migração pós-industrial, surgido durante a década de 60, marcou seu início pela expansão da diversidade entre as regiões receptoras e expulsoras de população, além da mudança da reserva de mão-de-obra migrante, que antes se encontrava na Europa e agora afluí dos países em desenvolvimento (Castles e Miller, 1993).

A abordagem teórica adotada para explicar as migrações internacionais nos últimos 50 anos não mais parece adequada para as atuais características do fenômeno, e os estudiosos passaram a questionar as duas bases sobre as quais os modelos precedentes foram construídos. No nível micro, o questionamento se refere ao conceito de atores racionais que respondem às diferenças econômicas entre países. No nível macro, o problema está no modelo de atração e expulsão, o qual vê a migração como um fator de equilíbrio entre demanda e oferta de trabalho. Apesar do vigor que ainda demonstra, o aparato conceitual da economia neoclássica necessita de ajustes para flexibilizar a primazia dos motivos econômicos.

Sobrepondo-se simultaneamente aos mecanismos de mercado e aos processos de decisão para migrar, o conceito de capital social oferece respostas baseadas na visão conjunta dos níveis macro e micro, incorporando vários elementos teóricos de correntes de pensamento

que concorrem ou se complementam. Nas páginas seguintes demonstraremos a aplicabilidade dessa idéia e justificaremos seu poder explicativo na análise do caso brasileiro.

A teoria econômica mais citada e questionada nesse campo, a perspectiva neoclássica, considera a migração como resultado de decisões individuais, nas quais a motivação para emigrar decorre da avaliação feita por atores racionais que buscam as maiores vantagens. O indivíduo migra porque espera um retorno financeiro que supere os gastos com a mudança e com investimentos em capital humano. Dessa forma, ao aumento da renda no destino deveria corresponder o aumento do volume migratório e vice-versa. No entanto, essa visão não obedece à realidade: sem qualquer aumento do nível salarial nos países desenvolvidos, o número de candidatos à migração internacional tem aumentado de forma consistente. Na verdade, “(...) durante as últimas duas décadas a média salarial nos Estados Unidos declinou em termos reais, enquanto que a imigração tem se expandido” (Massey et al, 1998; p. 9).

Uma consequência lógica da idéia de que emigração resulta da desigualdade entre países é que o volume da migração internacional seria diretamente proporcional à medida de diferença socioeconômica entre eles. Se fosse verdade, haveria mais países na categoria de “origem” do que vemos hoje. De fato, alguns poucos países são responsáveis pela grande maioria dos fluxos migratórios internacionais, e não são as nações mais pobres nem as menos desenvolvidas. Essa teoria parece explicar mais o potencial para migrar do que os fluxos reais, já que desconsidera outras dimensões do processo que não a econômica. Além de apresentar uma deficiência importante na utilização de critérios analíticos, o modelo da escolha racional necessita de sua contraparte no nível macro, a teoria da atração e expulsão, que sofre questionamentos semelhantes.

Apesar de sempre figurar na posição de alvo para os que estudam migração internacional contemporânea, a teoria do *push and pull* é uma importante referência quando organizamos o instrumental técnico para a análise desse tipo de movimento populacional. Os fatores de atração e repulsão sempre constituirão elementos fundamentais na explicação do processo migratório em nível macro e devem ser buscados pela sua potencialidade de

correlação. O determinismo econômico em que esse modelo se baseia, entretanto, deve ser propriamente relativizado.

A explicação dos movimentos migratórios internacionais, segundo esse modelo, deve ser encontrada na desigualdade econômica entre os países. Nessa perspectiva, o aumento da demanda por trabalhadores e a melhor remuneração nos países industrializados constituem os principais fatores de atração; pobreza, altos níveis de desemprego e salários mais baixos, por outro lado, estão relacionados aos fatores de expulsão. Dessa forma, a migração atuaria como um elemento de equilíbrio socioeconômico entre os países de origem e destino dos fluxos.

A aplicação paradigmática dessa teoria é creditada a Thomas Brinley (1973), que estudou as grandes ondas migratórias do período industrial. Ele mostrou a associação entre as oscilações na economia britânica e a sucessão de grupos emigrantes que chegavam aos Estados Unidos, explicando a mobilidade da população pelos fatores de atração e expulsão que se alternavam nos dois extremos do fluxo. Dentre os fatores de expulsão, as crises no mercado de trabalho nos países pobres tornaram-se um incentivo crônico para a migração e, em certa medida, descolados de ciclos econômicos, funcionando como catalisador da migração até os dias atuais (Massey et al, 1998). Quanto ao principal fator de atração - os programas de recrutamento - a mudança verificada justifica uma intervenção nesse aparato teórico. Além de terem interrompido tais programas, os países de destino atualmente tentam regular o afluxo de imigrantes por intermédio de políticas de admissão restritivas, fato raro no período industrial. Dessa forma, o controle fronteiriço e as políticas restritivas, ao impedirem a livre circulação da força de trabalho, reduzem a aplicabilidade desse modelo econômico de análise.

Embora o controle de fronteiras e as políticas restritivas diminuam, de fato, o fluxo de imigrantes, as barreiras nunca são totalmente efetivas e por determinados canais se avoluma o número de entradas, sempre superior às expectativas depositadas nas políticas imigratórias dos governos. Podemos dizer, então, que a teoria da atração e expulsão concentra-se em padrões e processos migratórios que ocorreriam na ausência de obstáculos legais e políticos ou de redes migratórias que burlam o esquema institucional. No atual contexto, entretanto,

consideramos que a distância entre o potencial e a realização do ato de migrar é medida também por estruturas sociopolíticas nacionais e transnacionais (Massey et al, 1998).

O início dos maiores fluxos migratórios de longa distância de trabalhadores brasileiros poderia, a princípio, ser explicado por essa teoria. A crise econômica que diminuiu as expectativas de ascensão, ou mesmo de manutenção do *status* social da população brasileira na década de 80, associada ao bom desempenho econômico dos países desenvolvidos, estimulou a emigração daqueles que perceberam a oportunidade de realizar seus projetos de vida trabalhando em outro país. Essa explicação, entretanto, apenas toca a superfície de processos sociais muito mais complexos, que provocam inúmeras questões relevantes. Quais particularidades do mercado de trabalho na região de destino operam para atrair os migrantes? Por que somente algumas áreas do território nacional apresentam altos índices de emigração? Quais fatores influenciam a distribuição e adaptação da população imigrante? Essas e outras perguntas levaram os estudiosos de migração a formularem novos aparatos conceituais, incorporando abordagens alternativas para o melhor entendimento da migração internacional recente.

Contrapondo-se ao modelo neoclássico, pois desloca o foco da escolha racional para as demandas laborais específicas às sociedades industriais modernas, Piore (1979) propõe a teoria da segmentação do mercado de trabalho. De acordo com esse autor, a migração internacional é causada por uma demanda constante por mão-de-obra pouco qualificada, inerente à estrutura econômica das nações desenvolvidas. Em outras palavras, a imigração não é causada por fatores de expulsão nas sociedades de origem, mas por fatores de atração nas sociedades de destino. A bifurcação no mercado de trabalho seria uma consequência do capitalismo moderno, que cria um mercado de trabalho primário que gera empregos com altos salários, ótimos benefícios e boas condições de trabalho, e um secundário, caracterizado por instabilidade, baixos salários e condições de trabalho ruins. Satisfazendo a demanda pelos empregos rejeitados pelos nativos, os imigrantes são conduzidos para o setor secundário desse mercado.

Ao utilizar esse modelo para analisar a comunidade de cubanos em Miami, Portes e Bach (1985) mostraram evidências de um terceiro setor que mescla características dos mercados primário e secundário. Denominado de enclave étnico, esse âmbito proporciona retorno financeiro que premia o investimento em capital humano, permitindo uma mobilidade socioeconômica ascendente real, ainda que as condições de trabalho não sejam as melhores. Não é essa a realidade dos brasileiros no exterior retratada nos trabalhos publicados. Na grande maioria dos casos, os imigrantes assumem os postos no mercado secundário, compensando os baixos salários com jornada dupla ou tripla, mas sem perspectivas de ascensão social no destino (Scudeler, 1995; Sales, 1999; Martes, 1999; Sasaki, 2000; Fusco, 2000). Nem todos os imigrantes formam enclaves étnicos, visto que são necessárias circunstâncias especiais de concentração geográfica e seletividade da população migrante (Logan et al, 1994). No entanto, algumas comunidades brasileiras nos Estados Unidos já comportam uma pequena elite empresarial que empregam os conterrâneos. Com o passar do tempo, é possível que a população imigrante amplie a demanda por produtos culturais ou serviços étnicos, o que favoreceria ainda mais essa mesma população na obtenção de empregos no interior da comunidade.

Mesmo levando em conta a restrição do recorte espacial assumido por esse modelo, pois somente os atributos da região de destino são considerados na análise, seu alcance para a compreensão do caso brasileiro torna-se limitado ao desconsiderar fatores de natureza diferente da econômica. A segmentação do mercado de trabalho pode estimular a migração de forma institucional, como é o caso dos *dekasseguis*³ que buscam emprego por meio das agências de recrutamento, ou de maneira informal, pela emergência de nichos ocupacionais onde os brasileiros ganham espaço, como é o caso da faxina nos Estados Unidos (Martes, 2000). Seja como for, a obtenção de emprego no destino é um desafio para qualquer imigrante, e uma fonte de informações precisa e segura sobre trabalho é um bem inestimável para quem compete em mercado tão específico. Os contatos pessoais no interior ou entre grupos proporcionam o acesso a tais informações, podendo favorecer os membros de redes

³ Esse termo corresponde ao indivíduo de ascendência japonesa que migrou ao Japão para trabalhar.

sociais que tenham a habilidade de utilizar seus mecanismos de apoio. Uma discussão mais detalhada sobre redes sociais, entretanto, será apresentada mais adiante.

Apesar de largamente utilizado pelos estudiosos da migração⁴, o modelo de Piore foi inspirado na teoria das *sociedades industriais*, perdendo com isso elementos importantes que emergiram no atual processo de reorganização da economia mundial. Um de seus pilares, o recrutamento ativo da mão-de-obra imigrante, não é mais a força de atração predominante nos países de destino. Segundo Portes (1995; p. 21) a migração internacional contemporânea corresponde ao aumento da integração de sociedades periféricas na economia global e ao crescente interesse dessas populações por oportunidades no exterior. Esse autor concorda com o conceito segmentação do mercado de trabalho e reconhece que a população imigrante ocupa um lugar específico nesse campo, tendo até mesmo utilizado o modelo como citado acima. Entretanto, Portes critica a falta de uma perspectiva mais ampla, que leve em conta as regiões de origem e destino como um sistema, uma vez que a reorganização econômica internacional desequilibra a estrutura própria de cada unidade do sistema global, provocando a migração da força de trabalho. Se, nas primeiras décadas do século passado, grandes contingentes de imigrantes eram recrutados ativamente para dar conta do desenvolvimento industrial emergente, atualmente é a penetração econômica e cultural dos países ricos que estimula a emigração nas nações periféricas (Portes, 1995).

Sassen (1988) desenvolve uma linha de raciocínio semelhante, que liga a reestruturação industrial de países centrais à aceleração de movimentos de saída de trabalhadores dos países periféricos. Segundo essa perspectiva, o movimento do capital industrial em direção às regiões em desenvolvimento, buscando redução de custos na produção e ampliação do mercado consumidor, provoca desorganização na estrutura tradicional da sociedade receptora desse capital, causando o desenraizamento de parte da população; a exposição dessa sociedade aos padrões econômicos e culturais do primeiro mundo estimula o movimento de pessoas na direção inversa.

⁴ Uma coleção expressiva de testes que utilizaram o modelo da segmentação do mercado de trabalho pode ser encontrada em Massey et al. (1998).

Ao analisar a migração de países do Caribe e do sudeste Asiático para os Estados Unidos, Sassen (1988) encontra evidências empíricas que corroboram a “teoria dos sistemas mundiais”, pois os imigrantes que chegaram aos Estados Unidos partiram de locais onde foram realizados importantes investimentos norte-americanos para o desenvolvimento de indústrias direcionadas à exportação e que utilizam trabalho intensivo. Esse modelo, no entanto, dificilmente ajudaria a explicar o caso brasileiro. Segundo Sales (1999), o Brasil beneficiou-se da entrada de capital estrangeiro para o desenvolvimento de seu parque industrial, mas a mobilização do trabalho que resultou ficou restrita ao território nacional. Martes (1999), afirma que, apesar do volume importante de recursos financeiros que entrou no país, o aporte de investimentos estrangeiros foi inversamente correlacionado à saída de brasileiros. Segundo essa autora, a entrada de investimentos externos no Brasil decresceu entre 1982 e 1994, período que compreende o início e expansão dos fluxos emigratórios internacionais a partir do Brasil.

Uma forma coerente e lúcida de analisar o surgimento de uma parcela da população disposta a enfrentar os desafios de viver e trabalhar em outras terras pode ser encontrada no trabalho de Sales (1999; p. 30-36). Ao associar as consequências de momentos como a crise internacional do petróleo e a maxidesvalorização da moeda nacional em 1979, a moratória do México em 1982, a expectativa gerada com a abertura política em 1985, e as tentativas frustradas de controlar a inflação com planos econômicos ineficientes, o argumento de Sales explicita como um segmento da população fica desiludido com a situação do Brasil e decide buscar melhores oportunidades em outro país. A saída dessas pessoas, no entanto, não ocorre de modo uniforme pelo território brasileiro. Tampouco os locais de destino estão distribuídos de forma proporcional nos países desenvolvidos. Conforme atestam vários trabalhos (Sales, 1999; Assis, 2004; Soares, 2001; Martes, 1999; Fusco, 2000; Sasaki, 1997), as redes migratórias canalizam os fluxos de determinados locais no Brasil para pontos específicos de destino no exterior.

A cidade mineira de Governador Valadares, retratada continuamente como símbolo nacional da emigração, é o melhor exemplo da presença de redes sociais que ligam origem e destino. Em um trabalho anterior pudemos mostrar que a população dessa cidade apresenta

uma alta concentração de emigrantes⁵, considerando a média estimada para o Brasil (Fusco, 2000). Também foi constatado que alguns poucos locais nos Estados Unidos eram responsáveis pelo maior índice de chegada desses migrantes, com destaque para a região de Boston, Massachusetts. Outros trabalhos mostram conexões semelhantes, como os goianos em São Francisco (Ribeiro, 1999), ou os cariocas em Miami (Capuano, 2003). Esse predomínio de alguns locais sobre outros na participação de deslocamentos internacionais da população, para os quais não se correlacionam forças coercitivas de expulsão ou recrutamento institucional de trabalhadores, explicita a presença de redes migratórias no processo.

O papel das redes sociais na migração internacional absorveu grande atenção dos pesquisadores que criticam a perspectiva neoclássica (Massey e Espinosa, 1997; Portes, 1995; Tilly, 1990; Boyd, 1989; Massey et al, 1987). Caracterizada, geralmente, de forma diferente dos condicionantes que provocam o início dos fluxos migratórios, as *social networks* estão atreladas à manutenção e expansão do movimento. Segundo Massey (1998, p. 42):

“Embora os diferenciais de renda, a diversificação de riscos, os esforços de recrutamento e a penetração do mercado possam continuar a estimular o movimento das pessoas, novas condições que surgem no curso da migração parecem funcionar como causas independentes: as redes migratórias se expandem, instituições que apóiam o movimento transnacional se desenvolvem, e o significado social do trabalho muda nas sociedades de destino. A consequência usual dessas transformações é a ampliação dos fluxos, levando à perpetuação da migração internacional através do tempo e do espaço”.

As redes migratórias são constituídas por laços que conectam migrantes, migrantes pioneiros e migrantes em potencial nas áreas de origem e destino por meio de relações de parentesco, amizade e origem comum (Massey et al, 1998). De acordo com Portes (1995, p. 8), as redes são importantes na vida econômica porque são fontes para aquisição de meios escassos, como capital e informação, e porque simultaneamente impõem constrangimentos efetivos à busca de metas pessoais. Ou seja, os mecanismos que operam nas captações de

⁵ A primeira fase da pesquisa de campo revelou que 6,7% da população urbana de Governador Valadares tinham experiência migratória internacional, enquanto que a média nacional era de 1,5%.

recursos, realizadas por intermédio de conexões sociais, facilitam o projeto de migrar e a adaptação no destino, ao mesmo tempo em que submete e limita o imigrante ao código social próprio da comunidade em que está inserido. No entanto, apesar da crescente utilização dos termos que representam as estruturas reticulares, pelas quais transitam bens de diversos tipos, o conceito de redes tem passado por questionamentos que buscam aperfeiçoá-lo.

Soares (2002) reconhece a importância das redes ao revisar vários estudos sobre migração internacional, mas reclama que os discursos não passam de uma representação metafórica de redes sociais, e que existe certa sinonímia entre os conceitos de rede social, rede pessoal e rede migratória, pois “(...) a rede social apresenta-se como manifestação de redes pessoais cotidianas ancoradas em relações sociais de parentesco e de amizade” (Soares, 2002, p.23). Uma outra crítica incide diretamente na metodologia de análise utilizada por Douglas Massey (1987), pelo fato de que este autor utiliza atributos individuais para estudar os mecanismos de uma estrutura (rede). No que se refere ao questionamento da precisão do termo, consideramos que sua utilização não compromete as análises, já que os trabalhos o empregam no intuito de expressar conexões sociais existentes no processo migratório. Os termos rede social e capital social são metáforas: o primeiro é uma metáfora sobre forma e o segundo sobre vantagem. Existe, sim, certa sinonímia entre os conceitos, uma vez que essa expressão também relaciona termos de conteúdo próximo: rede pessoal e rede migratória são tipos de rede social, como afirma o próprio autor (Soares, 2002; p. 39). Ao diferenciar rede pessoal de rede migratória pelo distanciamento temporal – a rede pessoal precede a migração e é adaptada a ela – Soares acaba por demonstrar o trânsito estreito entre esses conceitos. Um exemplo claro seria a rede pessoal ou migratória de um brasileiro vivendo no exterior: em sua rotina de trabalho e de convivência comunitária no destino é sua rede pessoal que está em foco; se o mesmo indivíduo, utilizando seus laços com a origem, facilita a chegada de um novo migrante ou prepara as condições para seu retorno, passamos a falar em rede migratória. Não existe, portanto, uma transformação real de rede pessoal em rede migratória. O mesmo conjunto de relações sociais que fazem parte do cotidiano de qualquer indivíduo ou grupo pode ser utilizado na transferência de recursos que alterem a decisão de migrar, mas nesse caso adotamos o termo “rede migratória”.

Com relação à crítica sobre a metodologia adotada por Massey, Soares (2002; p. 24) argumenta que a simples agregação de atributos não pode dar conta das propriedades que emergem das relações. Os atributos, afirma o autor, são inerentes à unidade e não consideram as relações dessa mesma unidade com outras, nem com o contexto social no qual são observados. Mas quando analisamos a posição dos atores na estrutura das redes, os atributos individuais são importantes, tais como os papéis de gênero (sexo), a geração do migrante (idade), a influência do poder econômico (renda) etc. A incorporação de alguns desses atributos em análises do próprio autor (Soares 1995; 2002) acaba por demonstrar a relevância de certos predicados. Concordando com Massey, o que certamente não se confunde é a análise das redes com a caracterização dos agentes.

Outros problemas referentes à conceituação de redes sociais podem ainda ser mencionados. Em primeiro lugar podemos citar a idealização da comunidade, e as relações que emergem nesse espaço, consoante à concepção dominante de sociedade camponesa na literatura sobre desenvolvimento. As redes sociais são aceitas como resultado de laços humanos universais (Massey et al, 1987) ou de relacionamentos afetivos circunscritos localmente, governados por normas informais de reciprocidade e apoiadas em interações pessoais freqüentes. Em segundo lugar, espera-se que as redes ampliem as oportunidades de migração por toda a comunidade, chegando a ponto de proporcionar acesso geral a todos os membros (Caces et al, 1985; Massey et al, 1987). Consideramos essa perspectiva inadequada, uma vez que, com relação ao primeiro caso, o conceito não deve ficar limitado às interações sociais cotidianas e de conexão direta no interior de uma comunidade, pois, na prática, ele inclui contatos sociais indiretos mantidos e utilizados mesmo através de grandes distâncias. Depois, parece evidente que o acesso às oportunidades para migrar não é disponibilizado de forma homogênea numa comunidade, pois as redes podem se tornar mais seletivas e competitivas enquanto se expandem (Lindquist, 1993).

Essas questões pontuais estão longe de esgotar a discussão que se engendra para aperfeiçoar o conceito de redes e descrever seus mecanismos, mas elas são suficientes para evidenciar o aprimoramento necessário para sua utilização neste estudo de caso. Nossa intenção aqui é mostrar que os estudos sobre migração internacional de brasileiros,

especificamente para os Estados Unidos, são apoiados por um instrumental mais eficiente quando trazemos o foco para os laços que formam a rede social e para os recursos que transitam por esses laços, o capital social.

As relações sociais, entendidas como laços que conectam pessoas no interior de grupos, constituem a própria estrutura da rede social. É por meio destas relações que os atores sociais interligam seus recursos e necessidades. Essa abordagem possibilita a conexão de outras dimensões de análise, transitando entre a visão micro e a macro. As abordagens baseadas na escolha racional, por exemplo, afirmam que decisão sobre migrar é prerrogativa de atores individuais (pessoas ou domicílios), que pesam os custos e benefícios envolvidos (Borjas, 1990; Coleman, 1990). Não em oposição, mas em complementação, as teorias dos sistemas migratórios enfatizam que estas decisões são sempre tomadas dentro de contextos (econômicos, políticos e culturais) específicos, associados a fatores estruturantes (Sassen, 1988). Dessa forma, o conceito de capital social permite uma abordagem compreensiva, pois serve de ligação entre os atores individuais e o contexto social mais amplo, onde tais atores movimentam demandas e ofertas de recursos por meio de seus laços.

A utilização dos conceitos de capital social como recurso, demandado ou disponibilizado, e de rede social, como canal de circulação para tais recursos, não é uma novidade. Ao visitar estudos recentes, Portes (1998, p.3) reconhece que Pierre Bourdieu elaborou a primeira análise contemporânea a respeito de capital social, mais refinada e próxima do que conhecemos hoje, em 1980, definindo-o como o conjunto de recursos reais ou potenciais ligados à posse de (ou pertencimento a) uma rede estável de relações institucionalizadas de reconhecimento mútuo (Bourdieu, 1980). Apesar de seu pioneirismo, Bourdieu não teve amplo reconhecimento a respeito do trabalho em questão, pelo fato de que o artigo foi publicado em francês, não em inglês, segundo Portes (1998). Foi Coleman quem recebeu maior atenção com sua definição do capital social a partir de sua função, a qual não é atribuída a uma entidade única, mas a uma variedade de entidades com, pelo menos, dois elementos em comum: correspondem a algum tipo de estrutura social e facilitam as ações dos atores (Coleman, 1988, p.S98). Esta é somente uma síntese da definição de Coleman, a qual

merece uma imersão mais profunda para que se conheçam todos os elementos trazidos por ele em sua estrutura argumentativa.

Os laços ou conexões que compõem as redes sociais foram a matéria-prima de inspiração para Mark S. Granovetter quando ele produziu seu artigo “A força dos laços fracos” em 1973. Para este autor, a força, ou vigor, de uma conexão entre pessoas é a combinação de duração temporal, intensidade emocional, nível de intimidade (ou confiança) e as trocas mútuas de serviços (favores) que caracterizam tal laço. Assim, laços fortes estão relacionados a longos períodos de compromisso entre as pessoas envolvidas e grande similaridade entre elas (Granovetter, 1973, p.1362). Em contraste, a relação entre “conhecidos”, ou entre alguém que pode ser alcançado por um amigo ou parente, mas que, de fato, ainda não está em contato, é considerado um laço fraco. Mesmo que Granovetter não use o conceito de capital social, ele afirma que os laços fracos são fundamentais para indivíduos terem acesso a oportunidades (principalmente no que se refere a emprego) e para se integrarem a comunidades. Para nossa argumentação, as oportunidades referidas por Granovetter podem ser traduzidas como uma parte dos recursos do capital social. O motivo é que um grupo de pessoas que se conectam por meio de laços fortes pode ser considerado como um meio saturado, ou seja, não há circulação de informações novas, a não ser que um dos pontos (um indivíduo) desta rede traga, de fora (por meio de uma conexão fraca), tal novidade. Em estudos sobre migração internacional, percebe-se claramente a importância do acesso a informações relevantes, como oportunidades de empregos, para a inserção do indivíduo na comunidade de destino (Sales, 1999; Fusco, 2002; Martes, 2000; Soares, 2002; Assis, 2004). Assim, concordamos com Granovetter quando ele propõe que são as conexões fracas, de “amigos de amigos”, por exemplo, as maiores responsáveis pela difusão de oportunidades entre os membros de uma comunidade ou grupo social. Também devemos reconhecer que, no momento em que uma oportunidade chega a um grupo por meio de um laço fraco, a força dos laços inerentes ao grupo proporciona a circulação imediata da informação em questão.

Além dos laços sociais que se traduzem como relações de parentesco, amizade ou vizinhança, as quais refletem contatos mais ou menos contínuos ao longo do tempo, deve-se, também, considerar os laços simbólicos como outro tipo de conexão por onde o capital social

pode circular. Neste caso, o pertencimento, por alguma forma de identidade, a um grupo pode mobilizar recursos sem que, necessariamente, haja contato prévio entre os envolvidos. Assim, pessoas que compartilham representações, crenças, linguagem, nacionalidade, ou outro elemento que promova a ligação entre pessoas para conformar um grupo, estarão ligadas por laços simbólicos. Tratando do aspecto que mais nos interessa, uma das principais funções dos laços simbólicos em comunidades é integrar uma população de estrangeiros, que de outra forma ficaria invisível (Faist, 2000). Em consonância com essa condição, Margolis (1994) descreve a comunidade “invisível” dos brasileiros em Nova York, devido à falta de um espírito comunitário entre os brazucas⁶. Esta característica da comunidade de brasileiros no exterior será mais explorada adiante.

As instituições religiosas representam para as comunidades em geral, mas especialmente para aquelas com baixo capital financeiro e/ou humano, um dos tipos mais importantes de instituição social civil que se baseia em laços simbólicos (Saegert et al, 2001). Elas têm historicamente ajudado a manter famílias e a vida comunitária, ou seja, elas têm ajudado pessoas em condições adversas a viver melhor. As igrejas nos Estados Unidos também ajudam a melhorar as condições dos imigrantes brasileiros, pois se apresentam como espaço seguro para solidariedade, amizade e confiança (Martes, 2000). Mas as comunidades religiosas dividem essa tarefa com grupos mais restritos, não institucionais, da população migrante.

Os fluxos migratórios tendem a se expandir principalmente quando informações e outros recursos transbordam para redes e grupos mais amplos. No interior de grupos de parentes o potencial para migrantes é geralmente esgotado de forma rápida, devido ao tamanho limitado do grupo. Indicado como fator determinante da consolidação de fluxos migratórios internacionais em alguns estudos (Massey et al, 1987; Faist, 2000), o extravasamento do alcance das relações sociais para além do sistema mais restrito de parentesco (ou de amizades) é um requisito para que o processo migratório adquira volume e se auto-alimente, tornando o fluxo menos dependente de fatores estritamente econômicos para sua sustentação.

⁶ Utilizamos o termo “brazuca” para caracterizar o migrante brasileiro nos Estados Unidos.

O argumento de que o conceito de capital social pode ser um elemento de conexão entre os níveis de análise micro e macro é importante para esta argumentação. Assim, ao associarmos a possibilidade de uso dos recursos do capital social por indivíduos (ou grupos) com a definição de Bourdieu (1983), segundo a qual o capital social emerge do pertencimento a uma rede social, podemos falar de uma ferramenta que estabelece a perspectiva no nível intermediário. Ampliando essa reflexão, podemos dizer, então, que o capital social apresenta duas características: de um lado, configura-se como um recurso para indivíduos ou grupos; de outro lado, o capital social exerce influência na estrutura social que pode facilitar a cooperação e integração, ou constringer e controlar dos membros de uma dada comunidade. Faist (2000, p.102) dirá que “capital social são aqueles recursos que ajudam pessoas ou grupos a atingirem seus objetivos (...) cristalizados em laços sociais e simbólicos (...) servindo como mecanismo de integração para grupos (sociais) e comunidades simbólicas”.

A possibilidade de um elemento que conecta oferta e demanda de recursos a grupo de indivíduos por laços simbólicos pode ser aplicada ao caso de membros de comunidades étnicas. Ainda que nesses tipos de comunidades serão identificados muitos indivíduos com redes sociais formatadas por laços de parentesco e de amizade, também serão encontrados laços estritamente simbólicos, com os quais os participantes se identificam diretamente e de forma estável. A importância dos laços que mantêm unidas as comunidades étnicas nos Estados Unidos é um tema de destaque para Alejandro Portes. Este autor afirma que os imigrantes que chegam àquele país desde o século XIX têm sido reconhecidos pela solidariedade existente entre seus membros e pelo sucesso em promover suas empresas. Este modelo, segundo Portes, se mantém até hoje, com base em forças similares. Dada a desvalorização de suas habilidades e de sua educação no mercado de trabalho do país de destino e em face da permanente discriminação dos nativos, os imigrantes têm poucos recursos, exceto o de se agregarem, para obterem apoio moral e sobrevivência econômica (Portes, 1995). Desse modo, as habilidades que mais contam para os imigrantes são aquelas relacionadas à mobilização dos recursos que circulam pelas redes nas quais estão inseridos.

O caso dos Dominicanos em Boston, que está longe de ser único ou o mais importante, é um bom exemplo para caracterizar a aplicação do conceito do capital social que circula por

redes na migração internacional atual, em oposição à corrente teórica da assimilação do migrante. Apesar das previsões de que os laços com a origem se enfraquecem ao passo que os imigrantes se adaptam no destino, em função da sua assimilação pela sociedade de destino, foi verificado um aumento gradual do número de conexões que eles desenvolviam com a comunidade que ficou para trás (Levitt, 1998). A proliferação desses laços transnacionais desafia a corrente teórica da assimilação dos imigrantes no país receptor e a noção convencional sobre o impacto da migração no modo de vida do país de origem. Embora o envolvimento contínuo dos migrantes com afazeres na origem não seja um fato novo, a facilidade para viajar, o desenvolvimento tecnológico, e outros fatores dessa natureza, tornam essas ligações mais fortes e duráveis que no passado.

Além da definição clara de capital social e de redes sociais, é importante que possamos compreender como funcionam os “motores” que fazem circular os preciosos recursos pelos canais apropriados, especialmente nos casos que envolvem migração internacional. Cabe, então, buscar os elementos que movem os indivíduos e grupos, no sentido de disponibilizar seus recursos (informações, oportunidades, favores) a outros, eventualmente esperando algum retorno, mas algumas vezes sem contrapartida financeira direta, e, muitas vezes, sem nada em troca.

Bourdieu (1980, p.2) afirma que “os lucros do pertencimento a um grupo são os fundamentos da solidariedade”, ainda que isso não signifique que esse processo se dê de forma consciente. Esta afirmação pode trazer certa ambiguidade, uma vez que a rede social não emerge naturalmente, mas é criada com o esforço e dedicação de seus componentes. Este mesmo autor diz que a transformação das relações, como as de vizinhança, trabalho ou parentesco em relações ao mesmo tempo necessárias e voluntárias, implica em obrigações subjetivamente estáveis. Ou seja, para que os frutos do capital social possam ser colhidos, uma parte dos laços da rede social mais extensa de determinado grupo deve ser constituída por pessoas que enxergam a obrigação de dar e receber como a função de uma estratégia, consciente ou não, de pertencimento e manutenção de seu grupo social. Uma das formas de ver essa norma social seria na figura da solidariedade, a qual seria, então, um dos

mecanismos que faz circular os estimados recursos do capital social pelas redes que ligam seus componentes.

Faist (2000) afirma que quando falamos da obrigação de dar e receber como um elemento que proporciona (ou facilita) as trocas em grupos sociais, nós estamos nos referindo às expectativas mútuas entre atores, associadas a laços sociais e baseadas em trocas de serviços (ou favores, oportunidades, informações) realizadas anteriormente, e cuja conclusão da negociação no passado pode estabelecer as possibilidades de haver ou não novas negociações no futuro. Este autor recorre a um vocabulário próprio de transações mercadológicas (no sentido do mercado econômico) para exemplificar seu ponto de vista. Sobre os migrantes, ele diz que diversas “moedas”, como felicidade, prestígio, influência e poder têm sido apresentadas como funcionalmente equivalentes a moedas não-econômicas. Seguindo sua estratégia, poderíamos dizer que as obrigações que os migrantes percebem e com as quais se comprometem são observadas no desenrolar das negociações entre os migrantes, migrantes potenciais, e não migrantes. Aqueles que proporcionam os recursos acumulam depósitos de capital social, e a garantia de que poderão receber está baseada na confiança adquirida em negociações de sucesso que ocorreram no passado. Assim, para que o risco do investimento seja superado pela maior probabilidade de ganho, o nível de confiança nos demais atores estará lastreado no ressarcimento recibo por trocas de bens, materiais ou não, realizadas anteriormente. Neste caso, faz mais sentido considerarmos essa norma social como reciprocidade e não solidariedade, já que o indivíduo que se dispõe a ceder os recursos espera um retorno, mesmo que não seja imediato.

Seguindo a argumentação de Faist (2000), podemos considerar que os participantes de determinado grupo social se distinguem em função da quantidade de recursos que pode ser proporcionada. Se um membro da comunidade garantiu serviços (ou favores, oportunidades, informações) a outros membros, a quantidade de capital social que ele detém é diretamente proporcional ao número desses serviços disponibilizados, ainda que a cobrança do capital em questão não seja realizada de forma direta e com prazo definido. O mesmo autor afirma que as pessoas que se dispõem a ajudar migrantes internacionais a realizar seus trajetos até o

destino, ou a encontrar oportunidades de emprego e moradia, também podem ter a expectativa de receber, como pagamento, recursos materiais, como dinheiro, e/ou não materiais, como poder e mobilidade social (Faist, 2000, p.105). Dito de outra maneira, é o sentimento de obrigação de retribuição, nestes casos, que é considerado o “motor” que faz o capital social circular. Mais uma vez, parece-nos que a tradução mais correta para esse comportamento é a reciprocidade.

O sentimento de obrigação deve estar presente em ambos os lados do processo do uso do capital social, ou seja, do lado de quem fornece (obrigação de prover) e de quem usa (obrigação de retribuir) os recursos inerentes ao pertencimento a grupos sociais. Além disso, a obrigação, como uma norma social, não é uniforme para todos os grupos, ou mesmo para todos os componentes de um mesmo grupo. Portes (1998) afirma que, em um nível mais amplo, podemos diferenciar as motivações para obedecer às normas sociais entre razões de consciência ou instrumentais. Com relação ao primeiro tipo, algumas pessoas obedecem às leis porque sentem a necessidade de satisfazer uma obrigação derivada de sua própria forma de ver o mundo e seu lugar na sociedade, pois é a coisa “certa” a fazer. Assim, a internalização de normas sociais na forma de solidariedade que torna viável esse comportamento é percebida por outros como um recurso a ser utilizado, ou seja, é o capital social pronto para ser “colhido”. Por outro lado, segundo Portes (1998, p.7), existe uma perspectiva “(...) da natureza humana na economia contemporânea que vê o capital social essencialmente como a acumulação de obrigações de outros de acordo com a norma da reciprocidade”, isto é, somente a expectativa assegurada da retribuição é que proporciona a disponibilidade dos valiosos recursos do capital social para o grupo.

A reciprocidade como norma social pode também ser verificada quando o que uma pessoa recebe de outra requer algum tipo de retorno mais ou menos específico. Apesar de vários trabalhos apresentarem alguma referência sobre essa norma, pouca atenção tem sido dedicada a como esse mecanismo, de fato, funciona (Malhotra, 2004). Falando sobre ética e moral, Zygmunt Bauman (1993) diz que a reciprocidade pode ser imediata ou tardia, específica ou generalizada. Se a situação a ser aplicada a norma reciprocidade não for uma transação estritamente econômica, esse mecanismo se refere à troca de favores com uma menor

precisão em termos de equivalência. Essa norma social tem uma importância destacada por ser um mecanismo associado ao capital social para o qual as obrigações deixam certa margem de interpretação, o que proporciona um padrão moral mais ou menos flexível para as respectivas negociações. No entanto, para que o processo de troca baseado em reciprocidade possa ser ativado, o nível de confiança entre os participantes deve ser maior que a expectativa de restituição do favor.

A ideia de reciprocidade específica não é a mais adequada para o caso do uso de capital social nas migrações internacionais, ao menos no caso brasileiro, pois a situação na qual os participantes trocam itens (ou favores) de valor equivalente, com termos de direitos e deveres explicitados e com prazo bem definido, não é freqüentemente observada. O que normalmente se constata nos casos de interesse para este trabalho é a reciprocidade generalizada e sem limite preciso de tempo para restituição do favor. Portes (1998, p.7) concorda que o prazo de retribuição de uma negociação de favores entre migrantes internacionais, mediada pelo capital social, normalmente não é especificado. Bauman (1993) dirá que o termo adequado para este mecanismo é reciprocidade pelo dom da dádiva, no sentido atribuído por Marcel Mauss, uma vez que o doador espera que, em algum momento no futuro, o favor será retribuído, ainda que não tenha prazo definido. Mas, ainda que a equivalência entre os valores seja menos precisa e o prazo de retribuição não seja bem delimitado, a reciprocidade como mecanismo de circulação do capital social deve ser observada, pois é a seqüência de eventos satisfatoriamente concluída que dá ao grupo a confiança necessária para seu uso continuado e seus efeitos benéficos para os membros do grupo e para a própria manutenção do grupo onde circulam os recursos.

Para ilustrar essas características de reciprocidade podemos imaginar alguém de determinado bairro de Governador Valadares que mudou para Boston e aparece na porta de um conterrâneo para pedir informações de emprego. O que foi favorecido pelo imigrante já estabelecido pode não retribuir o favor ao mesmo indivíduo, mas a outros recém-chegados de seu mesmo bairro; desta vez não para encontrar trabalho, mas lugar para morar. Este é um exemplo particular de reciprocidade geral. Além disso, não há uma retribuição simultânea, mas meses ou anos de intervalo. Os serviços trocados podem não ser os mesmos: o primeiro

migrante ajudou o conterrâneo a encontrar emprego, o segundo a encontrar habitação. E o beneficiário da segunda ação não foi o imigrante original, mas um outro do mesmo bairro no Brasil. Além disso, não existe um equilíbrio total da troca em termos de unidade contabilizável. Diversos elementos altamente interdependentes vêm no pacote. Preços não podem ser usados como medida para agregar os vários elementos do contrato, mas podemos considerar que a reciprocidade, como um mecanismo do capital social, reduz os custos de negociação utilizando normas sociais compulsórias.

Outro mecanismo que proporciona a circulação de recursos preciosos pelas redes dos migrantes internacionais é a solidariedade, a qual pode ser encontrada em grupos que compartilham laços sociais e simbólicos. Portes (1995) considera esse mecanismo como o mais eficiente, pois as sanções coletivas proporcionam a base para a confiança de que o usuário cumprirá suas obrigações, ao mesmo tempo em que os benefícios estimulam a permanência na comunidade. Em diversos contextos, a solidariedade desempenha um importante papel, como em sistemas de parentesco ou em comunidades étnicas, abrangendo até coletividades religiosas. É importante destacar que as atitudes altruísticas, como também podem ser definidas as atitudes solidárias, não são universais, mas restritas aos limites da comunidade ou coletividade. Assim, somente os membros da mesma comunidade podem se apropriar dos recursos disponíveis na forma do capital social (Portes, 1995, p.8). Dessa maneira, atribuímos à identidade social a função de dar ao indivíduo a certeza de pertencimento ao grupo, ao mesmo tempo em que o mesmo indivíduo recebe e internaliza uma série de normas de comportamento para sua adequada socialização no grupo correspondente.

Com a categoria de identidade social podemos perceber como as comunidades têm definido no campo do imaginário social as possibilidades de ação de seus membros e quais práticas sociais são legítimas. De modo geral, define-se socialização como a internalização de idéias e valores estabelecidos coletivamente e a assimilação de papéis e de comportamentos socialmente desejáveis. Significa, portanto, a incorporação de cada homem a um sentimento de identidade maior que a do próprio indivíduo. É importante associar de maneira correta a

socialização à cultura: esta se encontra profundamente ligada à estrutura social, enquanto que a socialização pode ser associada à transmissão de padrões culturais.

Segundo Faist (2000), a base mais importante para a solidariedade são as representações coletivas, que são crenças, opiniões e símbolos compartilhados, as quais podem ser expressas em algum tipo de identidade e se referem a uma ação realizada de forma harmônica. As representações coletivas são sempre mais complexas que as atividades individuais e se tornam independentes dos indivíduos do grupo do qual emergiu. Além disso, ajudam a organizar e dar sentido ao mundo, ao mesmo tempo em que expressam, simbolizam e interpretam os laços sociais e simbólicos. Visto dessa forma, a solidariedade como mecanismo de mobilização do capital social pode ser direcionada a um grupo de parentes, ou pode se expandir para formas mais amplas e gerais, para comunidades étnicas ou simbólicas. O que diferencia exatamente grupos de parentes de outros grupos não é claro, mas devemos lembrar que famílias não são unidades com comportamento universal. O próprio termo “família” e a forma como alguém é considerado parente variam enormemente entre culturas distintas (Faist, 2000).

A solidariedade pode ser o mecanismo atuante em relações nas quais os laços sociais são considerados fracos, particularmente onde os indivíduos ou coletividades têm como elemento de coesão os traços que proporcionam a identidade por símbolos ou crenças, como religião, etnia, nacionalidade etc. Migrantes, potenciais migrantes e não-migrantes podem se conectar por esses tipos de laços, a partir de identidades de visão de mundo e memórias compartilhadas, ou seja, representações comuns para a coletividade como um todo (Faist, 2000).

Além dos mecanismos que possibilitam a circulação dos recursos do capital social em determinado grupo, importa compreender como é operacionalizado esse sistema, especialmente no contexto da migração internacional. Os benefícios derivados do capital social incluem a informação de empregos num potencial país de destino, conhecimento sobre meios de transporte e os melhores trajetos, ajuda financeira para a viagem e para o período inicial no destino, contatos para conseguir hospedagem (ou a própria hospedagem) etc. Em essência,

esse aspecto analítico do capital social descreve a maneira pela qual os recursos disponíveis a um participante qualquer do grupo estão, também, disponíveis para outros, socialmente mais ou menos próximos ao referido participante (Faist, 2000). Essa idéia tem sido operacionalizada a partir da consideração do número de pessoas que estão preparadas para ajudar (ou colocar em contato) alguém que necessita e a quantidade de recursos financeiros e humanos que essas pessoas podem levantar para servir às demandas daquele. Os benefícios que se originam por meio de conexões sociais e o controle sobre outros membros em redes sociais são outros fatores que podemos acrescentar. Assim, seria possível estimar que a expectativa de retribuição no investimento em capital social depende do conhecimento dos recursos próprios dos contatos pessoais de cada membro da rede. Ao final, podemos pensar que quanto mais numerosos os laços, mais amplo o alcance da rede pessoal, maiores os recursos daqueles a quem a rede dá acesso, maior o capital próprio, maior a probabilidade de sucesso para o participante (Flap, 1991). Enfim, podemos considerar que os participantes de redes sociais podem obter, pelo menos, três benefícios do capital social, quais sejam o acesso a recursos de outros, informações importantes e maior controle sobre outros membros da rede (Faist, 2000).

Os recursos cristalizados em laços também ajudam os membros de redes ou grupos a conseguir acesso a mais capital financeiro, humano e social, por meio de outras redes (Portes, 1995). Isso depende crucialmente da quantidade e tipo de recursos que aquelas pessoas têm, e de quem pode ser alcançado por laços sociais e simbólicos. Além disso, é importante levar em consideração o número total de pessoas numa rede ou melhor, o número de conexões sociais e simbólicas, que estão dispostas ou obrigadas a ajudar quando chamadas (Bourdieu, 1983).

As negociações acontecem sobre os laços, e laços sociais e simbólicos se agrupam em redes onde circula o capital social. Em outras palavras, migrantes ativos e migrantes em potencial usam tanto os recursos disponíveis nas próprias redes quanto os recursos de outros grupos que podem ser obtidos por meio dessas redes. Também podemos dizer que os mecanismos do capital social (reciprocidade, solidariedade), ao mesmo tempo em que mantém a coesão do grupo, proporciona benefícios para seus integrantes. Grupos sociais mediam as

soluções possíveis para os dilemas que podem ocorrer em função do processo migratório. Esse mesmo processo pode estar ligado à especificidade de diversos aspectos próprios do capital social, ou de como os benefícios próprios das conexões entre pessoas e grupos contribuem mais ou menos para a migração ou para a imobilidade.

Para que possamos compreender melhor o caso das comunidades de brasileiros em outros países importa, então, buscar as especificidades que moldam o cenário que envolve o capital social, sua oferta e seu uso, no processo migratório para os Estados Unidos. De forma geral, já podemos fazer, aqui, uma distinção entre os indivíduos que se inserem de forma regular na sociedade de destino e aqueles que chegam e/ou permanecem sem a devida documentação. Esse recorte é importante, principalmente pelo fato de que os indivíduos que passam pelos filtros e critérios da política de imigração dos Estados Unidos se apoiam essencialmente em seu capital humano e econômico. Dito de forma mais clara, são as pessoas que não têm outra fonte de recurso para entrar e permanecer em solo da América do Norte que precisam do capital social como, talvez, a única possibilidade de concretizar seu plano de migração.

Interessa, então, conhecer como se comporta o brasileiro em suas relações sociais, de forma mais geral, quando comparado a pessoas de outras culturas. Nesse ponto, vamos nos apoiar nas reflexões de Sérgio Buarque de Holanda que, em *Raízes do Brasil*, elaborou uma das mais bem construídas formulações que explicam o modo de ser do brasileiro. Holanda (1995) diz que, geralmente, a distinção entre o Estado e a família foi fundamental para a constituição do cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável na sociedade moderna. Essa distinção, porém, sempre foi difícil de ser alcançada de forma satisfatória em terras brasileiras. Além disso, ele diz que “(...) mesmo durante o Império, já se tinham tornado manifestas as limitações que os vínculos familiares (...) podem impor à vida ulterior dos indivíduos” (Holanda, 1995, p.144). Holanda não critica somente a tendência do círculo doméstico se sobrepor às intuições públicas na formação do indivíduo, mas o excesso de proteção na infância, consequente desse modo de vida, que acaba por tornar o adulto uma pessoa com dificuldades na superação das adversidades que eventualmente são experimentadas. Um dos resultados dessa forma de convivência mais familiar, mesmo fora dos

grupos unidos por laços de sangue, foi a grande desordem que o brasileiro demonstra em suas concepções quando não distingue o público do privado.

Seguindo o sistema patrimonial, o brasileiro concebe a gestão pública, por exemplo, como um elemento de seu interesse particular, de modo que os empregos e benefícios a ela relacionados são reconhecidos como subjetivos, flexíveis e sujeitos a manobras não claramente explicitadas e/ou universalmente válidas (Holanda, 1995). O autor continua sua argumentação para conferir o título de “funcionalismo patrimonial” ao modo de ser do gestor público brasileiro, que preferiu não seguir a racionalização e divisão de funções próprias do Estado burocrático weberiano. Ao ampliar os traços característicos desse homem público para todas as esferas da sociedade, Holanda chama de “homem cordial” o brasileiro que prefere a familiaridade e a intimidade aos processos sociais impessoais. Este é um ponto de grande relevância para nossa intenção de associar os migrantes brasileiros nos Estados Unidos aos mecanismos de reciprocidade, específica ou geral, mas não à solidariedade, como estímulo de produção do capital social na conexão entre origem e destino desses migrantes e suas respectivas comunidades. Mais adiante a adequada aplicação dessa idéia ficará evidente.

Dessa forma, acreditamos que uma análise mais específica da oferta e demanda dos benefícios do capital social pode contribuir para compreendermos melhor a configuração e a dinâmica do movimento de brasileiros indocumentados para os Estados Unidos. Particularmente, nossa intenção é mostrar como os processos de seletividade, incorporação de novos migrantes, adaptação no destino, e conectividade entre pontos específicos na origem e no destino, estão vinculados à forma de utilização do capital social. Uma vez definida nossa perspectiva de análise para a migração internacional contemporânea, o próximo passo é verificar a possibilidade de aplicação dessa abordagem para os dados e informações que dispomos de outros estudos sobre o movimento de brasileiros para o exterior.

Capítulo II

Brasileiros longe de casa

A migração internacional de brasileiros, particularmente para os Estados Unidos, já conta com uma considerável coleção de estudos acadêmicos, que buscam apreender as várias dimensões desse processo. A partir da revisão de alguns desses trabalhos, pretendemos não só apresentar um quadro mais nítido das comunidades de brasileiros no exterior, mas também ressaltar determinados caracteres que proporcionam a esse movimento as qualidades próprias de um “laboratório vivo” para a aplicação do conceito de capital social. Para uma contextualização mais adequada, iniciamos essa apresentação com um breve resumo sobre as condições socioeconômicas das cidades de origem analisadas neste trabalho.

As Cidades de Origem

Governador Valadares

Governador Valadares situa-se na Região do Vale do Rio Doce, na porção leste do Estado de Minas Gerais. Apesar das diversas expedições que desde o final do século XVI chegavam à região do Médio Rio Doce, apenas no início do século XX, com a implantação da Estrada de Ferro Vitória-Minas, a colonização do local foi efetivada. A ferrovia impulsionou as atividades comerciais, substituindo o transporte via tropeiros, e estimulou a urbanização (Scudeler, 1999).

A localização geográfica de Governador Valadares é bastante estratégica, pois faz a ligação entre o norte e o sul do Brasil. No decorrer de seu processo de urbanização, a cidade recebeu muitos migrantes nordestinos, que antes de chegarem à região sudeste, contribuíram para desenvolver o setor de comércio e serviços e o potencial turístico da cidade.

Em 1936, a ferrovia Vitória-Minas incorporou a conexão com a Central do Brasil, ligando a região do Vale do Rio Doce a importantes centros consumidores, como Rio de Janeiro e São Paulo, o que foi fundamental para acelerar o desenvolvimento e a urbanização da região. Além disso, a construção da BR-116 em 1943, ligando os Estados do Rio de Janeiro e da Bahia, foi fundamental para a intensificação das atividades comerciais e de prestação de serviços em Governador Valadares e redondezas (Soares, 2002).

Entre as atividades econômicas do município durante a II Guerra Mundial, destaca-se a exploração da mica, um minério de importância estratégica no período, pois foi utilizado como isolante na fabricação de rádios. Os principais consumidores desse minério foram os Estados Unidos, o que provocou o contato direto da população valadarense com os trabalhadores norte-americanos que foram trazidos pelas empresas multinacionais de exploração. A extração da mica gerou muitos empregos e foi o principal eixo do crescimento econômico local na década de 40 (Assis, 1995).

Outras atividades econômicas importantes nas décadas de 40 e 50 foram a exploração de madeira e a pecuária extensiva de corte. A primeira delas esteve concentrada no comando de poucos empresários, e levou a um processo de “verticalização” da produção com o surgimento de serrarias, fábricas de móveis e compensados. Essa integração vertical verificada em Valadares está relacionada principalmente com as atividades da Belgo Mineira, pois com o objetivo de aproveitar parte da madeira nobre que não era transformada em carvão, essa empresa inaugura, em 1943, a mais importante empresa desse ramo madeireiro, a Companhia Agropastoril de Madeira Compensada do Rio Doce (Brito, 1997). No entanto, com o desmatamento sistemático das reservas florestais e a extração predatória da madeira, ocorreu a exaustão de grande parte das reservas naturais, levando à disseminação do capim colonião. Ganhou força então a pecuária, em decorrência desse esgotamento natural, que se tornou a base econômica do município (Soares, 2002).

Nos anos 60, a economia valadarense ingressa num período de fragilidade, devido à crise nos setores exportadores (mica, outros minerais e pedras semipreciosas), à baixa produtividade da pecuária e à incapacidade do setor terciário, representado pelo comércio e prestação de serviços, para impulsionar um novo ciclo expansivo. Os resultados dessa situação de crise foram o desemprego e a queda do nível de vida, levando Governador Valadares, no final dos anos 70, a ser identificada como “zona-problema” de Minas Gerais, com bolsões de pobreza e tensão social (Scudeler, 1995).

Tabela 01
População residente por situação de domicílio
Governador Valadares, 1970, 1980, 1991 e 2000.

ANOS	URBANA	%	RURAL	%	TOTAL
1970	129.378	79,85	32.642	20,15	162.020
1980	177.809	90,67	18.306	9,33	196.115
1991	215.098	93,31	15.426	6,69	230.524
2000	235.881	95,54	11.016	4,46	246.897

Fonte: FIBGE – Censo Demográfico: 1970, 1980, 1991 e 2000.

Com relação à dinâmica da população, podemos ver na Tabela 01 acima a distribuição dos valadarenses segundo a situação do domicílio, em quatro censos diferentes. Apesar de verificarmos que a década de 70 registra o ritmo mais intenso de urbanização e a maior taxa média de crescimento anual da Tabela, esse período evidencia uma forte evasão populacional, pois essa taxa de crescimento é muito inferior às registradas nas duas décadas anteriores (7%a.a. e 4%a.a.), e inferior ainda ao ritmo de crescimento vegetativo (Soares, 2002). A população urbana aumenta de 80% para 96% no período de 30 anos, mas as pessoas que saíram da zona rural não foram absorvidas completamente pela urbanização local. A perda do dinamismo econômico continuou pela década de 80 e 90, acompanhada pelo decréscimo contínuo da taxa média de crescimento, caracterizando o município de Governador Valadares como centro expulsor de população, pois “(...) os elevados índices de subutilização de mão-de-obra (...) geravam a emigração em busca de emprego no Vale do Aço e até mesmo em Belo Horizonte” (Costa, 1991; p.26).

A partir dos anos 80, apesar da crise econômica vivida pelo Brasil e reproduzida nas pequenas localidades, a indústria da construção civil valadarense obteve um curioso destaque em termos de crescimento. Este se mantém superior à média de outras atividades na década de 80 como um todo e parte dos anos 90, fato que foi vinculado às remessas financeiras dos imigrantes nos Estados Unidos (Soares, 1995). O fluxo migratório internacional que se iniciou em Valadares não foi estimulado por nenhum programa de incentivo do governo norte-americano, mas o processo se ampliou de tal maneira que a cidade ganhou fama nacional (Veja, 1996). Tal processo de expansão do movimento emigratório ganha relevância em vários momentos deste trabalho, quando associamos seus efeitos aos mecanismos de utilização dos recursos vinculados ao capital social.

Criciúma

A Vila de São João de Cresciúma foi fundada em 1880 por 22 famílias de italianos, que chegaram à região com a tarefa de “colonizá-la”. Segundo a Fundação IBGE, em divisão administrativa referente ao ano de 1891, Cresciuma tornara-se distrito de Araranguá, criado por Lei Estadual em setembro de 1892. A vila tornou-se município graças à outra Lei Estadual, em novembro de 1925, quando foi desmembrada de Araranguá, e efetivada em janeiro de 1926. O nome do município passou a ser grafado como Criciúma pela lei estadual número 247, de 30 de dezembro de 1948.

Nos relatos sobre a fundação da cidade destacam-se as imagens do imigrante pioneiro e da migração familiar. É interessante observar que os relatos sobre a história da cidade enfatizam a imagem heróica desse pioneiro. A partir do desenvolvimento da mineração, essa narrativa étnica de formação da cidade aparentemente foi deixada de lado e a cidade passou a ser representada como a “cidade do carvão”.

Até 1910, o distrito teve um crescimento econômico importante, baseado na agricultura, no beneficiamento de produtos agropecuários e no comércio. Com a descoberta do carvão e sua conseqüente exploração a partir de 1913, o distrito cresce e se torna um importante centro urbano do sul do Estado (Nascimento, 1993; p.19).

Nos anos que se seguiram à colonização, “(...) aos imigrantes italianos, poloneses e alemães, juntaram-se novos grupos étnicos: os lusos e negros vindos de Imbituba, Laguna e Tubarão, que vieram como operários na estrada-de-ferro, e depois foram os primeiros trabalhadores nas minas de carvão. As famílias mais pobres de agricultores, aquelas que não tiveram sucesso no comércio, também trocaram a agricultura pela mineração. A partir da década de 20 o carvão está definitivamente associado à história da cidade, e a partir dos anos 30 é a principal base de desenvolvimento de Criciúma e da região” (Volpato, 1989, p. 56).

Os trabalhos de Volpato (1995), Nascimento (1993) e Teixeira (1996), criticando a historiografia local, destacam que o contingente populacional que migrou para a cidade, a partir do desenvolvimento da mineração, significou não apenas a urbanização e o crescimento da cidade, mas também o surgimento de uma classe operária, que seria, juntamente com os pequenos agricultores que não conseguiam se manter no campo, a marca de que o desenvolvimento da cidade ocorreu de maneira desigual, privilegiando as elites econômicas locais. A região é considerada por alguns autores como o ABC de Santa Catarina (Teixeira, 1996).

O desenvolvimento das atividades carboníferas foi um dos fatores que contribuiu para o crescimento da população da cidade. Os dados da Tabela 02 abaixo mostram o aumento da população e o processo de urbanização, durante o período compreendido entre 1970 a 2000. Em 1970 a população do município se dividia entre 32% que viviam na zona rural e 68% na zona urbana. A diminuição da população rural em termos absolutos pode ser observada nas décadas de 70 e 80, mas durante a década de 90 essa população volta a crescer. Os dados do último Censo Demográfico mostram o município com 170.322 habitantes, divididos em 10% na zona rural e 90% na zona urbana.

Tabela 02
População residente por situação de domicílio
Criciúma, 1970, 1980, 1991 e 2000.

Ano	Rural	%	Urbana	%	Total
1970	26.053	32,0	55.399	68,0	81.452
1980	14.229	12,9	96.368	87,1	110.597
1991	14.007	9,6	132.313	90,4	146.320
2000	17.367	10,2	152.955	89,8	170.322

Fonte: FIBGE – Censo Demográfico: 1970, 1980, 1991 e 2000.

A população cresceu a uma taxa média de 3,1% a.a. ano durante a década de 70, baixou para 2,6% a.a. ano no período de 1980 a 1991, e cresceu ainda menos de 1991 a 2000, chegando a 1,7% ao ano. A década de 70 representou um período de progresso, simultaneamente à forte urbanização, alterando o panorama econômico e social da cidade,

que mais tarde passaria a ser conhecida como a "Capital Nacional do Carvão". A economia pôde contar com o apoio do Estado, que se comprometia com a compra de grande parte do carvão extraído, e a cidade, por sua vez, recebeu um considerável fluxo migratório de trabalhadores vindos de toda a região sul do Estado, para o trabalho de extração nas minas.

Em meados da década de 80, no entanto, o setor carbonífero deu os primeiros sinais de uma grave crise que se agravaria na década de 90, com o governo Collor (1990-1992). Segundo Teixeira (1996), a crise se deu por um conjunto de fatores como a queda da produção, a retirada dos subsídios por parte do governo e o fim do protecionismo estatal, além da concorrência internacional, o que teria reduzido o mercado em mais de 30%, causando, dessa forma, uma alta taxa de desemprego na região.

Essa crise, porém, não atingiria apenas o setor carbonífero, mas também os setores da cerâmica que tinham se desenvolvido na região. Em 1990, a recessão enfrentada pelo setor cerâmico teria sido de tal intensidade que, das treze cerâmicas existentes na região, nove pararam suas atividades⁷, gerando ainda mais desemprego. Uma das conseqüências dessa crise foi o deslocamento da população em busca de melhores condições de vida. Além da migração interna, uma pequena parte voltou ao meio rural, como mostra a comparação das proporções entre os anos de 1991 e 2000 na Tabela 02, e outra parcela tomou a rota internacional, como veremos mais adiante.

⁷ Teixeira, op cit. p 73.

Maringá

No início do século XX, com a expansão da cafeicultura, fazendeiros de café paulistas e mineiros deram início à colonização do Norte do Paraná, atualmente a região denominada de Norte Velho, que apresentava terras férteis e propícias para o cultivo de café. Essa região foi visada pela empresa colonizadora britânica, *Paraná Plantations Company*, por meio de sua subsidiária Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), adquirindo terras do Governo do Estado assim como de diversos posseiros, totalizando uma gleba de 515 mil alqueires, região que passou a se denominar Norte Novo. Em decorrência da deflagração da Segunda Guerra Mundial, um grupo brasileiro adquiriu dos ingleses a Companhia de Terras, em 1939, que passou a ser chamada de Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP). Somando-se mais 30 mil alqueires às terras já existentes, essa nova região passou a ser denominada “Norte Novíssimo” (Sasaki, 2001).

A colonização dessa região é marcada pelo planejamento urbano, sendo norteadada pela construção de um eixo rodoferroviário de penetração, com finalidade de facilitar o acesso a novas áreas e permitir o escoamento da produção da região até o Porto de Santos para exportação, assim como a conseqüente vinda de um grande contingente populacional para a região. Ao longo das estradas e ferrovias, cidades foram estabelecidas a cada 100 quilômetros de distância, como Londrina, Maringá, Cianorte e Umuarama – todas planejadas para se tornar grandes centros prestadores de serviços. Entre esses núcleos urbanos, a cada 15 quilômetros, cidades menores serviam como centros de abastecimento da população rural. A área rural também era dotada de um planejamento, ajustando à produtividade do solo e à cultura cafeeira (Sasaki, 2001).

Nesse contexto, Maringá foi fundada pela Companhia Melhoramentos do Norte do Paraná, a 10 de maio de 1947, como distrito de Mandaguari. Foi elevada a Município em 1951,

com os distritos de Iguatemi, Floriano e Ivatuba e em 1954 foi, então, instalada a Comarca de Maringá⁸. O planejamento urbano foi projetado para abrigar uma população de 200 mil habitantes em 50 anos. Mas essa expectativa foi ultrapassada, tendo mais de 288 mil habitantes em 2000. Este contingente populacional faz de Maringá a terceira maior cidade de Paraná, depois de Curitiba e Londrina.

De acordo com os dados censitários da FIBGE, a população total em 1970 era de 121.374 habitantes, sendo que 17,7% da população viviam na zona rural e 82,3% na zona urbana. O processo de urbanização mais intenso ocorreu na década de 70, mas continua progredindo até os dias de hoje. Nos dados do censo de 2000, a estimativa populacional da cidade de Maringá é de 288.465 habitantes, com a população dividida entre 1,6% na zona rural, e 98,4% na zona urbana, como podemos observar na Tabela 03. Acompanhando os decrementos contínuos da taxa média de crescimento da região e do país, Maringá, que crescia a mais de 3%a.a. na década de 70, passa a crescer a 2%a.a. na última década.

**Tabela 03 População residente por situação de domicílio
Maringá, 1970, 1980, 1991 e 2000.**

Ano	Rural	%	Urbana	%	Total
1970	21.476	17,7	99.898	82,3	121.374
1980	7.580	4,5	160.652	95,5	168.232
1991	6.213	2,6	234.079	97,4	240.292
2000	4.673	1,6	283.792	98,4	288.465

Fonte: FIBGE – Censo Demográfico: 1970, 1980, 1991 e 2000.

Superado o ciclo do café, Maringá diversificou a sua produção agrícola local e regional, voltando-se para o plantio de soja, algodão, milho, cana-de-açúcar, trigo etc. O desenvolvimento desta cidade, com predomínio da exploração agrícola na estrutura produtiva de sua economia e o concomitante crescimento populacional, atraiu importantes investimentos no setor terciário com a finalidade de suprir as necessidades de manutenção da população,

⁸ Sobre o processo de implantação e urbanização de Maringá, detalhadamente, ver LUZ, France – O Fenômeno Urbano numa Zona Pioneira: Maringá. Maringá: A Prefeitura, 1997.

assim como comercializar a produção agrícola. Isto faz com que Maringá venha se destacando como um dos importantes pólos regionais do Norte do Paraná, tendo vários tipos de equipamentos econômicos, físicos, sociais, políticos, urbanos e de serviço acompanhando no seu processo de desenvolvimento.

O adensamento da população urbana foi acentuado pelo gradativo êxodo rural gerado pelo processo de substituição da mão-de-obra rural pelos serviços mecânicos, isto é, como desenvolvimento tecnológico em todos os campos de atividades. Além disso, as sucessivas geadas, principalmente a de 1975, fizeram com que a cultura cafeeira da região decaísse drasticamente, provocando uma grande mudança no aproveitamento das áreas agrícolas da cidade. Isso fez com que a população rural migrasse para áreas urbanas que, por sua vez, não estavam dotadas de infra-estrutura, nem capacidade de absorver essa população, trazendo desafios para a administração municipal devido ao rápido crescimento do contingente populacional urbano maringaense.

A formação da cidade de Maringá, em suma, pautou-se inicialmente na exploração agrícola, principalmente na atividade cafeeira, tendo presente a figura dos tão citados “pioneiros”⁹. Esses “pioneiros” – referindo-se idealmente aos laboriosos imigrantes brancos europeus presentes nas áreas cafeeiras paulistas e mineiras – foram atraídos à região do Norte do Paraná pela possibilidade de um enriquecimento rápido que lhes permitisse, dentro de alguns anos, retornar às regiões de origem. Isto porque o grande atrativo era a boa qualidade do solo – a terra vermelha – propício para o plantio do café. Além disso, convém considerar a eficiente propaganda realizada pela CTNP/CMNP no processo de colonização, que acaba sendo tomada acriticamente, como bem analisa Gonçalves (1999).

Sejam imigrantes temporários ou permanentes, plantadores de café ou comerciantes, um contingente significativo veio a ocupar rapidamente a região do Norte do Paraná. Para muitos destes, a fixação na região representou, de fato, a possibilidade de ascensão

⁹ Esta categoria “pioneiro” é corriqueiramente usada pelos nativos maringaenses. Mas estudos como o de Tomazi (TOMAZI, Nelson Dacio – “Construções e silêncios sobre a (re)ocupação da região norte do Estado do Paraná”, in Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional, organização Reginaldo Benedito Dias & José Henrique Rollo Gonçalves. Maringá, EDUEM, 1999, p.51-85) analisam criticamente a (im)pertinência desse termo.

econômica e social, tornando-os pequenos proprietários rurais e cultivadores da própria terra, o que foi facilitado pela ação da CTNP/CMNP, muitas vezes referida passivamente como a grande promotora da colonização e desenvolvimento da região.

Os imigrantes japoneses que vieram para Maringá não o fizeram imediatamente após a chegada em território nacional. Os primeiros japoneses que vieram para o Brasil desembarcaram em Santos, de 1908 até 1921, e tiveram suas passagens subsidiadas pelos fazendeiros paulistas vinculadas a contratos de dois a três anos de trabalho no plantio de café. Dentre os imigrantes que vieram trabalhar nas lavouras do Estado de São Paulo, algumas levaram-se deslocaram para o norte do Paraná. A presença de japoneses no norte do Paraná é registrada a partir de 1914, em Cambará, na região Norte Velho, e no final dos anos 20, quando várias famílias nipônicas foram contabilizadas na região de Cornélio Procopio, Assaí e Uraí. A partir de 1925, a imigração japonesa passa a ser mais intensa, num contexto de ocupação do Norte Novo, tendo Londrina o maior número de japoneses e seus descendentes, seguida de Maringá. Em 2000, os japoneses e seus descendentes em Maringá foram estimados em 3% da população total, isto é, cerca de 9 mil nipônicos devem residir nessa cidade, que conta com mais de 288 mil habitantes. Esses descendentes de japoneses são os atores principais do movimento migratório em direção ao Japão, que será utilizado como referência para comparação com o fluxo que leva aos Estados Unidos.

(...)

Os trabalhos que analisam especificamente a emigração internacional de brasileiros argumentam que as principais causas desse deslocamento populacional são:

1. O período de crise econômica, principalmente para a classe média, pelo qual passou o Brasil na década de 80 (Margolis, 1994; Sales, 1999);
2. A reestruturação produtiva, responsável por mercados de trabalho cada vez mais seletivos e competitivos, que reduziu as expectativas de recomposição do

nível de emprego formal, ocasionando a impossibilidade da mobilidade social ser garantida pela migração interna, como ocorreu em décadas passadas (Brito, 1995);

3. A busca de ascensão social pela elevação da renda e do poder de consumo (Soares, 1995; Sales, 1999; Martes, 2000).

Todos esses determinantes se encaixam nas situações das cidades acima, como condicionantes estruturais e motivacionais para a migração internacional. A seguir veremos quem são os emigrantes brasileiros e as condições sobre as quais eles se organizam socialmente, de acordo com trabalhos específicos sobre esse tema.

Brasileiros nos Estados Unidos

Uma marca da migração de brasileiros para os Estados Unidos é a lacuna de dados oficiais sobre esse movimento. Do lado de cá, o problema decorre do fato de que não é possível captar migrantes fora do território nacional através do Censo, pois tais pessoas são consideradas como não-residentes. Nos Estados Unidos esses migrantes também não são registrados, pois a falta da documentação necessária para viver e trabalhar nesse país torna difícil a declaração voluntária ao censo norte-americano, devido ao medo de prisão e deportação. Ainda assim, podemos reunir informações importantes para uma melhor caracterização desse movimento.

Considerando as informações sobre a idade dos migrantes brasileiros, a maioria converge para uma faixa de jovens e jovens adultos. A pesquisa realizada por Martes (2000) em Massachusetts, registra uma concentração de 62% dos migrantes entre 21 e 34 anos de idade; Sales (1999), pesquisando os brasileiros em Boston, relata uma concentração de 83% dos migrantes entre 17 e 30 anos; Margolis (1994), analisando a vida dos brasileiros em Nova York, encontra uma população um pouco mais envelhecida, pois apesar de contabilizar 36% dos migrantes com até 30 anos, essa autora encontra 63% que se enquadram na faixa de mais de 30 anos; por fim, Capuano (2003), ao estudar os migrantes que vivem na Flórida, mostra a proporção de 72% de pessoas na faixa de 20 a 44 anos. Esse quadro revela tanto a característica comum aos fluxos migratórios laborais, de que a maioria dos migrantes é jovem, como a perda que esse êxodo representa para nosso desenvolvimento como nação, pois devido aos problemas econômicos nacionais, o país perde um segmento de sua população em plena idade ativa e com muita disposição para o trabalho.

A escolaridade do migrante é outra qualidade que apresenta traços comuns em vários estudos. Em geral, a população de brasileiros nos Estados Unidos é tida como detentora de

um nível de escolaridade superior à média nacional, como afirmam os trabalhos de Martes (2000) e Capuano (2003), segundo os quais as proporções de pessoas entrevistadas com nível universitário eram de 22% e 27%, respectivamente. Algumas pesquisas, contudo, registram algo em torno de 47% da população com curso superior, completo ou não (Margolis, 1994; Sales, 1999). Seja como for, parece não haver dúvidas de que os migrantes são positivamente selecionados pela escolaridade. Mas essa não é necessariamente uma característica da demanda de trabalhadores migrantes nos Estados Unidos, pois devemos considerar que as pessoas que migram não são as mais pobres, devido às necessidades de recursos mínimos para empreender a viagem. Pelo fato de que existe uma forte correlação entre escolaridade e renda, parece mais adequado supor que o universo no qual as pessoas têm maior risco de migrar é composto por pessoas que apresentam um nível de escolaridade superior à média do Brasil como um todo. Outro fato que corrobora esse argumento é que as ocupações que os brazucas exercem não condizem com seu currículo escolar.

O mundo do trabalho para imigrantes, principalmente os clandestinos, é bem delimitado pela literatura afim. De acordo com Piore (1979) os trabalhadores migrantes são atraídos por uma demanda específica para empregos no nível mais baixo do mercado de trabalho dos países desenvolvidos. Apesar de não concordarmos com o argumento desse autor, de que as características estruturais específicas desse mercado é que causam e direcionam a migração, não há como contradizer a afirmação de que aos imigrantes são oferecidos os empregos, cujos atributos negativos fazem com que sejam rejeitados pelos nativos.

As mulheres brasileiras estão concentradas principalmente nos serviços de limpeza. Esses serviços incluem tanto a faxina doméstica como o trabalho em empresas de limpeza. A faxina doméstica, no entanto, não tem o mesmo significado nos Estados Unidos e no Brasil: "(...) em Massachusetts, uma faxineira tem tarefas previamente estabelecidas: passar aspirador de pó, limpar banheiro e cozinha (com produtos que permitem uma limpeza a seco) e tirar pó dos móveis. No Brasil, ao contrário, uma faxineira tende a executar as tarefas que a patroa especificar e que comportam desde lavar e passar roupas até cozinhar. O trabalho de faxina nos Estados Unidos é, portanto, considerado muito menos pesado (que no Brasil)" (Martes, 2000; p.102). Essa conclusão de que o serviço de faxina é o que oferece a melhor

relação custo/benefício para os imigrantes brasileiros é partilhada também por Sales (1999) e Margolis (1994).

Além disso, a inserção da mulher brasileira no mercado de trabalho norte-americano provoca transformações nos papéis de gênero. DeBiaggi argumenta que “(...) através do trabalho, mulheres ganham um certo grau de independência e poder que aumenta seus sentimentos de autonomia e confiança. Tais fatores significam uma quebra nos papéis tradicionalmente femininos” (2002; p. 57). Essa perspectiva de mudanças é apontada em vários trabalhos como um dos principais motivos da decisão de migrar por parte das mulheres (Assis, 2004; Jesus, 2003; DeBiaggi, 2002).

Os migrantes do sexo masculino também se concentram em poucas ocupações, tais como lavadores de pratos em bares e restaurantes, na construção civil, e em serviços de *delivery* (Assis, 2004; Martes, 2000; Sales, 1999; Scudeler, 1999). Em geral, os imigrantes brasileiros se inserem no mercado de trabalho norte-americano pelas ocupações de menor qualificação e a grande maioria deles fica limitada a elas, mesmo depois de um longo tempo de permanência no país ou de terem saído da situação de clandestinidade (Scudeler, 1999). A legalização, que segundo autores como Piore (1979), Portes (1981), e até mesmo Borjas (1990), poderia melhorar o *status* ocupacional dos imigrantes, só o faz de forma marginal.

As várias evidências sobre a forma com que o imigrante consegue seu emprego não são necessariamente enquadradas em termos de sensibilidade sobre a localização do trabalho, acesso formal a informações importantes ou padrões na procura de emprego. Ao contrário, as categorias-chaves na literatura são os conceitos de laços sociais, e, mais genericamente, as redes (Sassen, 1995). No último capítulo deste trabalho essa questão será explorada mais detalhadamente.

O período em que ocorreu a maior onda de migração de brasileiros para os Estados Unidos talvez seja a única característica desse movimento que represente um consenso geral entre os estudiosos do tema. Absolutamente todos os trabalhos apontam para a segunda metade da década de 80 como o momento de clímax dessa migração. Esse período coincide com a crise nacional gerada pela redução da oferta de trabalho no setor industrial, aumento da

rotatividade e desemprego (Martes, 2000). Por esse motivo, o surgimento de um fluxo migratório mais expressivo naquele momento é tido como uma fuga das adversidades econômicas locais, que traz melhores perspectivas para uma população que teve barrada suas chances de mobilidade social.

Pelo fato de ser um movimento predominantemente clandestino, quase todo o processo de migrar passa por canais oficiosos. A literatura especializada argumenta que a maior parte dos brazucas tem como principal fonte de recursos a ajuda de parentes e amigos, que atenua as dificuldades provocadas pela falta de documentação (Assis, 2004; Soares, 2002; Martes, 2000; Sales, 1999). Por esse motivo, consideramos que a migração de brasileiros para os Estados Unidos oferece o contexto ideal para a análise das características de seletividade, expansão do fluxo, conexão entre pontos específicos na origem e destino, e adaptação do migrante na sociedade de destino, que se moldam em função da forma como o capital social é utilizado.

Brasileiros no Japão

A migração de brasileiros para o Japão também ocorre por motivação econômica, como o movimento que leva aos Estados Unidos. Além disso, os dekasseguis se inserem no mercado de trabalho japonês através de ocupações desprestigiadas, que os autores sobre o tema (Sasaki, 1999; Capuano, 1999) caracterizam como 3K – kitanai (sujo), kiken (perigoso) e kitsui (penoso). A terceira coincidência entre os fluxos é o período de aceleração e clímax da migração para o Japão: o final dos anos 80 e início dos 90 é o momento em que verificamos a massificação desse movimento.

O que provoca a distinção básica entre esses dois fluxos é a característica de legalidade. Enquanto os brazucas, em sua maioria, sofrem os riscos de viver e trabalhar ilegalmente nos Estados Unidos, os dekasseguis migram para o Japão com o principal componente que lhes confere a documentação necessária para essa experiência: ancestralidade japonesa. Seja como descendente de japonês, ou como cônjuge deste, o brasileiro entra, permanece e trabalha segundo as normas legais do governo japonês.

O migrante brasileiro se insere na sociedade japonesa principalmente através das agências de recrutamento (Kawamura, 1997). Por esse motivo, os recursos do capital social aparecem como uma *alternativa* para o imigrante, e não como fonte *principal*. Assim, consideramos que a comparação entre os dois fluxos é uma estratégia eficiente para verificarmos o grau de determinação entre a utilização dos recursos do capital social e o surgimento de características específicas ao movimento que leva aos Estados Unidos.

Capítulo III

Caracterização dos Fluxos

A migração internacional de brasileiros é um processo social no qual os atributos dos atores e a dimensão temporal dos fluxos importam para uma análise mais detalhada. Neste capítulo apresentamos informações indispensáveis para a caracterização desse movimento, comparando os dados da população amostrada ora com a população total das cidades de origem, ora entre os fluxos em função do país de destino. Nossa intenção é estabelecer as singularidades do movimento em direção aos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que verificamos os fatores comuns a outros estudos afins.

Perfil da População Entrevistada

A primeira característica distintiva que se nota nos domicílios entrevistados é a maior proporção de indivíduos com experiência migratória em Maringá do que nas outras localidades. A Tabela 04 e o Gráfico 01 mostram que metade dos integrantes dos domicílios visitados em Maringá vive ou viveu no exterior, enquanto que essa proporção cai para 35% em Criciúma e 30% em Governador Valadares. Essa diferença deve-se particularmente ao caráter legal e à presença de recrutadores no movimento em direção ao Japão, o que facilita sobremaneira a inclusão de potenciais migrantes no fluxo. A migração para os Estados Unidos, na qual prevalece a clandestinidade, incorpora os migrantes em potencial por mecanismos oficiosos que atenuam, mas não eliminam os riscos envolvidos.

A distribuição dos indivíduos da amostra segundo o sexo e a condição de presença registra a predominância dos homens, tanto absoluta quanto proporcional, no que se refere à experiência migratória (Tabela 04). Podemos notar, contudo, que essa distribuição é mais equilibrada em Maringá do que em Governador Valadares, que por sua vez é menos díspar que Criciúma. A questão de gênero tem um papel central na migração de brasileiros, como foi visto no capítulo anterior. As diferenças encontradas entre os sexos na composição dos fluxos não podem ser imediatamente justificadas por teorias macroeconômicas que generalizam os determinantes de atração e expulsão, pois está claro que homens e mulheres reagem e são incorporados ao movimento em situações diversas. Consideramos que as diferenças encontradas são, em parte, devidas à disponibilidade de capital social circulante, que por sua vez está associada ao estágio de maturação da comunidade brasileira nos Estados Unidos. Valadares é o local de origem mais antigo, o que indica a presença de redes sociais transplantadas há mais tempo que as de Criciúma.

Do mesmo modo que sugerimos em trabalho anterior (Fusco, 2000), percebemos que nos estágios iniciais do processo migratório - ou em fluxos recentes, como em Criciúma – os homens geralmente são os pioneiros, aqueles que enfrentam incertezas e não podem contar com o apoio de seus iguais no destino; nos locais onde o movimento emigratório apresenta um vínculo mais antigo com alguma comunidade no destino – como a conexão Valadares-Boston – a possibilidade de utilizar o capital social que circula nas redes transplantadas ameniza os percalços do migrante, atraindo um volume maior de mulheres.

Tabela 04
Distribuição relativa dos indivíduos, por sexo, segundo *status* de migração.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Status	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
Presente	63,01	78,72	71,10	55,75	73,43	64,55	42,80	56,45	49,74
Retornado	13,46	6,40	9,82	12,63	6,05	9,35	33,55	27,97	30,71
Ausente	23,53	14,88	19,07	31,63	20,53	26,10	23,65	15,58	19,55
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	765	813	1578	800	794	1594	757	783	1540

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

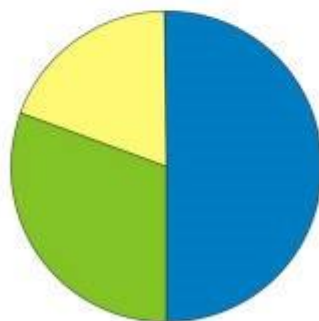
Gráfico 01
Proporção de indivíduos segundo *status* de migração, por sexo.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Governador Valadares



Criciúma



Maringá



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A comparação da distribuição da população segundo sexo e idade, entre os domicílios com migrantes e a população total dos municípios analisados, permite algumas conjecturas sobre a configuração dos domicílios cujos membros estão envolvidos no processo migratório (Tabelas 05 e 06, Gráficos 02 e 03). A menor proporção de crianças entre os domicílios da amostra fica evidente pelas pirâmides etárias, principalmente para as cidades de Governador Valadares e Criciúma. A pirâmide da cidade de Maringá apresenta um contorno um tanto irregular, porque utilizamos como universo a população de raça amarela registrada pelo IBGE, já que o universo do *survey* é composto majoritariamente por descendentes de japoneses. Por conta disso nos deparamos com um fato inusitado: a amostra do IBGE registrou 984 indivíduos da raça amarela, enquanto que a amostra do *survey* coletou dados sobre um número maior de indivíduos, totalizando 1540 descendentes de japoneses.

Podemos visualizar claramente o forte estreitamento na base das pirâmides etárias dos migrantes e seus familiares, indicando a reestruturação na composição desses domicílios ou características de configuração domiciliar que condicionam a propensão a migrar. Por meio dos dados das Tabelas 05 e 06, pelas quais podemos comparar as diferenças proporcionais entre a distribuição do *survey* e do censo, notamos que as crianças de 0 a 9 anos contabilizadas nos *surveys*, tanto em Governador Valadares como em Criciúma, representam aproximadamente a metade do que foi registrado pelo Censo, enquanto que para Maringá a diferença ficou por volta de 20%. Os adultos com 50 anos ou mais, por outro lado, aparecem mais nos números do *survey* do que nos do Censo: 26% contra 16% em Governador Valadares e 19% contra 13% em Criciúma, indicando uma população mais envelhecida nos domicílios com migrantes; em Maringá essa proporção ficou em 30% para as duas fontes. No que se refere à distribuição por sexo, os resultados do *survey* e do Censo ficaram muito próximos, com uma diferença total máxima de 2%.

Esses dados mostram que a população dos domicílios com migrantes, quando comparados com o universo do Censo, têm proporcionalmente mais adultos e menos crianças, configuração condizente com outros estudos sobre migração internacional (Harbison, 1981; Root e De Jong, 1986). Essa observação, contudo, não reflete da mesma forma o caso de Maringá, onde a população do *survey* é mais semelhante àquela do Censo.

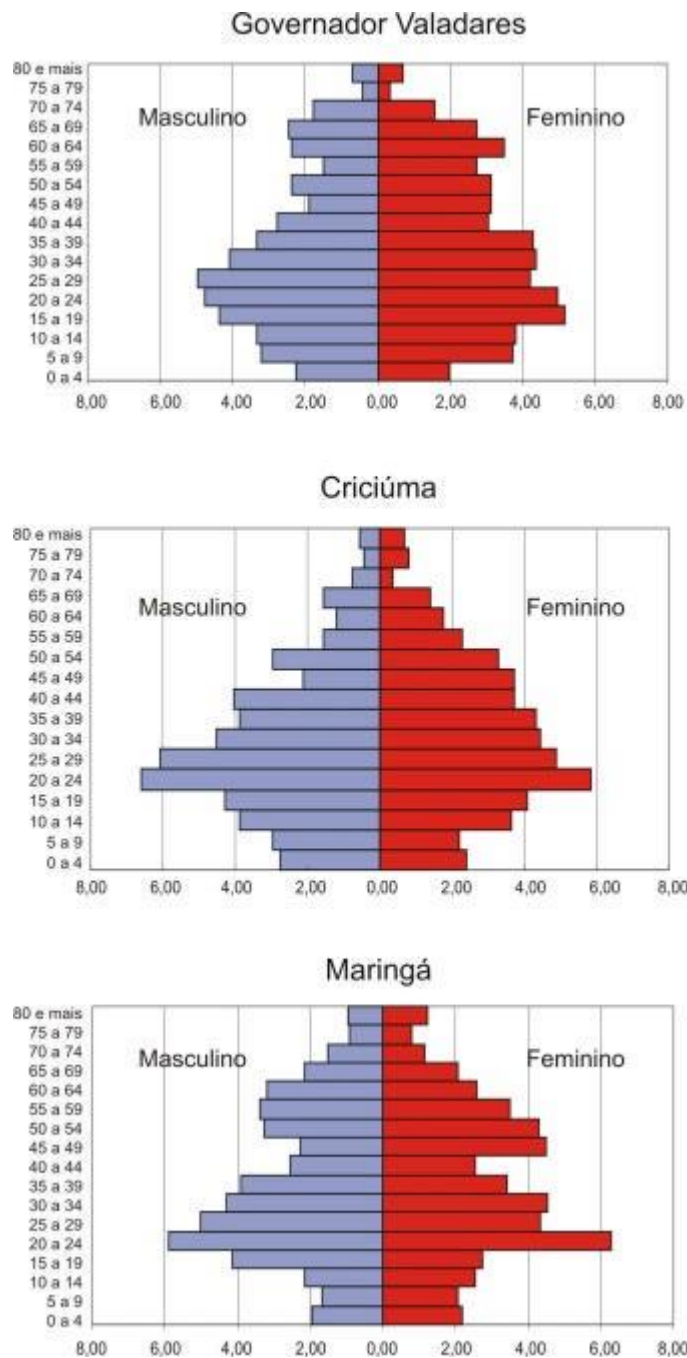
Esse contraste sugere que a população relacionada com a migração para o Japão tem uma composição mais assemelhada com o total da população do local de origem, enquanto que os domicílios conectados com a migração aos Estados Unidos apresentam uma diferença importante no que se refere à composição por idade, quando comparados ao total da população das cidades de origem, apontando para diferentes processos de seletividade entre os fluxos.

Tabela 05
Distribuição relativa da população, por sexo e faixas de idade, nos domicílios com migrantes
Governador Valadares, Criciúma e Maringá

Faixas de idade	Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
0 a 4	2,25	1,98	2,76	2,39	1,95	2,21
5 a 9	3,20	3,75	2,95	2,20	1,69	2,08
10 a 14	3,34	3,81	3,89	3,64	2,14	2,53
15 a 19	4,36	5,18	4,27	4,08	4,16	2,73
20 a 24	4,77	4,97	6,60	5,84	5,91	6,30
25 a 29	4,97	4,22	6,09	4,90	5,00	4,35
30 a 34	4,09	4,36	4,52	4,46	4,29	4,55
35 a 39	3,34	4,29	3,89	4,33	3,90	3,44
40 a 44	2,79	3,07	4,02	3,71	2,53	2,53
45 a 49	1,91	3,13	2,14	3,71	2,27	4,48
50 a 54	2,38	3,13	2,95	3,27	3,25	4,29
55 a 59	1,50	2,72	1,57	2,26	3,38	3,51
60 a 64	2,38	3,47	1,19	1,76	3,18	2,60
65 a 69	2,45	2,72	1,57	1,38	2,14	2,08
70 a 74	1,77	1,57	0,75	0,38	1,49	1,17
75 a 79	0,41	0,34	0,44	0,82	0,91	0,78
80 e mais	0,68	0,68	0,57	0,69	0,97	1,23
Total (%)	46,59	53,41	50,19	49,81	49,16	50,84
Total (N)	1468		1592		1540	

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Gráfico 02
Estrutura etária dos domicílios com migrantes, por faixas de idade e sexo.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Tabela 06

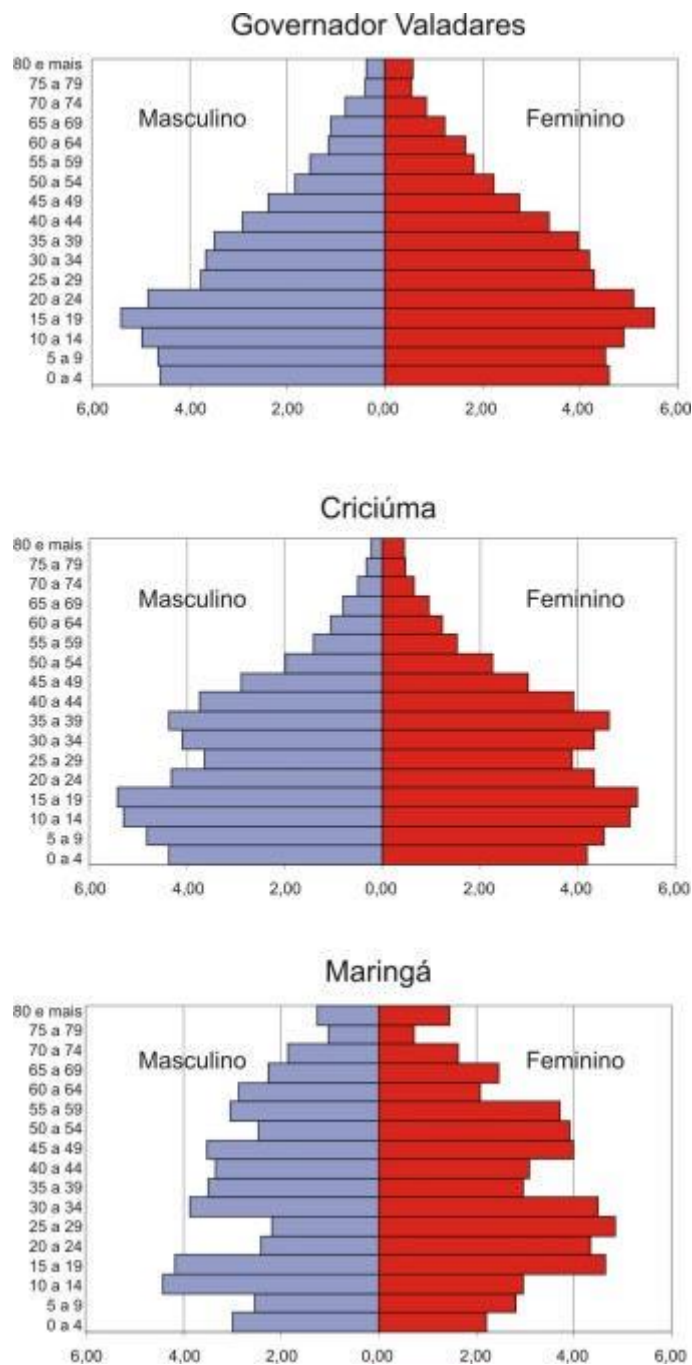
Distribuição relativa da população total, por sexo e faixas de idade.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

<i>Faixas de idade</i>	<i>Governador Valadares</i>		<i>Criciúma</i>		<i>Maringá</i>	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
0 a 4	4,60	4,60	4,38	4,20	2,99	2,21
5 a 9	4,66	4,52	4,82	4,55	2,54	2,81
10 a 14	4,98	4,89	5,30	5,07	4,42	2,96
15 a 19	5,40	5,53	5,43	5,23	4,17	4,64
20 a 24	4,83	5,11	4,31	4,33	2,42	4,34
25 a 29	3,75	4,30	3,65	3,88	2,18	4,83
30 a 34	3,67	4,19	4,10	4,33	3,87	4,49
35 a 39	3,49	3,96	4,36	4,65	3,49	2,96
40 a 44	2,91	3,35	3,74	3,93	3,35	3,08
45 a 49	2,39	2,77	2,89	3,00	3,51	4,00
50 a 54	1,84	2,24	1,99	2,26	2,47	3,92
55 a 59	1,53	1,83	1,40	1,54	3,04	3,70
60 a 64	1,16	1,65	1,04	1,23	2,87	2,10
65 a 69	1,09	1,23	0,80	0,96	2,27	2,46
70 a 74	0,79	0,86	0,51	0,65	1,85	1,63
75 a 79	0,39	0,54	0,32	0,48	1,03	0,73
80 e mais	0,37	0,58	0,23	0,44	1,26	1,45
Total (%)	47,86	52,14	49,27	50,73	47,70	52,30
Total (N)	246.897		170.322		288.465	

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000.

Gráfico 03
Estrutura etária da população total, por faixas de idade e sexo.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000.

Em conjunto com a distribuição da população segundo sexo e idade, a composição dos domicílios com migrantes pode ser ainda analisada segundo a relação do membro com o responsável pelo domicílio. Os dados da Tabela 07 abaixo mostram que, em Governador Valadares, 20% são “chefes”, 14% são cônjuges, 51% são filhos e os outros parentes perfazem 15 %; em Criciúma essas proporções são 25%, 18%, 45% e 12%, respectivamente. A configuração de pai, mãe e filho/a é o arranjo domiciliar predominante, mas, outra vez, podemos apontar para uma diferença importante com relação à população total das cidades de origem dos fluxos: os domicílios com migrantes têm em sua composição muito mais indivíduos na categoria “outros parentes”. Essa característica pode indicar que domicílios com famílias “extensas” apresentam maior potencial para migração, em virtude da maior disponibilidade de seus membros para diversificar as fontes de renda e atenuar riscos, conforme a doutrina dos novos economistas da migração (Taylor, 1987; Stark, 1991).

Tabela 07
Distribuição relativa da população, nos domicílios com migrantes, segundo condição no domicílio.
Governador Valadares e Criciúma

Condição	Governador Valadares	Criciúma
Responsável	19,64	24,28
Cônjuge	13,93	18,24
Filho/a	50,74	45,28
Outro parente	15,03	11,95
Empregado / pens.	0,66	0,25
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	1.599	1.590

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

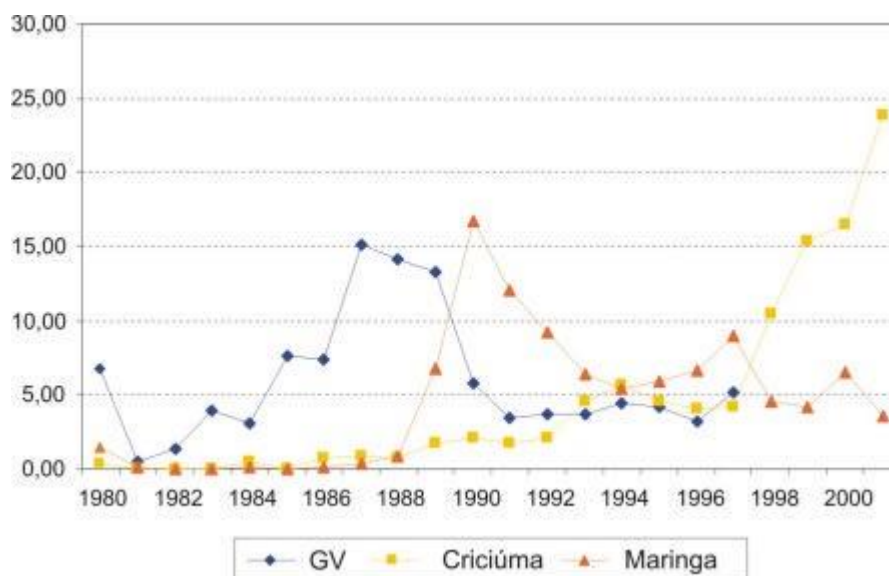
Dinâmica Temporal

Do ponto de vista das cidades de origem, a dinâmica dos fluxos analisados varia muito em função do ano de saída do migrante. Podemos visualizar, no gráfico 04, momentos de aceleração, clímax e desaceleração dos movimentos em direção ao exterior. Os três fluxos registram saídas esporádicas desde a década de 60, mas, por praticidade, esses números foram contabilizados de forma cumulativa no ano de 1980, a partir do qual as saídas foram anotadas anualmente ¹⁰.

Governador Valadares é o local de origem que tem o fluxo migratório mais antigo. Podemos perceber a curva de aceleração durante a década de 80 e o momento quando o movimento atingiu seu ápice, nos anos de 87, 88 e 89, batizado por Sales (1999) de triênio da desilusão. A partir de 1990 o número de saídas diminui e encontra certa estabilidade. O fluxo migratório originado em Criciúma apresenta uma forte aceleração nos últimos anos da década de 90, não apresentando sinais de que essa tendência fosse se inverter até a data do survey, o que o caracteriza como o fluxo mais recente. A curva de Maringá, diferente das outras, apresenta três picos e duas depressões, com o ápice registrado em 1990, ano da promulgação da lei que facilitou a imigração para descendentes de japoneses. É interessante notar que, no caso de Maringá, o pico da migração parece ter surgido de repente, ou seja, não houve um período prévio de “pioneiros”, mas uma avalanche de saídas como em resposta a um forte estímulo.

¹⁰ Para Governador Valadares, o último ano de registro de saídas foi 1997, ano da realização do *survey* nessa cidade.

Gráfico 04
Comportamento dos fluxos de migração, por cidade de origem 1980 a 2000*.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

*As saídas anteriores à escala do gráfico estão acumuladas no ano de 1980.

Em movimentos migratórios internacionais, nos quais o tempo decorrido desde seu início é relativamente curto, a análise das coortes em função do período de chegada no destino é particularmente importante devido às transformações mais intensas na configuração sociodemográfica dos componentes desses fluxos. Desde a chegada dos “pioneiros” até o momento em que o fluxo de saídas atinge certa “estabilidade”, passando pelo período de ápice em volume, as condições de estímulo para migrar e de adaptação no destino variam, e o reflexo dessas alterações na razão de sexo dos migrantes pode ser verificado na Tabela 08.

Como regra geral, o número absoluto de homens supera o de mulheres, seja qual for o caso analisado, mas a razão de sexos é mais equilibrada entre os migrantes de Maringá, resultado da reforma da lei japonesa sobre imigrantes. Sem os riscos inerentes à ilegalidade, as mulheres aparecem em maior proporção no fluxo que leva ao Japão, apresentando uma distribuição relativa semelhante à masculina.

Governador Valadares exibe o clássico quadro de migração internacional, particularmente a indocumentada: o movimento começa com maior participação dos homens, incorporando mais mulheres ao passo que se expande (Tabela 08). Desde o início da série temporal até 1988, o auge do movimento, os homens predominam no cenário de saídas; de 1989 em diante, as mulheres superam os homens em proporção, chegando mesmo a excedê-los numericamente nos anos de 1993 e 1996.

Criciúma, por ser a origem do fluxo migratório mais recente, tem a razão de sexos mais desequilibrada em favor dos homens. Esse índice, no entanto, não fica tão distante do encontrado em Valadares, pois a migração a partir de Criciúma ganhou força em fins dos anos 90, quando várias comunidades de brasileiros já se encontravam consolidadas em território norte-americano. Algumas correntes que partem de Criciúma, como será visto no próximo capítulo, chegam ao mesmo ponto nos Estados Unidos, aproveitando, dessa forma, uma estrutura preexistente de laços entre migrantes brasileiros.

Tabela 08

Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo o ano de chegada no país de destino.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Ano	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
1980	7,09	6,13	6,73	0,27	0,49	0,35	0,98	2,23	1,52
1981	0,37	0,61	0,46	0,00	0,00	0,00	0,00	0,32	0,14
1982	1,12	1,84	1,39	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1983	5,97	0,61	3,94	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1984	3,36	2,45	3,02	0,27	0,97	0,53	0,00	0,32	0,14
1985	8,58	6,13	7,66	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
1986	7,84	6,75	7,42	1,10	0,00	0,70	0,00	0,32	0,14
1987	17,16	11,66	15,08	1,10	0,49	0,88	0,49	0,32	0,41
1988	14,93	12,88	14,15	0,82	0,49	0,70	1,22	0,32	0,83
1989	11,94	15,34	13,23	2,19	0,97	1,75	7,56	5,73	6,77
1990	5,97	5,52	5,80	2,47	1,46	2,10	17,80	15,29	16,71
1991	2,99	4,29	3,48	1,64	1,94	1,75	13,17	10,51	12,02
1992	2,99	4,91	3,71	1,92	2,43	2,10	9,27	9,24	9,25
1993	1,49	7,36	3,71	5,21	3,40	4,55	4,88	8,28	6,35
1994	3,73	5,52	4,41	6,03	4,85	5,60	5,12	5,73	5,39
1995	3,73	4,91	4,18	3,84	5,83	4,55	6,83	4,78	5,94
1996	1,87	5,52	3,25	3,56	4,85	4,03	5,61	7,96	6,63
1997	5,97	3,68	5,10	4,11	4,37	4,20	9,02	8,92	8,98
1998	--	--	0,00	9,04	13,11	10,51	4,63	4,46	4,56
1999	--	--	0,00	13,97	17,96	15,41	3,66	4,78	4,14
2000	--	--	0,00	16,71	16,02	16,46	6,83	6,05	6,49
2001	--	--	0,00	25,75	20,39	23,82	2,93	4,46	3,59
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	260	160	420	318	185	503	404	307	711

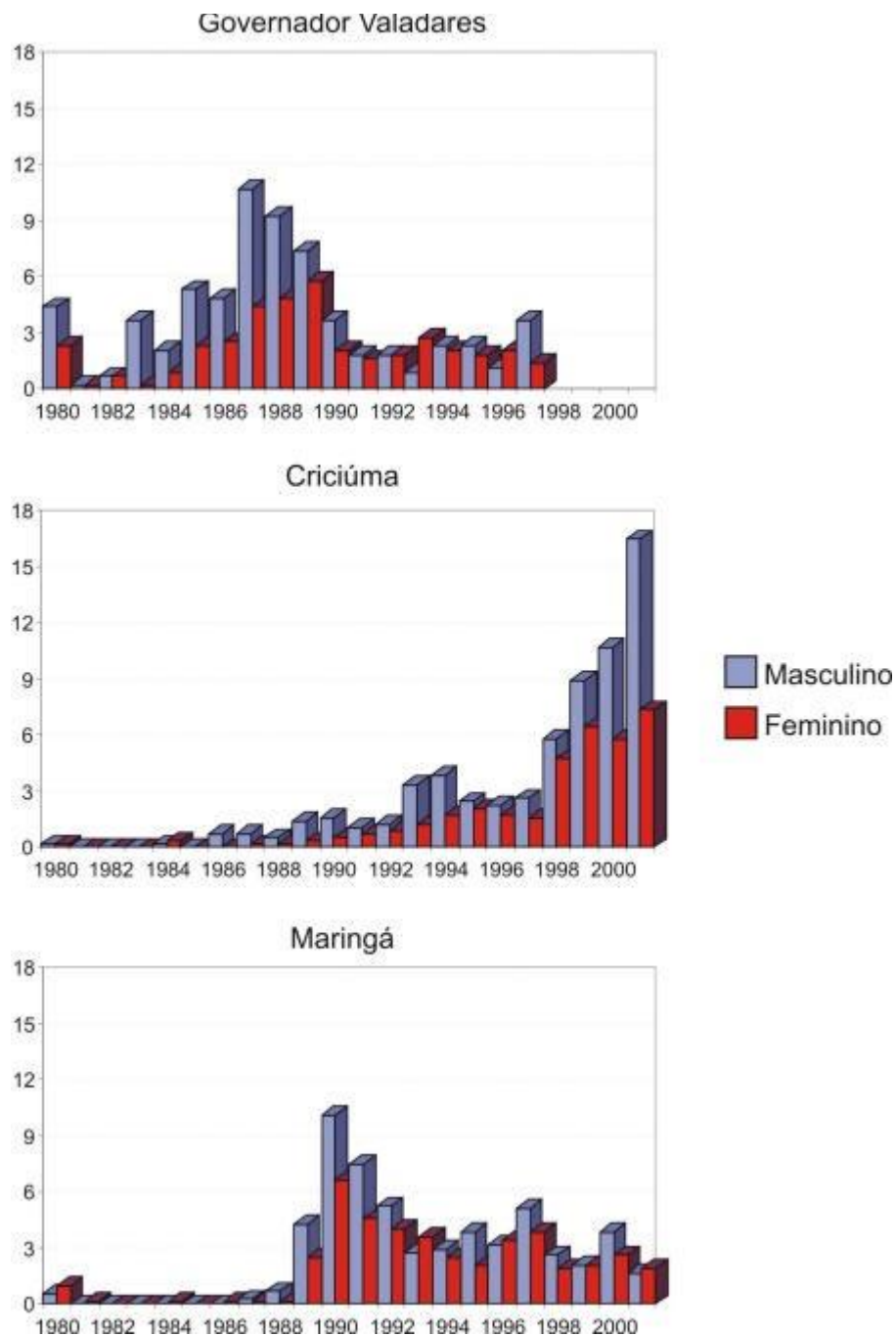
Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

O gráfico 05, diferente da Tabela 08, registra o número absoluto de migrantes segundo o ano de saída, mostrando a composição real do fluxo. Pelo gráfico fica mais evidente, no caso de Governador Valadares, a força do movimento durante a década de 80, e a predominância masculina nesse período, como já mostramos para o total de migrantes. Ao mesmo tempo em que o número de saídas diminui nos primeiros anos da década de 90, a ampliação do movimento a partir de Criciúma começa a ser percebida. A superposição idealizada desses gráficos causa a impressão de que os migrantes de Criciúma pegaram “carona” na comitiva valadarense. A distribuição de saídas em Maringá, novamente, denota um crescimento abrupto do fluxo em direção ao Japão a partir de 1989. Fica clara, portanto, a distinção quanto ao processo de ampliação do contingente migratório em função da região de destino: no movimento indocumentado em direção aos Estados Unidos, o estabelecimento prévio de estruturas sociais reticulares, nas quais circulam recursos e informações importantes, é um pré-requisito para a expansão do projeto migratório na região de origem; o fluxo nipônico, por outro lado, conta com estruturas organizacionais institucionalizadas, as agências de recrutamento, que distribuem igualmente as oportunidades de migrar para quem se encaixa nas exigências legais.

Dentre os fatores que influenciam a entrada e permanência de imigrantes, Portes destaca os *modos de incorporação* (1995; p.23-25). Esse conceito refere-se ao processo de inserção de imigrantes em diferentes contextos da sociedade de destino, a saber: política oficial de imigração, receptividade da sociedade de destino, e receptividade da comunidade étnica no destino. Essa combinação de níveis de recepção, a qual Portes utiliza para fazer uma contraposição ao modelo neoclássico, permite explicar a mobilidade econômica do imigrante. Para o nosso caso, parte desse conceito ajuda a explicar a quantidade de viagens que o brasileiro empreende em seu projeto migratório.

Do mesmo modo que em outros fluxos laborais voluntários, os brasileiros que vão para outros países raramente vêem a mudança de residência como definitiva. O projeto de migrar, entretanto, que em geral se inicia fortemente associado à idéia de retorno, não raramente sofre alterações em termos de expectativa temporal do indivíduo na condição de imigrante, prolongando o período de estada idealizado antes da partida, às vezes de forma indeterminada. Mas seja qual for a extensão de tempo vivida no exterior, a manutenção dos laços com a origem é uma característica marcante das comunidades de brasileiros no exterior: 99% dos migrantes de Governador Valadares e de Criciúma, e 98% dos migrantes de Maringá mantêm ou mantiveram alguma forma de contato com os parentes e amigos que ficaram no Brasil. O contato mais efetivo, naturalmente, ocorre quando o migrante tem a chance de visitar seus conhecidos na origem, necessitando, para isso, viajar de volta ao Brasil e de novo para o exterior. Aqui podemos associar a política de imigração do país receptor às idas e vindas dos nossos migrantes.

Gráfico 05
Total de migrantes, por sexo, segundo o ano de saída do país de origem.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A Tabela 09 mostra que uma única viagem é o comportamento predominante em todos os fluxos, ainda que seja evidente a diferença entre a maior concentração dessa conduta em Governador Valadares (80%) e a menor em Maringá (60%). A principal característica para Maringá nesse quesito é a ampla superioridade quanto aos migrantes que fizeram 3 e 4 viagens para o Japão. Nesse caso, o fator limitante é o valor da passagem para o outro lado do mundo, já que o descendente de japonês, ou seu cônjuge, não passam por tantos problemas para conseguir o visto de reentrada. Mas o maior número de migrantes que fizeram 2 ou 3 viagens partindo de Criciúma, quando comparado aos números de Governador Valadares, precisa ser mais bem analisado, já que o fluxo daquela cidade é o mais recente.

No que toca a política de imigração dos Estados Unidos em relação aos brasileiros, não existe uma “questão nacional” que direcione os esforços do INS¹¹ para conter a onda clandestina de brazucas, como ocorre com os mexicanos. No entanto, conforme alguns locais de origem se acumulavam nos relatórios sobre não-migrantes que excediam o prazo do visto de permanência e sobre repatriados que trabalhavam ilegalmente, algumas cidades ficaram marcadas como potenciais fontes de indocumentados. Segundo a declaração de vários entrevistados em Governador Valadares e Criciúma, bastava o reconhecimento da naturalidade pelo passaporte para que o funcionário da embaixada norte-americana negasse o visto.

Esse problema foi parcialmente resolvido pelos habitantes de Valadares devido ao desenvolvimento de uma rede de falsificação de documentos, como foi registrado por Soares (1995). Parcialmente, porque esse procedimento facilita somente a primeira entrada no país, uma vez que a permanência além do prazo e realização de trabalho sem o visto apropriado sujeitam o indivíduo à deportação, além de dificultar sua reentrada. Tanto em Governador Valadares quanto em Criciúma, somente os migrantes com *status* de migrante devidamente regularizado fizeram 5 viagens ou mais, e o maior número de pessoas que fizeram 2 ou 3 viagens em Criciúma deve-se ao fato de que muitos migrantes dessa cidade escolheram a

¹¹ Immigration and Naturalization Service.

rota através do México, procedimento adotado em escala crescente por brasileiros nos últimos anos.

Tabela 09

Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo o número de viagens ao país de destino. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Viagens	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total	Masc	Fem	Total
1	79,00	83,82	80,84	69,06	73,12	70,55	57,87	63,26	60,19
2	16,37	13,87	15,42	20,31	19,89	20,16	23,24	20,13	21,90
3	1,78	1,73	1,76	6,25	3,76	5,34	12,59	11,50	12,12
4	0,71	0,58	0,66	2,19	0,54	1,58	4,84	3,51	4,27
5 e mais	2,14	0,00	1,32	2,19	2,69	2,37	1,45	1,60	1,52
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	281	173	454	323	190	513	413	313	726

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A Tabela 10 indica as proporções em que os indivíduos foram categorizados entre retornados e ausentes, segundo o sexo do migrante. Os homens constituem maioria em quaisquer dos fluxos, como já foi visto, mas a distribuição dos migrantes em função da condição de presença mostra uma diferença interessante relacionada à cidade de origem: nos locais de saída para os Estados Unidos encontramos mais migrantes ausentes, enquanto que em Maringá os retornados predominam.

Consideramos que a formação de comunidades-filha no destino, reafirmando o que já foi dito em outro trabalho (Fusco, 2000), pode contribuir na explicação desse fato. A concentração de imigrantes em espaços específicos amplia as conexões sociais para além do que seria a simples soma das redes pessoais, pois os recursos são agregados em um conjunto que pode ser acessado direta ou indiretamente por laços fortes ou fracos. Em outras palavras: em locais onde as comunidades de brasileiros se encontram mais concentradas, o migrante conta com uma fonte de apoio mais eficiente para se manter no destino, se assim o desejar, em função da maior disponibilidade de capital social.

Tabela 10

**Distribuição relativa do fluxo de migração, por sexo, segundo condição de presença.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.**

Condição	Governador Valadares		Criciúma		Maringá	
	Masc.	Fem..	Masc	Fem.	Masc.	Fem.
Retornado	36,65	30,06	28,53	22,75	58,66	64,22
Ausente	63,35	69,94	71,47	77,25	41,34	35,78
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	281	173	254	211	433	341

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Para reforçar esse argumento, vejamos na Tabela 11 a seguir como se distribuem os indivíduos pesquisados em função do tempo vivido no exterior, durante toda sua experiência migratória. Antes de tudo, devemos levar em consideração quando ocorreu o ápice para cada fluxo, em função da data do *survey*, uma vez que essa medida está diretamente relacionada com a variável em questão. Voltando à Tabela 08, podemos verificar que o pico do movimento em Valadares ocorreu 10 anos antes do *survey*; em Criciúma foi registrado o ápice no próprio ano da pesquisa; e em Maringá, esse marco ocorreu 14 anos antes do *survey*. Dessa forma, a concentração de 82% dos migrantes criciumenses na faixa de 0 a 5 anos de permanência é plenamente justificável, mas o mesmo não acontece com a diferença entre Governador Valadares e Maringá: 57% dos migrantes daquela cidade têm 6 ou mais anos no exterior, contra somente 32% desta, apesar do maior tempo de exposição à chance de permanecer no destino por parte dos maringaenses. A permanência na região de destino, para o migrante clandestino, é caracterizada pelo risco de prisão e deportação, do mesmo modo que a entrada através da fronteira ou desembarque. Consideramos, portanto, que o pertencimento a um grupo ou comunidade, em que o capital social disponível atenda às necessidades de seus membros, é um fator importante para analisar a questão da expectativa temporal e da adaptação do migrante no destino.

Tabela 11

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo o tempo (em anos) de permanência no destino ao longo de toda experiência migratória.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Tempo de permanência	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
0 a 2	25,09	20,35	23,28	60,56	58,73	59,88	35,87	44,41	39,63
3 a 5	16,85	25,58	20,18	21,12	24,87	22,50	30,64	28,40	29,65
6 a 8	19,00	24,42	21,06	10,56	8,99	9,98	19,48	14,50	17,29
9 a 11	26,16	20,93	24,17	4,66	4,23	4,50	11,88	10,88	11,44
12 e mais	12,90	8,72	11,31	3,11	3,17	3,13	2,14	1,81	1,99
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	279	172	451	322	189	511	421	331	752

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A Tabela 12 mostra a distribuição dos migrantes por faixas de idade ao migrar pela primeira vez, segundo sexo. O agrupamento das faixas de 20 até 39 anos concentra 81% dos migrantes de Valadares, 74% de Criciúma e 49% de Maringá. Essas proporções indicam que a maioria dos indivíduos estava em plena capacidade produtiva e reprodutiva, justificando, por um lado, o clássico argumento de migrantes como jovens adultos, principalmente do sexo masculino, buscando melhores condições materiais de vida; por outro lado, podemos identificar um dos fatores responsáveis pela menor proporção de crianças nos domicílios com migrantes, já que esses indivíduos estavam em idade de maior exposição ao risco de ter filhos, e podem ter adiado tais planos em função da migração. Esse fator compete tanto na categoria de resultante como na de condicionante, pois já vimos que famílias com crianças tendem menos à migração internacional de longa distância, devido às necessidades específicas do ciclo vital familiar. Além disso, a faixa de idade ao migrar pela primeira vez que mais concentra migrantes é a de 20 a 24 anos em todos os fluxos, o que reforça o argumento de que o ciclo vital é o fator mais importante para, nesse caso, conferir maior flexibilidade ao indivíduo.

Tabela 12

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo faixas de idade, na ocasião da primeira experiência migratória.

Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Faixas de idade	Governador Valadares			Criciúma			Maringá		
	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total	Masc.	Fem.	Total
0-14	2,19	3,00	2,49	0,63	0,56	0,60	3,97	8,47	5,92
15-19	8,00	7,78	7,92	9,84	16,11	12,12	17,87	16,29	17,18
20-24	32,73	26,95	30,54	30,48	27,78	29,49	19,85	18,57	19,30
25-29	21,45	33,53	26,02	19,68	27,78	22,63	14,14	14,98	14,51
30-34	15,64	14,37	15,16	12,06	10,56	11,52	8,19	8,79	8,45
35-39	9,45	8,38	9,05	12,70	6,11	10,30	7,44	5,21	6,48
40-44	4,36	1,80	3,39	6,03	4,44	5,45	6,45	7,17	6,76
45-49	3,64	1,80	2,94	4,44	2,78	3,84	7,69	7,17	7,46
50 e mais	2,54	2,40	2,49	4,13	3,90	4,04	14,39	13,35	13,95
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	275	167	442	315	180	495	403	307	710

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Apesar de exibirem maior proporção de indivíduos que migraram entre 20 e 39 anos, os três fluxos apresentam uma diferença importante na distribuição da população segundo idade ao migrar, em função do local de destino. Aqueles que foram ao Japão aparecem mais espalhados pelas faixas de idade, principalmente as mais elevadas. Essa característica reflete diretamente a questão do *status* de legalidade, já que a condição de clandestino limita o escopo de idade daqueles que podem se aventurar aos riscos conhecidos desse tipo de migração, enquanto que os dekassegus, com visto apropriado em sua maioria, não sofrem o mesmo tipo de constrangimento.

Qualificação e Trabalho

Do total de migrantes em Valadares, 12% têm curso superior completo ou incompleto; 75% iniciaram ou concluíram o segundo grau; e 12% têm o primeiro grau, completo ou incompleto (Tabela 13). Em Criciúma esse quadro se altera um pouco: 19% completaram ou ingressaram em curso superior; 72% alcançaram o segundo grau; e 9% chegaram até o primeiro grau. Mas é em Maringá que verificamos a diferença mais significativa: 29% dos migrantes têm nível universitário; 22% atingiram o segundo grau; e finalmente, 13% contam somente com o primeiro grau, completo ou não. A diferença marcante, portanto, aparece na maior proporção de migrantes com nível superior em Maringá, principalmente entre os que têm curso universitário completo, os quais agregam aproximadamente o dobro do valor equivalente nas outras cidades.

Uma das causas para explicar a diferença de escolaridade entre a população migrante de Criciúma e de Maringá provavelmente está relacionada ao critério de amostragem para esta última, que restringiu a inclusão de domicílios em função da presença de pelo menos um membro com ascendência japonesa. Uma análise do desempenho escolar da população de raça amarela em relação à população total da cidade pode ajudar nessa argumentação, mas não é nosso objetivo, nesse momento, desenvolver essa idéia. Em complemento a esse fator, o melhor capital humano pode ser também uma consequência do processo de seletividade pelo qual passam os maringaenses, devido à preferência dada ao maior capital humano pelas agências no recrutamento.

O nível de escolaridade dos brasileiros retratados em outros trabalhos é muito diferente dos apresentados aqui. A população de brazucas entrevistada por Margolis (1994) em Nova

York exibe o índice de 46% de indivíduos com experiência universitária, número muito próximo do encontrado por Sales (1999) entre os imigrantes em Boston (47%). Os resultados obtidos por Martes (1999) mostram um desempenho mais modesto (28%), mas ainda assim muito superior aos da nossa amostra. Duas razões se complementam para explicar: primeira, nossa amostra foi coletada na origem, as outras foram tomadas no destino; segunda, nossas entrevistas foram escolhidas por amostragem aleatória de domicílios, as demais seguiram o método bola-de-neve ou selecionaram indivíduos em estabelecimentos escolhidos.

Tabela 13
Distribuição dos migrantes, por grau de escolaridade. Governador
Valadares, Criciúma e Maringá.

<i>Escolaridade</i>	<i>Governador Valadares</i>	<i>Criciúma</i>	<i>Maringá</i>
Analfabeto	0,68	0,00	1,05
Primário incompleto	12,50	3,35	5,13
Primário completo	-	5,33	8,55
Ginásio incompleto	30,00	12,23	8,03
Ginásio completo	-	13,41	15,26
Colegial incompleto	44,77	10,85	6,45
Colegial completo	-	35,70	26,18
Univ. incompleto	3,41	10,65	12,76
Univ. completo	8,64	8,48	16,58
Total (%)	100,00	100,00	100,00
Total (N)	440	507	760

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Associada à escolaridade, a proficiência na língua do país de destino é outro importante fator na qualificação do imigrante, como afirma Borjas (1990). Segundo a Tabela 14 abaixo, 6% dos valadarenses declararam o domínio da língua como excelente ou bom e 94% como regular ou nenhum; em Criciúma essas proporções foram 12% e 88%; em Maringá encontramos melhores índices, com 31% dos migrantes em excelente ou bom e 69% em regular ou nenhum. Mais uma vez, a melhor qualificação do migrante que sai de Maringá pode ser explicada tanto pelo viés da raça, como pela seletividade própria do movimento em

direção ao Japão. O que merece destaque aqui, no entanto, é o surpreendente baixo nível de conhecimento do idioma estrangeiro, em especial o inglês, dentre os migrantes de Valadares e Criciúma. A escolaridade mediana, se comparada de Maringá, associada ao fraquíssimo índice de proficiência em inglês, apontam, portanto, para a menor importância do capital humano na migração que leva aos Estados Unidos, quando comparada ao fluxo de dekassegus.

Tabela 14
Distribuição relativa dos migrantes, por grau de proficiência na língua do país de destino.
Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

Proficiência	Governador Valadares	Criciúma	Maringá
Excelente	1,37	4,94	10,82
Bom	5,03	6,84	19,97
Regular	24,26	28,33	35,23
Nenhum	69,34	59,89	33,98
Total (%)	100,00	100,00	100,00
Total (N)	437	526	721

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A importância do nível de escolaridade e de conhecimento do idioma estrangeiro está nas possibilidades de inserção do imigrante no mercado de trabalho no local de destino. Mas o indivíduo que não domina o idioma, mesmo que tenha curso superior, não tem as mesmas chances que um nativo de ingressar numa carreira profissional promissora. Em relação à escolaridade, também podemos dizer que "... a desvalorização do diploma no mercado de trabalho (brasileiro) pode ser uma variável fundamental para explicar por que pessoas com grau de escolaridade acima da média de seu país optam pela emigração, sabendo que no país de destino exercerão ocupações menos qualificadas do que aquelas que exerciam no Brasil" (Martes, 1999; p. 52). Seja como for, o escopo de ocupações exercidas pelos migrantes da amostra não corresponde à escolaridade registrada, como podemos ver nas Tabelas 15, 16 e 17.

Tabela 15
Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação.
Governador Valadares.

Ocupação	Sexo	
	Masc.	Fem.
Faxina/Limpeza	11,28	52,82
Bar/Restaurante	28,02	15,49
Babá/idosos	0,39	9,86
Construção	22,57	0,70
Outros	37,74	21,13
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	257	142

Fonte: Sales 1997

A maioria das mulheres (53%) de Valadares está concentrada na limpeza, que envolve a faxina doméstica e empresas de limpeza; os dois outros maiores grupos trabalham em bares e restaurantes (15%), geralmente como lavadoras de louça e limpadoras de mesa, e ainda como babás e acompanhantes (10%), cuidando de crianças ou idosos. Os homens dessa cidade trabalham principalmente em bares e restaurantes (28%) e no serviço braçal em construções (23%), mas também atuam no setor de limpeza (11%), em geral associados às esposas. A população feminina de Criciúma também está concentrada na limpeza (32%), em bares e restaurantes (19%) e em empregos para cuidar de crianças e idosos (5%), mas, se forem consideradas todas as ocupações dessas mulheres, verificamos que elas apresentam uma maior diversidade de empregos que as valadarenses. Os homens de Criciúma estão alocados nos mesmos nichos ocupacionais dos valadarenses, mas em proporções diferentes: 29% na construção, 26% em bares e restaurantes, e 13% na limpeza, apresentando, ao contrário de suas conterrâneas, menor margem de diversificação de ocupações que os valadarenses.

Tabela 16

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação.
Criciúma

Ocupação	Sexo	
	Masc.	Fem.
Babá/idosos	0,37	5,48
Faxina/Limpeza	13,24	32,42
Bar/Restaurante	26,47	18,72
Construção	29,41	0,91
Outros	30,51	42,47
Total (%)	100,00	100,00
Total (%)	272	219

Fonte: Sales 2001.

A grade de ocupações registrada para os migrantes de Maringá é muito diferente, pois os dekasseguis são encaminhados pelas diretrizes das agências de recrutamento, que, por sua vez, refletem uma demanda de trabalhadores em ocupações bem específicas. Como podemos ver na Tabela 17, tanto homens como mulheres estão agrupados majoritariamente na categoria de operário industrial (72% e 58%, respectivamente). As mulheres aparecem ainda trabalhando em serviços de limpeza (5%), no cuidado com idosos (4%), e em bares e restaurantes (4%). Os homens trabalham também em construções (5%), na limpeza (2%), e em bares e restaurantes (2%).

Tabela 17

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo grupos de ocupação.
Maringá

Ocupação	Sexo	
	Masc.	Fem.
Operário industrial	71,78	58,05
Enfermeiro/a acompanhante	0,00	4,36
Limpeza	2,23	5,37
Bar/Restaurante.	1,98	3,69
Construção	4,95	1,01
Outros	19,06	27,52
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	404	298

Fonte: Sales 2001.

A incorporação do imigrante brasileiro no mercado de trabalho norte-americano, portanto, ocorre no patamar inferior, denominado de “secundário” pela teoria da segmentação de Piore e Berger (1980). A rígida dualidade desse modelo, contudo, constitui um entrave na análise ocupacional dos imigrantes, pois, segundo Portes (1995), os *enclaves étnicos* são uma alternativa importante ao mercado de trabalho para os imigrantes, evidenciando um lapso daquele modelo. Pode-se afirmar, contudo, que as ocupações exercidas pelos brasileiros estão concentradas no setor de serviços, setor este que vem se ampliando nos Estados Unidos.

A concentração dos brasileiros em serviços de faxina, em bares e restaurantes, ou no cuidado com crianças e idosos, segundo Martes (1999; p.89), pode ser mais facilmente associada às mudanças no estilo de vida, nos padrões de consumo e nas relações de gênero, especialmente relacionadas à crescente incorporação das mulheres no mercado de trabalho dos Estados Unidos, do que à reestruturação produtiva da economia norte-americana. Os brasileiros, dessa forma, ocupam nichos de ocupações desprestigiadas pelos nativos, mas que lhes permitem continuar a conquistar seu espaço lá fora. Além disso, foi graças a esses empregos e muito esforço que esses imigrantes ganharam, no norte, o estereótipo de povo trabalhador (Sales, 1999).

Remessas

Da Agência BBC vem o seguinte informe: “o Brasil está em oitavo lugar entre os países em desenvolvimento que mais recebem remessas de imigrantes no mundo, de acordo com a Pesquisa Mundial Econômica e Social, divulgada nesta segunda-feira pela Organização das Nações Unidas (ONU). Os brasileiros que trabalham fora do país enviaram, segundo o Departamento para Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, mais de US\$ 2 bilhões para casa em 2002” (Galvão, 2004). Essa informação deveria provocar alguma reação do poder público, no sentido de proporcionar formas de apoio aos imigrantes brasileiros. Fica aqui a sugestão de investimentos em centros de socialização para brazucas nos Estados Unidos, como um clube ou um centro cultural.

A maioria dos migrantes, independentemente da cidade de origem, remete dinheiro para o Brasil (Tabela 18). Os dekassegus remetem numa proporção maior que os brazucas, mas a predominância de remessas para manter a família na origem é um padrão comum aos dois fluxos. Uma possível explicação para a diferença entre os índices dos que não realizam remessas financeiras pode ser buscada na expectativa temporal de permanência do migrante. No fluxo que parte de Valadares, vários migrantes se encontram há muito tempo nos Estados Unidos. É razoável considerar que parte dessas pessoas decidiu-se por viver indefinidamente nesse país, o que justificaria o redirecionamento da poupança para a nova vivenda. Pela facilidade de reentrada no Japão, as idas e vindas dos dekassegus podem conferir um caráter mais provisório para a condição de imigrante, incrementando o número de pessoas que mantêm o plano de retornar. Os originários de Criciúma ficam no meio termo, pois esse fluxo é do mesmo tipo que o de Valares, mas não tão antigo.

Tabela 18

Distribuição relativa dos migrantes, segundo o envio de remessas para o município de origem e a finalidade da remessa. Governador Valadares, Criciúma e Maringá.

<i>Remessas</i>	<i>Governador Valadares</i>	<i>Criciúma</i>	<i>Maringá</i>
Não	48,78	42,86	40,35
Investimento	16,63	15,82	19,01
Família	27,94	38,24	39,91
Inv.+fam.	6,65	3,08	0,73
Total (%)	100,00	100,00	100,00
Total (N)	451	455	689

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Brasileiros nos Estados Unidos: temos um padrão?

A caracterização do movimento migratório para os Estados Unidos apresentada nesse capítulo, se comparada a outros trabalhos sobre o mesmo tema, deixa clara a dificuldade em se estabelecer um padrão único para o emigrante brasileiro. Várias pesquisas foram realizadas nesse sentido, mas as diferentes metodologias empregadas e os diferentes períodos em que foram feitas, além da lacuna de dados oficiais, resultaram numa ampla coleção de dados e poucas chances de consenso. Alguns pontos de identificação, no entanto, podem ser localizados nesse processo de caracterização.

A predominância de migrantes na faixa de 20 a 35 anos é uma das características comuns dos estudos afins, assim como a predominância de homens no movimento (Scudeler, 1999; Sales, 1999; Martes, 2000; DeBiaggi, 2003; Assis, 2004). Além disso, as opções para ocupações a serem exercidas pelos brasileiros nos Estados Unidos são limitadas, concentrando-se principalmente no setor de faxina para as mulheres, e em construção civil e nos “bastidores” de bares e restaurantes, para os homens.

As comunidades brasileiras estabelecidas nos Estados Unidos atualmente, entretanto, não configuram um padrão único para o movimento. Antes, encontramos um mosaico de elementos pertencentes a diferentes regiões na origem, classes sociais, ocupação no Brasil, escolaridade, períodos de chegada, índice de permanentes e temporários, etc. Um elemento importante na migração de brasileiros para os Estados Unidos, contudo, pode surgir como um padrão comum aos vários estudos relacionados ao tema: a utilização do capital social e seus efeitos no processo migratório. Essa é a nossa tarefa para o próximo capítulo.

Capítulo IV

Capital Social e Dinâmica Migratória

Segundo as estimativas do Ministério das Relações Exteriores (Tabela 19), os principais países de destino para os brasileiros são Estados Unidos, Paraguai e Japão, que juntos agregam 78% dos nossos emigrantes. Essa diminuta relação de países de destino tem uma correlação direta com a distribuição dos locais de saída no território nacional, pois cada movimento guarda especificidades que condicionam o ingresso do migrante em potencial no fluxo. Os brasileiros que vão para o Japão, por exemplo, saem principalmente dos Estados de São Paulo e Paraná, pois é lá que se encontra a maior colônia de descendentes de japoneses, condição suficiente para poder viver e trabalhar no Japão. O fluxo que leva ao Paraguai, por outro lado, está restrito ao entorno da fronteira com aquele país, e está relacionado aos incentivos presentes na política de desenvolvimento agrícola do governo paraguaio (Sales, 1999).

Tabela 19
Distribuição absoluta e relativa dos migrantes brasileiros, segundo o país de destino.

País de Destino	(N)	(%)
Estados Unidos	799.203	42,33
Paraguai	442.104	23,42
Japão	224.970	11,92
Outros	421.618	22,33
Total	1.887.895	100,00

Fonte: Ministério das Relações Exteriores 2001.

Já o movimento de brasileiros para os Estados Unidos, que não é afetado por recrutamento ativo, como no caso dos dekassegus, e não tem contigüidade com o território

nacional, como os brasiguaios, apresenta a maior concentração de pontos de saída no Brasil. É essa característica tão específica de concentração, não só na origem, mas também no destino, que buscamos associar aos efeitos da utilização do capital social.

Conexão Brasil-Estados Unidos

O questionário da amostra utilizado pelo IBGE na ocasião do Censo contém uma pergunta para captar o movimento de pendularidade, o que não nos ajuda a estimar o número de brasileiros vivendo no exterior. O Censo de 2000, por exemplo, registra 222 habitantes de Governador Valadares trabalhando ou estudando nos Estados Unidos, o que contraria qualquer expectativa sobre o volume de emigrantes dessa cidade.

No entanto, é possível utilizarmos uma outra variável desse questionário para termos uma idéia da distribuição dos emigrantes internacionais pelo território brasileiro. Quando respondem em qual país estrangeiro residiam anteriormente, os brasileiros residentes há menos de 10 anos na localidade entrevistada configuram-se como retornados. Essa categoria não é exatamente como a da nossa amostra, pois a condição de inclusão nos *surveys* era a de residência na cidade participante, antes da viagem ao exterior. Dessa forma, os indivíduos captados no Censo serão contabilizados como retornados para determinado município, mesmo que não tenham partido dali. Apesar dessa margem de incerteza, consideramos razoável a utilização dessa medida como uma *proxy* para avaliarmos a participação das cidades brasileiras no movimento de *emigração* para outros países, particularmente para os Estados Unidos.

O número absoluto de retornados é uma boa medida para avaliar o saldo de retorno, mas não para hierarquizar as localidades em função do impacto causado pelo volume de retorno na população. Para tanto, utilizamos uma medida que expressa a relação retornados/população total, tanto para municípios como para UFs (Tabelas 20 e 21). Esse

procedimento posiciona, por exemplo, a cidade de São Paulo e seus 3805 retornados no 35º lugar do *ranking*, enquanto que Governador Valadares, com somente 540 habitantes que voltaram dos Estados Unidos, é elevada ao topo da lista.

Tabela 20

Participação dos migrantes retornados na população total, por municípios selecionados com mais de 100.000 habitantes.

	<i>Município</i>	<i>Retornados</i>	<i>População</i>	<i>Índice</i>
		A	B	(A/B)*10000
1	Governador Valadares - MG	540	247131	21,85
2	Poços de Caldas - MG	232	135627	17,11
3	Ipatinga - MG	231	212496	10,87
4	Teresópolis - RJ	128	138081	9,27
5	Belo Horizonte - MG	1957	2238526	8,74
6	Vitória - ES	247	292304	8,45
7	Barueri - SP	164	208281	7,87
8	São Carlos - SP	150	192998	7,77
9	Goiânia - GO	798	1093007	7,30
10	Divinópolis - MG	120	183962	6,52
11	Vila Velha - ES	225	345965	6,50
12	Petrópolis - RJ	184	286537	6,42
13	Rio de Janeiro - RJ	3696	5857904	6,31
14	São Leopoldo - RJ	120	193547	6,20
15	Campinas - SP	600	969396	6,19

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulação própria

O reduzido número de municípios conectados com a migração para os Estados Unidos é uma característica marcante, evidenciada por vários ângulos. Em primeiro lugar, somente 10%, ou 555 dos 5507 municípios brasileiros registram moradores residentes retornados dos Estados Unidos. A Região Sudeste, apesar de ser responsável por 43% da população nacional, conta com 66% dessa mesma categoria de migrantes. Minas Gerais, que tem 10,5% da população brasileira, responde por 21% dos retornados.

Quando mudamos a escala de observação para o limite espacial das UFs, constatamos mais uma vez que a grande maioria dos migrantes sai de um diminuto grupo de localidades: somente 64 municípios têm índice de retornados superior à média nacional; no Estado de São Paulo, somente 17%, ou 110 dos 645 municípios têm retornados; em Minas Gerais, essa proporção é de 19%. Esta última UF é a que mais sofre o impacto da conexão de emigrantes com os Estados Unidos, pois exhibe o mais alto índice na Tabela 21. Além disso, a maioria dos municípios da Tabela 20 está em Minas Gerais.

Tabela 21 Participação dos migrantes retornados na população total, por unidades da federação.

	<i>UF</i>	<i>Retornados</i>	<i>População</i>	<i>Índice</i>
		A	B	(A/B)*10000
1	MINAS GERAIS	6240	17891494	3,49
2	RIO DE JANEIRO	4971	14391282	3,45
3	ESPÍRITO SANTO	805	3097232	2,60
4	GOIÁS	1266	5003228	2,53
5	SÃO PAULO	7491	37032403	2,02
6	PARANÁ	1757	9563458	1,84
7	RIO GRANDE DO SUL	1467	10187798	1,44
8	SANTA CATARINA	732	5356360	1,37
9	PERNAMBUCO	981	7918344	1,24
10	MATO GROSSO DO SUL	226	2078001	1,09
11	CEARÁ	578	7430661	0,78
12	MATO GROSSO	151	2504353	0,60
13	RONDÔNIA	74	1379787	0,54
14	RIO GRANDE DO NORTE	141	2776782	0,51
15	BAHIA	655	13070250	0,50
16	PARAÍBA	157	3443825	0,46
17	AMAZONAS	109	2812557	0,39
18	PARÁ	233	6192307	0,38
19	PIAUÍ	99	2843278	0,35
20	ALAGOAS	93	2822621	0,33
21	MARANHÃO	87	5651475	0,15
22	SERGIPE	9	1784475	0,05
	BRASIL	29.590	169.799.170	1,74

Fonte: FIBGE, Censo Demográfico 2000. Tabulação própria

Essa concentração de locais de origem na migração para os Estados Unidos contrasta fortemente com a distribuição dos municípios envolvidos com o movimento em direção ao Japão. Apesar de reconhecidamente menor em volume do que o fluxo que leva à América do Norte, o registro de brasileiros retornados do Japão contabiliza 13% dos municípios do Brasil como local de chegada desses migrantes. O universo de municípios expostos ao risco de se envolver na migração Brasil-Japão, no entanto, se restringe majoritariamente aos locais onde existem comunidades nipo-brasileiras, as quais se concentram nos Estados de São Paulo e Paraná, que, somados, respondem por 82% dos retornos. Em São Paulo, quase 50% dos municípios têm migrantes retornados do Japão; no Paraná, essa proporção é de 41%, ainda que não existam comunidades de descendentes de japoneses em todas as cidades desses dois Estados, o que aumenta a probabilidade de que a medida real seja ainda maior. Esses números revelam uma característica marcante desse movimento, associada à distribuição da população nipo-brasileira pelo território nacional: a simples existência de descendentes de japoneses numa localidade determina uma alta probabilidade de encontrarmos retornados do Japão.

Tabela 22

Distribuição absoluta e relativa dos migrantes brasileiros, por cidades de países selecionados.

	QUANTIDADE	% (*)
NOVA YORK	300.040	15,89
CIUDAD DEL ESTE	280.059	14,83
MIAMI	200.005	10,59
BOSTON	150.005	7,95
NAGOYA	135.079	7,16
ASSUNÇÃO	107.040	5,67
TÓQUIO	89.891	4,76
SALTO DEL GUAIRÁ	55.005	2,91
WASHINGTON	48.001	2,54
HOUSTON	40.140	2,13
LISBOA	36.070	1,91
BUENOS AIRES	35.051	1,86
LOS ANGELES	33.007	1,75
ZURIQUE	25.880	1,37
FRANKFURT	23.201	1,23
MUNIQUE	21.695	1,15
MILÃO	20.062	1,06
PARAMARIBO	20.015	1,06
ROMA	17.059	0,90
PORTO	15.520	0,82
BERLIM	15.507	0,82
CAIENA	15.044	0,80
LONDRES	15.020	0,80
SÃO FRANCISCO	15.003	0,79
CHICAGO	13.002	0,69
TEL AVIV	11.002	0,58
ROTTERDAM	10.532	0,56
RIVERA	10.016	0,53
Subtotal	1.757.951	93,12
Outros Postos	129.944	6,88
Total estimado	1.887.895	100,00

Fonte: Ministério das Relações Exteriores 2001

As estimativas do número de brasileiros vivendo no exterior, elaboradas pelo Ministério das Relações Exteriores (Tabela 22 acima), mostram a distribuição dessas pessoas nos

países de destino. Os limites territoriais correspondentes ao posicionamento dos brasileiros foram arbitrados em função da localização dos postos consulares, o que diminui a precisão quanto à distribuição dos imigrantes. Apesar disso, o fato de existirem 8 postos nos Estados Unidos permite comparações entre as concentrações de brasileiros nas diferentes regiões desse país. As cidades de Nova York, Miami, Boston e Washington, por exemplo, agrupam quase 90% dos brazucas nesse país, revelando a costa leste dos Estados Unidos como a preferência nacional.

A maioria dos migrantes brasileiros que decidem viver no exterior, portanto, está distribuída entre bem poucos países. Os fluxos originados nas cidades que participaram dos *surveys*, contudo, apresentam índices de concentração no destino ainda maiores (Tabela 23 a seguir). Os Estados Unidos abrigam 86% dos migrantes valadarenses e 60% dos oriundos de Criciúma; esta cidade também apresenta fluxos relevantes para a Itália (14%) e Portugal (11%), relacionados à presença de descendentes de imigrantes italianos e portugueses em Santa Catarina; o Japão, sem surpresas, é o destino de praticamente todo descendente de japonês maringaense.

Tabela 23
Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por países, segundo o município de origem.

<i>País</i>	<i>Governador Valadares</i>	<i>Criciúma</i>	<i>Maringá</i>
Estados Unidos	85,60	60,00	0,14
Canadá	2,53	1,58	--
Portugal	2,33	10,89	0,14
Japão	0,19	0,40	99,31
Itália	0,78	14,26	--
México	0,19	4,55	--
Outros	8,37	8,32	0,42
Total (%)	100,00	100,00	100,00
Total (N)	514	505	722

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A Tabela 24, que mostra a distribuição dos migrantes nos Estados norte-americanos e nas províncias do Japão, reforça nossa afirmação de que a migração de brasileiros para os Estados Unidos apresenta uma conexão muito estreita de algumas cidades na origem com pontos específicos no destino. Os migrantes de Valadares, por exemplo, situam-se

principalmente em Massachussetts (52%), Flórida (16%), Nova Jersey (15%) e Nova York (12%), além de uma proporção mínima (6%) que se dispersa pelos outros Estados; os criciumenses exibem uma concentração ainda maior, pois 83% dos que vão aos Estados Unidos ficam em Massachussetts, restando apenas 17% para serem contabilizados nos demais Estados; os migrantes que se dirigem ao Japão, por outro lado, apresentam uma concentração menor: 19% em Shizuoka, 17% em Aichi Ken, 14 províncias agrupando entre 2% e 6% dos migrantes, e todas as 47 províncias com alguma proporção de maringenses.

Tabela 24

Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por estados e províncias dos Estados Unidos e Japão, segundo o município de origem no Brasil.

<i>Estado</i>	<i>Governador Valadares</i>	<i>Estado</i>	<i>Criciúma</i>	<i>Província</i>	<i>Maringá</i>
Massachussetts	51,86	Massachussetts	83,08	Shizuoka	19,21
Florida	15,88	Florida	5,38	Aichi Ken	17,38
Nova Jersey	14,64	Connecticut	3,85	Kanagawa Ken	6,62
Nova York	11,66	Texas	1,92	Tóquio	5,96
Outros	5,96	Outros	5,77	Outros	50,83
Total (%)	100,00		100,00		100,00
Total (N)	403		302		604

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

A distribuição dos brasileiros pelas cidades dos Estados Unidos e Japão apresenta também um padrão de alta concentração para o primeiro país, e uma certa “diluição” dos migrantes no segundo, como mostra a Tabela 25. Boston agrega 38% dos migrantes de Valadares e 59% dos oriundos de Criciúma, mas se levarmos em conta que Framingham, Somerville, e outras cidades¹² com índices menores de imigrantes se localizam na região metropolitana de Boston, concluiremos que a concentração de brasileiros nessa região é ainda maior. Os migrantes que vão ao Japão, por outro lado, não se concentram de forma destacada em nenhuma cidade no destino. Ao contrário, encontram-se espalhados por 177 cidades, enquanto que os valadarenses alcançam um máximo de 61 e os criciumenses chegam somente a 35 cidades nos Estados Unidos (Figura 1).

¹² As divisões administrativas no Brasil são diferentes das utilizadas nos Estados Unidos, mas aqui iremos nos referir sempre à “cidade” como termo equivalente.

Tabela 25

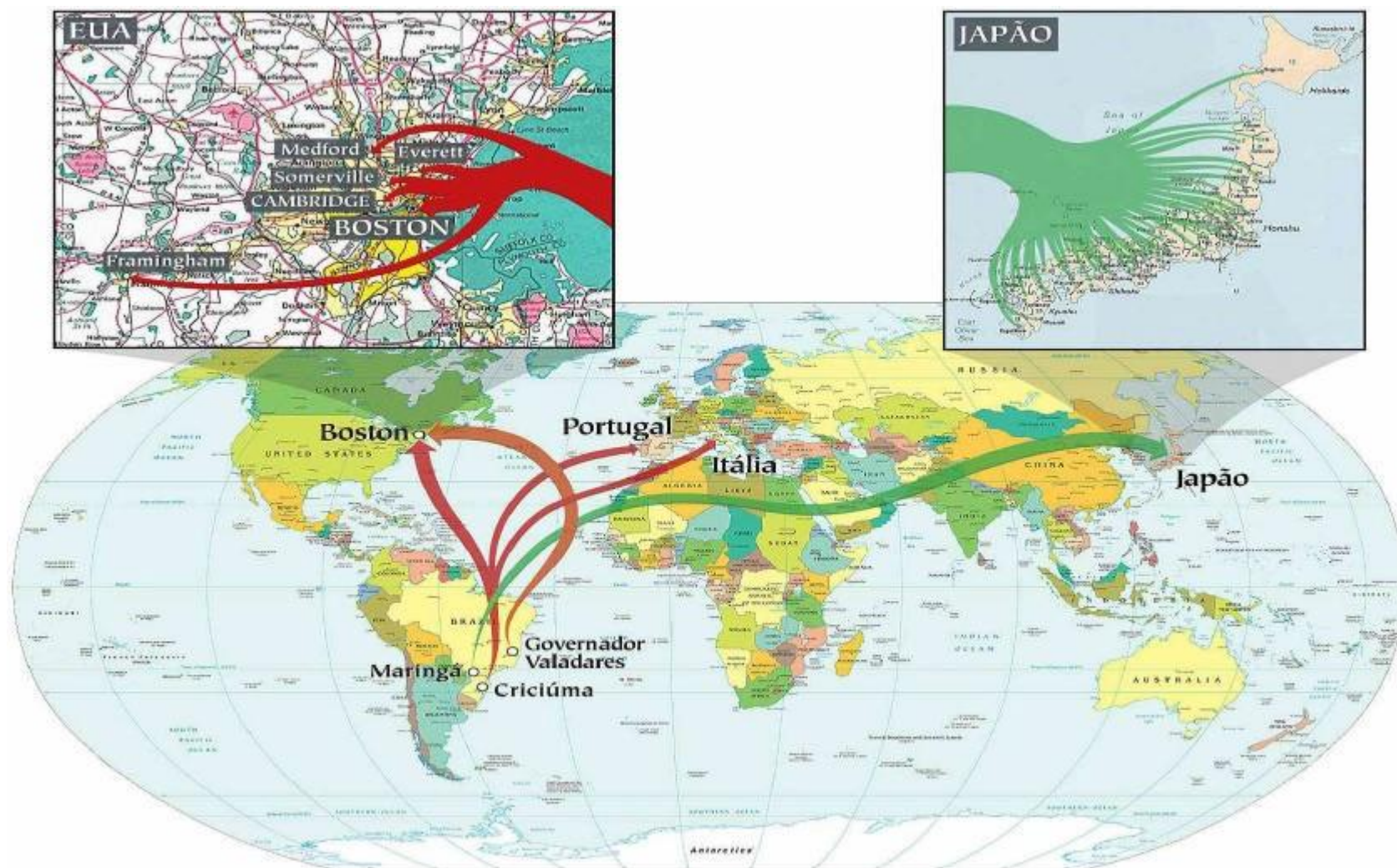
Distribuição relativa dos migrantes brasileiros por cidades dos Estados Unidos e Japão, segundo o município de origem no Brasil

<i>Governador Valadares</i>		<i>Criciúma</i>		<i>Maringá</i>	
Boston	37,60	Boston	58,90	Nagoya	7,19
Nova York	9,40	Somerville	6,85	Hamamatsu	5,68
Newark	5,48	Miami	4,11	Tóquio	5,11
Framingham	4,96	Hartford	3,42	Osaka	4,55
Outras	42,56	Outras	26,72	Outras	77,47
Total (%)	100,00		100,00		100,00
Total (N)	383		292		528

Fonte: Sales 1997, Sales 2001.

Como foi demonstrado, o deslocamento de brasileiros para os Estados Unidos tem um padrão muito nítido na distribuição espacial da população migrante, tanto na origem quanto no destino. Encontramos muito poucos municípios no Brasil envolvidos com esse movimento, os quais se localizam predominantemente na região sudeste. Mesmo no interior dos Estados onde a emigração é mais intensa, como é o caso de Minas Gerais, a proporção de municípios vinculados a comunidades brasileiras no exterior não chega a 20%. Nos Estados Unidos, os dados do Ministério das Relações Exteriores mostram a grande concentração de brasileiros na costa leste, e os resultados do *survey* apontam particularmente para o maior agrupamento de migrantes na Região Metropolitana de Boston, Massachusetts. Os emigrantes de Governador Valadares evidenciam, com um histórico migratório mais antigo, como a lista de opções no destino diminui com o passar do tempo, concentrando-se em um número cada vez menor de localidades (Fusco, 2000), e estreitando os laços com comunidades específicas. Como referência para oposição, vimos que os dekassegus estão mais espalhados, tanto pelos municípios brasileiros como pelas cidades japonesas.

Figura 1 – Ilustração dos Fluxos Migratórios Internacionais com origens em Governador Valadares, Criciúma e Maringá.



Dada à facilidade e intensidade com as quais determinados brasileiros decidem partir e tentar a vida nos Estados Unidos, chega a ser surpreendente que tão poucos lugares se transformem em pontos de saída para a emigração internacional. Municípios brasileiros que compartilham determinadas características sociodemográficas e econômicas, por exemplo, deveriam também exibir números algo semelhantes na migração para os Estados Unidos, pois os fatores de atração no destino e a exposição ao “*american way of life*”, a princípio, exercem a mesma influência sobre os brasileiros em toda parte da nação. A justificativa, como queremos demonstrar, pode ser encontrada na dinâmica de circulação do capital social.

Antes de buscarmos o que contribui para que a migração internacional tome corpo, é necessário ressaltar que a maior parte dos recursos do capital social é disponibilizada localmente. O conjunto desses recursos locais está conectado a interesses e normas sociais, que freqüentemente envolvem mais a população do que grandes questões nacionais. Tais bens não-monetários, como informações importantes, favores, acesso a outros conjuntos de recursos por laços fracos, circulam no interior de grupos sociais e entre esses grupos, cuja coesão, de maneira geral, depende da manutenção dos contatos entre os membros. Dessa forma, os laços pelos quais circula o capital social funcionam como “âncoras” que contribuem para que o indivíduo permaneça no mesmo ambiente.

Quando alguns migrantes pioneiros se estabelecem em outro país, depois de enfrentarem altos riscos e custos, tanto financeiros quanto emocionais, o primeiro estágio na formação de um fluxo maior de saídas é atingido. Para que o processo migratório evolua, no entanto, é necessário que tais pioneiros mantenham e cultivem os laços sociais com a origem. O deslocamento de alguns migrantes e de suas redes pessoais para outra localidade, associado à ampliação dessas redes ao passo em que se estabelecem no destino, iniciam o processo de expansão da emigração, pois os demais membros do grupo original do migrante passam a ter mais e mais contatos no exterior, que se configuram como potenciais fontes de recursos. Os laços de parentesco e amizade, nesse contexto, restringem a ampliação do movimento aos limites espaciais, geralmente estreitos, nos quais repousam esses laços. O aumento do alcance das redes sociais relacionadas à migração internacional, portanto, amplia a esfera de inclusão para potenciais migrantes, ao mesmo tempo em que limita esse

crescimento ao local onde se encontram os grupos sociais na origem, vinculados aos respectivos membros no destino. Como consequência, somente alguns indivíduos de determinadas cidades podem alimentar e concretizar as expectativas de migrar para locais específicos, nos quais a clandestinidade é um fator importante.

Adaptação no Destino

O que é necessário para que um indivíduo ingresse em um fenômeno de massa, especificamente no movimento migratório para os Estados Unidos? Por um lado, há que se considerar os riscos envolvidos no processo, como a possibilidade de prisão e deportação. Além disso, também devem ser levados em conta os custos emocionais e financeiros, como o distanciamento da família e dos amigos, e os gastos para financiar a viagem, pagar aluguel, sobreviver, enfim, até a obtenção de um emprego. Por outro lado, o conjunto de recursos disponíveis no interior de grupos sociais que extravasam fronteiras nacionais, quando mobilizado eficientemente, atenua significativamente os riscos e custos para quem decide pela migração. Por meio de questões específicas à experiência do migrante, poderemos analisar os procedimentos utilizados para a consecução do plano de viver em outras terras.

Como já foi esclarecido, o questionário aplicado em Governador Valadares difere do modelo utilizado em Criciúma e Maringá. Em Valadares, por exemplo, foi colocado um quesito sobre quem o migrante conhecia no destino antes de sua primeira viagem. Em Criciúma e Maringá, por outro lado, essa questão foi modificada para apreender as fontes de recursos para hospedagem e obtenção de emprego no país receptor. Seja como for, essa informação revela tanto a extensão dos laços sociais, que ligam origem e destino através das fronteiras nacionais, como a utilização do capital social que circula por esses laços.

A Tabela 26 mostra quem o migrante conhecia no destino antes de sua primeira viagem. Enquanto que 20% dos valadarenses declararam não conhecer ninguém no país de destino, mais de 56% tinham parentes e aproximadamente 24% tinham pelo menos um amigo aguardando sua chegada. Nos poucos casos em que o migrante declarou ter ambos, parentes e amigos, no país receptor, o registro foi efetuado na conta dos parentes, o que explica parcialmente a maior frequência de respostas nessa categoria. Os laços de parentesco, no

entanto, são reconhecidamente os mais importantes na migração a partir de Governador Valadares (Assis, 2004; Soares, 2002; Fusco, 2002).

Tabela 26
Distribuição relativa dos migrantes, segundo vínculo social com pessoas no país de destino,
por espécie de vínculo
Governador Valadares

<i>Vínculo</i>	<i>Participação Relativa (%)</i>
Ninguém	20,00
Parentes	56,44
Amigos	23,56
Total (%)	100,00
Total (N)	450

Fonte: Sales 1997.

A relevância dos grupos familiares na emigração valadarense, além disso, ganha força com o passar do tempo, como mostra a Tabela 27. Pelo histórico migratório mais antigo, o movimento de Valadares pode ser dividido em três períodos distintos: aceleração (de 1961 a 1986), clímax (1987 a 1989) e desaceleração e estabilidade (1990 a 1997). Podemos observar o decremento contínuo na proporção de indivíduos que não tinham nenhum conhecido no exterior, a qual corresponde à quase um terço dos migrantes na fase inicial, reduzindo-se a pouco mais de um décimo no último período. Ao mesmo tempo, a proporção de pessoas que tinham parentes nos Estados Unidos cresce de 45% na primeira fase para mais de dois terços no período mais recente. As conexões familiares aparecem em destaque no processo migratório que se amplia pela cidade, até o momento em que quase todos os potenciais migrantes tenham pelo menos um parente ou amigo nos Estados Unidos. Essa dinâmica deixa clara, mais uma vez, a associação entre a expansão do movimento e a circulação do capital social entre os membros de determinados grupos de parentesco ou de amizade.

Tabela 27

Distribuição relativa dos migrantes, segundo vínculo social com pessoas no país de destino, por espécie de vínculo e etapas do movimento migratório
Governador Valadares

Vínculo	Períodos		
	61 a 86	87 a 89	90 a 97
Ninguém	29,50	19,70	11,20
Parentes	44,70	57,30	67,20
Amigos	25,80	23,00	21,60
Total (%)	100,00	100,00	100,00
Total (N)	132	183	134

Fonte: Sales 1997.

A origem dos recursos financeiros usados pelos valadarenses na preparação da viagem para os Estados Unidos está exibida na Tabela 28. Menos da metade dos migrantes contou somente com recursos próprios, enquanto que 40% solicitaram e receberam a ajuda de parentes, 9% tiveram auxílio dos amigos, 4% recorreram às agências de viagens, e 2% tiveram ainda outra fonte de financiamento. Os serviços oferecidos pelas agências de viagens configuram-se mais como arranjos institucionais do que relacionais, mas as informações necessárias para sua utilização passam certamente pelas conexões sociais. Além disso, ressaltamos aqui que o dinheiro obtido dessa forma não é o bem do capital social que levamos em conta, mas o empréstimo na forma de favor, que guarda procedimentos de quitação diferentes daqueles utilizados pelas instituições financeiras.

Tabela 28

Distribuição absoluta e relativa dos migrantes, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos.
Governador Valadares

Recursos	N	%
Próprios	201	45,20
Parentes	178	40,00
Amigos	38	8,60
Agência de viagem	18	4,10
Outra	10	2,10
Total	445	100,00

Fonte: Sales 1997.

Os mesmos dados da Tabela 28, agrupados segundo o período da primeira viagem aos Estados Unidos, permitem uma visão dinâmica do uso do capital social, como mostra a Tabela 29. Ao mesmo tempo em que cai de forma contínua a proporção de pessoas que utilizaram somente recursos próprios, de 49% no primeiro período para 43% no período mais recente, o índice que mostra o auxílio financeiro oferecido por parentes cresce de 36% para 43%. A importância que têm os laços familiares para um indivíduo decidido a migrar para os Estados Unidos é evidente, mas o principal efeito dessa forma de exposição dos dados é o de mostrar a relação entre a ampliação do movimento e a crescente utilização do capital social disponível, no processo migratório de Governador Valadares.

Tabela 29

Distribuição relativa dos migrantes, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos e o período de migração.
Governador Valadares

<i>Recursos</i>	Períodos		
	61 a 86	87 a 89	90 a 97
Próprios	49,2	44,1	42,8
Parentes	36,2	40,8	42,8
Amigos	9,2	9,5	6,1
Agência viagem	5,4	1,7	6,1
Outra	--	3,9	2,2
Total %	100,0	100,0	100,0
Total (N)	130	179	131

Fonte: Sales 1997.

As questões sobre fontes de recursos financeiros, ajuda para hospedagem e obtenção de emprego, aplicadas em Criciúma e Maringá, contêm a categoria “agência de recrutamento” entre as respostas. Ainda assim, foi incluída uma questão específica para sabermos se o indivíduo utilizou uma agência de recrutamento como seu principal expediente ao migrar. A Tabela 30 deixa claro que esse não é o procedimento seguido pela maioria dos criciumenses, dos quais somente 7% se enquadram como agenciados, ao contrário daqueles originários de Maringá, que totalizam 71% nessa categoria.

Tabela 30

Distribuição relativa dos migrantes, segundo a utilização de “agências de recrutamento” no processo de migração. Criciúma e Maringá.

Utilização	Criciúma	Maringá
Sim	6,58	70,83
Não	93,42	29,17
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	486	696

Fonte: Sales 2001.

As Tabelas 31 e 32 caracterizam os fluxos migratórios de Criciúma e Maringá de acordo com a condição de presença do migrante e o tipo de ajuda recebida em sua primeira viagem ao exterior. Ao declarar quem forneceu os recursos financeiros necessários e informações sobre hospedagem e emprego, o migrante acaba revelando a teia de relações que liga origem e destino e que sustenta os fluxos migratórios. As categorias registradas indicam se o migrante recebeu a ajuda de parentes, amigos, agência de recrutamento ou se não recebeu qualquer tipo de auxílio.

Um dos mecanismos que promove a circulação do capital social é a reciprocidade como norma de comportamento, a qual pode ser específica ou difusa, conforme vimos no primeiro capítulo. A ajuda para encontrar hospedagem, por exemplo, não necessariamente é fornecida pelos laços sociais fortes: se um parente fornece essa ajuda, ele pode hospedar o migrante em sua própria residência ou ainda fornecer informações ou indicações de possíveis locais, nos quais outros imigrantes devam algum favor àquele parente, ou ainda a outro imigrante. O mesmo ocorre para a ajuda na obtenção do primeiro emprego. Essa troca de preciosas informações e favores, que ocorre por meio de laços fortes e fracos, é fundamental para aqueles que se encontram na situação de clandestino em outro país e sem conhecimento do idioma local.

Tabela 31

Distribuição relativa dos migrantes, por condição de presença, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Criciúma.

Fontes	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente
Próprios	54,20	44,00	9,80	8,40	14,50	13,90
Parentes	38,00	47,00	43,40	44,80	30,60	34,80
Amigo/a	3,50	4,20	39,20	41,40	50,00	46,50
Ag. Recrutamento	-	1,20	0,60	1,20	-	0,60
Outros	4,30	3,60	7,00	4,20	4,90	4,20
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	142	406	143	406	124	353

Fonte: Sales 2001.

É justamente nesse momento que podemos perceber as diferentes estratégias dos migrantes de Criciúma e Maringá para realizar o projeto migratório. De acordo com a Tabela 28, somados os migrantes que contaram com recursos financeiros de parentes e amigos teremos 41% dos retornados e 51% dos ausentes. Pode-se dizer, então, que os migrantes de Criciúma têm utilizado os recursos financeiros disponibilizados pelas redes sociais de forma considerável, o que também foi verificado no caso de Governador Valadares.

No quesito hospedagem, a utilização dos recursos do capital social é ainda mais visível: 83% dos migrantes retornados e 92% dos ausentes conseguiram hospedagem graças a parentes ou amigos, enquanto que apenas 10% dos retornados e 8% dos ausentes não obtiveram qualquer tipo de auxílio nesse sentido. As agências de recrutamento estão presentes no projeto migratório de pouquíssimos migrantes criciumenses: 0,7% dos retornados e 1,2% dos ausentes recorreram a este tipo de serviço.

A obtenção do primeiro emprego no destino, no caso do fluxo que parte de Criciúma, é outro aspecto que chama a atenção quanto ao uso do capital social: 81% dos retornados e uma proporção semelhante dos ausentes conseguiram o primeiro emprego por meio de parentes ou amigos. Deve ser ressaltado aqui que, para todas as fontes de favores exibidas, os retornados utilizaram menos os recursos disponibilizados pelos laços sociais que os

ausentes. Essa diferença pode indicar uma característica seletiva sobre aqueles que *já* são migrantes, determinando uma probabilidade maior ou menor de permanecer no destino.

O quadro em Maringá se mostra totalmente diferente de Criciúma (Tabela 32). Nenhum migrante da amostra utilizou recursos financeiros disponibilizados por amigos. Apenas 18% dos retornados e 16% dos ausentes recorreram ao auxílio de parentes. Em compensação, 52% dos retornados e 64% dos ausentes obtiveram os recursos financeiros necessários para a primeira viagem por intermédio de agências de recrutamento. Nos demais aspectos, é também o auxílio prestado pelas agências de recrutamento que predomina no projeto dos migrantes que partem de Maringá: 59% dos retornados e 71% dos ausentes tiveram a hospedagem no destino providenciada por agências. O índice é ainda maior quando se trata do auxílio para a obtenção do primeiro emprego no destino: 69% dos retornados e 75% dos ausentes utilizaram as agências de recrutamento. Esses números indicam uma configuração oposta ao do movimento analisado em Criciúma, onde as redes sociais de parentesco e amizade predominam na oferta de recursos: a ajuda necessária aos migrantes de Maringá tem origem nas agências de recrutamento, que programam desde o financiamento da passagem aérea até o emprego.

Tabela 32

Distribuição relativa dos migrantes, por condição de presença, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Maringá.

Fontes	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente	Retornado	Ausente
Próprios	25,90	18,10	4,80	7,30	3,80	6,20
Parentes	17,60	16,40	25,00	18,10	16,30	13,00
Amigo/a	-	-	1,10	2,10	3,10	3,30
Ag. Recrutamento	51,90	64,10	59,30	70,70	69,50	74,60
Outros	4,60	1,40	9,80	1,80	7,30	2,90
Total (%)	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
Total (N)	437	287	440	287	392	276

Fonte: Sales 2001.

A análise dessas mesmas variáveis em função do sexo dos migrantes já mostrou diferenças significativas de comportamento entre eles, em estudos anteriores (Fusco, 2000; 2002). Ao revisitar esses resultados, podemos também compará-los ao que foi percebido em Criciúma e Maringá. Segundo a Tabela 33, a proporção de valadarenses do sexo masculino que não conhecia ninguém no destino chega quase a 23%, enquanto que as mulheres somam somente 15%. Dentre as valadarenses que foram aos Estados Unidos, 65% tinham parentes no local de chegada, e 19% tinham amigos, ao passo que essas proporções, para os homens, totalizam 51% e 26%, respectivamente. Fica claro, a partir desses números, que as mulheres de Governador Valadares que foram aos Estados Unidos se apóiam mais nos laços de parentesco do que os homens.

Tabela 33
Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo vínculo social com pessoas no destino
(Estados Unidos)
Governador Valadares

Vínculo	Sexo	
	Masc	Fem
Ninguém	22,80	15,10
Parentes	50,50	65,10
Amigos	26,30	18,60
Outra	0,40	1,20
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	281	172

Fonte: Sales 1997.

A Tabela 34 mostra a origem dos recursos financeiros utilizados, segundo o sexo do migrante valadarense. Mais uma vez, a proporção de mulheres que não solicitou ou recebeu ajuda extra é menor que a dos homens (42% e 48%, respectivamente), e a dimensão dos que tiveram o apoio dos parentes é maior entre as mulheres (45% e 37%). Na corrente migratória mexicana, analisada por Massey, os laços de parentesco são considerados como a base mais importante na organização social da migração, mas somente as conexões familiares masculinas são destacadas (Massey, 1987). As mulheres valadarenses, nesse caso, estão em vantagem em relação aos homens, pelo fato de utilizarem mais os laços familiares.

Tabela 34

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo origem dos recursos utilizados no processo de migração para os Estados Unidos.
Governador Valadares.

<i>Recursos</i>	<i>Sexo</i>	
	Masc	Fem
Próprios	47,80	42,30
Parentes	37,30	44,60
Amigos	9,10	7,70
Agência viagem	3,30	4,80
Outra	2,50	0,60
Total (%)	100,00	100,00
Total (N)	276	168

Fonte: Sales 1997.

Mesmo que as variáveis não sejam idênticas às de Valadares, as questões aplicadas sobre a utilização de capital social por parte dos migrantes de Criciúma e Maringá também foram tabuladas em função do sexo, como aparecem nas Tabelas 35 e 36. Com relação aos recursos financeiros que circulam pelas redes sociais dos migrantes de Criciúma, 51% dos homens e 34% das mulheres não tiveram ou não procuraram ajuda nesse tópico; significa, portanto, que quase metade dos homens e dois terços das mulheres contaram com recursos de outras pessoas ou instituições. Mais especificamente, as conexões de parentesco foram as mais importantes para que os migrantes criciumenses tivessem acesso a empréstimos, já que 55% das mulheres e 44% dos homens se apoiaram nesses laços.

Com relação às facilidades para se obter hospedagem no país de destino, os números de Criciúma apontam este como o maior índice de uso dentre todos os recursos de capital social captados pelo questionário (Tabela 35): somente 10% dos homens e 6% das mulheres não tiveram auxílio para encontrar uma moradia no exterior. A proporção de mulheres que tiveram ajuda de amigos é alta (35%), mas o apoio da família é ainda maior (49%). Os homens, por sua vez, contaram mais com amigos (44%), mas os familiares também foram muito importantes (42%). Uma vez mais, as mulheres se destacam pela maior utilização do capital social, principalmente pelos laços de parentesco.

Tabela 35

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório.
Criciúma.

<i>Fonte</i>	<i>Recursos financeiros</i>		<i>Hospedagem</i>		<i>Emprego</i>	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Próprios	50.60	33.80	10.20	6.50	14.80	12.70
Parentes	43.30	54.70	42.20	49.30	31.50	38.00
Amigo/a	2.90	5.50	43.90	35.30	49.50	42.80
Ag. Recrutamento	0.60	1.50	0.60	1.50	0.30	0.50
Outros	2.60	4.50	3.10	7.40	3.90	6.00
Total (%)	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00
Total (N)	344	201	344	201	311	166

Fonte: Sales 2001.

Os resultados relacionados à obtenção do primeiro emprego no destino trazem uma pequena alteração no padrão verificado até agora: a proporção de mulheres que não teve auxílio algum, da mesma forma que nas variáveis anteriores, é menor que a dos homens (13% contra 15%), mas, nesse caso, as mulheres tiveram mais ajuda de amigos (43%) do que de parentes (38%), o que também foi verificado para os homens (50% e 32%, respectivamente). Esses dados acrescentam uma particularidade importante para compreendermos melhor como circulam os vários recursos do capital social, pois eles revelam que as informações sobre emprego são trocadas com maior intensidade entre amigos do que entre parentes. Apesar de essa constatação ser válida especialmente para as mulheres, ela também conta para os homens, pois é no quesito hospedagem que eles mais recorrem aos amigos.

A Tabela 36, referente aos migrantes de Maringá, repete o padrão observado nos fluxos de Governador Valadares e de Criciúma: as mulheres utilizam mais o auxílio prestado por familiares. Prevalece, obviamente, o uso dos serviços realizados pelas agências de recrutamento, mas a proporção de utilização é sempre maior entre homens do que entre mulheres, enquanto que a ajuda de parentes é utilizada em maior escala por mulheres que homens. No quesito recursos financeiros, por exemplo, 13% dos homens se beneficiaram da

ajuda de familiares, enquanto que 22% das mulheres o fizeram. Quando se trata de hospedagem, essa diferença é ainda maior: 16% dos homens recorrem a parentes ou amigos, contra 30% das mulheres na mesma condição. Mas a característica marcante do fluxo que parte de Maringá é mesmo a utilização das agências de recrutamento, que no quesito “ajuda para o primeiro emprego” atinge seus mais altos índices em ambos os sexos: 74,9% dos homens e 67,2% das mulheres obtiveram esse tipo de auxílio.

Tabela 36

Distribuição relativa dos migrantes, por sexo, segundo as fontes e espécies de recursos obtidos por ocasião da primeira viagem ao exterior no processo migratório. Maringá.

Fonte	Recursos financeiros		Hospedagem		Emprego	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Masc	Fem
Próprios	24.30	20.80	6.50	4.80	5.30	4.00
Parentes	13.10	22.40	16.40	29.90	11.90	20.10
Amigo/a	-	-	1.90	1.00	3.00	3.60
Ag. Recrutamento	59.70	52.90	69.30	57.60	74.90	67.20
Outros	2.90	3.90	5.90	6.50	4.90	5.10
Total (%)	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00	100.00
Total (N)	437	287	440	287	392	276

Fonte: Sales 2001.

Os fluxos de brasileiros para os Estados Unidos e Japão são as duas maiores correntes migratórias de longa distância com origem no território nacional. Aqueles que vão para trabalhar, em sua maioria, são alocados em ocupações desprestigiadas e rejeitadas pelos habitantes nativos. Esse é o limite da coincidência entre os dois movimentos, pois a configuração do *status* de legalidade de cada um dá o tom das demais características.

No caso dos dekassegus, a principal forma de migração ocorre por meio dos agentes intermediários que auxiliam e providenciam os trâmites burocráticos. Muitas vezes as próprias agências de turismo cumprem o papel de intermediário e recrutador de mão-de-obra (Sasaki, 200). Segundo as estimativas do CIATE¹³, cerca de 80% dos mais de duzentos mil

¹³ Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, é uma entidade ligada ao Ministério do Trabalho Japonês em São Paulo.

dekasseguis brasileiros estão nas mãos dos agenciadores (Japão Aqui, 1997). Essas agências recrutam os descendentes de japoneses onde quer que estejam, dentro dos limites do território nacional, e os enviam para as fábricas, espalhadas pelo Japão, que os requisitam.

Já com relação aos brazucas, por se tratar de um movimento predominantemente clandestino, o processo todo que resulta na incorporação do migrante brasileiro na comunidade de destino nos Estados Unidos dificilmente passa pelos canais oficiais: a falta de crédito nos bancos, para quem precisa rapidamente levantar um *cash* para a viagem, não é necessariamente um problema; a falta de experiência anterior não é um entrave para o emprego; o currículo escolar não conta muito; a divulgação de vagas no mercado formal dos Estados Unidos, para qualquer um no Brasil que esteja interessado, não acontece com frequência; os guias de imóveis para alugar, pouco ajudam os brazucas; a maioria dos eventos pelos quais passa o migrante, enfim, deriva de uma organização social paralela ao sistema social “oficial”.

A oferta dos recursos necessários para que o migrante em potencial se transforme em migrante de fato, no entanto, ocorre de forma restrita. Os limites dessa oferta correspondem ao alcance dos laços sociais de cada um. Se uma determinada pessoa na origem consegue ter acesso a um imigrante no destino, esse imigrante pode se tornar a fonte de apoio necessária para a concretização do projeto de migrar. Por outro lado, se a rede pessoal do indivíduo não extravasa as fronteiras nacionais, e nem o acesso a outras redes por intermédio de contatos indiretos tem tal alcance, esse indivíduo permanece no Brasil. Dessa forma, o capital social exerce uma função seletiva clara, pois somente aqueles que estão inseridos em redes sociais transplantadas para os Estados Unidos podem fazer parte da “cooperativa” de vantagens específicas que deriva do pertencimento a determinados grupos sociais.

Ao se tornarem imigrantes, essas pessoas não rompem suas relações com a origem: ao contrário, cultivam os vínculos por meio de remessas financeiras, contatos por carta, telefone, ou internet, visitas eventuais, etc. As notícias que circulam através desses contatos, se positivas, têm o poder de incrementar o volume migratório, mas somente nos limites dos grupos envolvidos. Com o passar do tempo, outros grupos passam a fazer parte dos

“escolhidos”, pois as redes pessoais são estruturas dinâmicas, que eventualmente acrescentam ou removem contatos de seu conjunto. Uma nova conexão, como um novo amigo, é um laço do tipo fraco, que tem o poder de conectar duas ou mais redes pessoais diferentes. O movimento migratório se expande, portanto, como uma mancha que se espalha por um tecido, ampliando sua área a partir de um ponto específico.

Capital Cordial: troca de favores à moda brasileira

A importância do capital social no processo migratório clandestino que leva os brasileiros para os Estados Unidos, não é objeto de contestação. Absolutamente todos os estudos sobre o tema destacam de alguma forma a relevância dos recursos não-financeiros, que circulam pelos laços sociais, como facilitador para a inserção do migrante na sociedade norte-americana. Os mecanismos que atuam nesse processo, no entanto, são objetos de alguma polêmica, à qual voltaremos nossa atenção logo adiante.

A bibliografia norte-americana também é rica em estudos sobre os efeitos do capital social na migração internacional. Massey (1998), por exemplo, cita quase uma centena de trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Tais estudos utilizam modelos estatísticos para captar as evidências de correlação entre o uso do capital social e várias características da migração internacional, mas raros são os autores que se dispõem a discutir quais aspectos motivacionais da organização social dos migrantes são responsáveis pela transferência dos recursos específicos a esse tipo de capital. Trata-se, provavelmente, da dificuldade em se apreender o *motus* de determinadas ações sociais em termos mensuráveis, propriedade indispensável para a modelagem estatística.

Felizmente, alguns cientistas consideram importante a fundamentação dos mecanismos de transferência dos recursos não-monetários entre membros de estruturas sociais reticulares. Werbner (1990), em particular, estuda a relação entre migração laboral e economia da dívida, focalizando o papel central das redes, não somente no processo de distribuição da população e de concessão de crédito entre empresários paquistaneses em Manchester, Inglaterra, mas também como a base para relacionamentos complexos de trocas de favores, que mantém a coesão dessa comunidade. Embora essa autora não faça referência explícita, sua análise se enquadra perfeitamente na abordagem teórica

interacionista, que tem suas raízes no clássico *Ensaio sobre a Dádiva*, de Marcel Mauss. Alejandro Portes, de modo semelhante, conclui que:

“Capital social se refere à capacidade dos indivíduos em mobilizar recursos escassos pela virtude de pertencimento a redes ou estruturas sociais mais amplas. Tais recursos podem incluir bens econômicos tangíveis como empréstimos livres de juros, ou intangíveis como informações sobre negócios, dicas de empregos, e boa-vontade generalizada nas transações de mercado. Os próprios recursos não são o capital social; o conceito se refere antes à habilidade do indivíduo em ter acesso a eles, quando necessário. A chave conceitual característica de tais recursos é que são gratuitos. Eles têm a marca da ‘dádiva’, uma vez que não se espera que sejam reembolsados com dinheiro ou outros objetos de valor, num período de tempo predeterminado. Os recursos adquiridos por meio do capital social, (entretanto), carregam freqüentemente a expectativa de retribuição num ponto futuro” (Portes, 1995; p. 12).

A idéia de uma “expectativa de retribuição num ponto futuro” é cara para a nossa argumentação, pois a definição dos mecanismos de acionamento do capital social está vinculada à motivação do agente. Nesse sentido, Portes define como *reciprocidade* a motivação para agir do “doador”, quando a transferência de recursos para outros é acompanhada de uma expectativa de retorno do favor obtido pelo beneficiário; se a transferência de recursos acontece através da empatia do “doador” pelas necessidades de um membro da mesma comunidade, o mecanismo toma a conotação de *solidariedade* (Portes, 1995; p. 15).

A diferença básica entre os dois tipos é que a reciprocidade é uma propriedade relacional, na qual as expectativas são baseadas exclusivamente no conhecimento anterior dos atores envolvidos, como ocorre entre amigos, enquanto que a solidariedade é de característica estrutural, quando todos os atores são parte de uma rede de relacionamentos mais ampla, como uma comunidade étnica, na qual os membros não necessitam de contato pessoal como representação de pertencimento. Portes afirma que a segunda situação

propicia as bases mais fortes para a transferência de favores, pois o não cumprimento das retribuições provoca uma pesada sanção coletiva.

A comunidade brasileira nos Estados Unidos, no entanto, parece carecer de uma base de representações coletivas suficientemente forte para conferir solidariedade entre seus membros. Margolis relata que:

“Os brasileiros falam com freqüência de uma falta de *esprit des corps* em sua comunidade, comparando-os negativamente neste aspecto a outros grupos de migrantes de Nova York. Todos os presentes em um encontro no Queens insistiram ser o único grupo étnico da cidade que não tem senso de comunidade” (Margolis, 1994; p.305).

(...)

“Esse panorama contrapõe-se às inúmeras associações comunitárias e meios de comunicação encontrados entre outros novos imigrantes na cidade. Apenas como exemplo, há, na cidade de Nova York, 46 igrejas coreanas, cuja maior parte tem seus próprios clubes e associações nelas baseados, além dos inúmeros clubes e organizações profissionais, recreativas, políticas, sociais e cívicas dessa comunidade. Até mesmo a pequena comunidade iemenita tem clubes que atendem suas necessidades” (idem; p. 308).

Os imigrantes brasileiros em Massachusetts, retratados por Martes (2000), apresentam também a idéia de falta de espírito comunitário no que se refere à transferência de pontos de faxina para os novos imigrantes, pois trazem à tona a idéia de:

“(...) posse, como quem adquire o domínio de um cargo. De modo que a ‘venda de casas’ pode expressar o ímpeto empresarial dos imigrantes brasileiros, mas com um traço arcaico da cultura patrimonialista deste país. Talvez por este motivo, vender empregos é interpretado pelos entrevistados, ora como sinal de ‘americanização’ dos imigrantes brasileiros (‘na América tudo é dinheiro’), ora como uma expressão contundente do ‘jeitinho brasileiro’ ou da falta de solidariedade” (Martes, 2000; p.110).

Paradoxalmente, o “mercado” de capital social funciona muito bem para os brazucas, servindo a maioria dos imigrantes nos Estados Unidos de forma satisfatória, pelos laços sociais de grupos mais restritos, como famílias ou amigos. De onde vem, então, essa sociabilidade tão estreita, que prescinde da solidariedade étnica em sua dinâmica? Uma possível resposta pode ser encontrada em nossas raízes, ou melhor, em “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda.

Holanda, como ele mesmo diz, foi muito feliz ao cunhar a expressão “homem cordial” para caracterizar o tipo ideal¹⁴ do brasileiro. A expressão “cordialidade”, como o próprio texto esclarece, deve ser tomada em seu sentido etimológico, e não como sinônimo de bondade ou cortesia. A origem da palavra “cordial” vem do latim *cordis*, que significa coração, e nos remete a ação baseada na emoção, ou, nas palavras do autor:

“A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar ‘boas maneiras’, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (Holanda, 1973; p.106).

No “homem cordial”, a vida em sociedade é uma libertação do medo que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si em todas as circunstâncias da vida. Em oposição à cordialidade, a polidez corresponde a uma atitude de afastamento emocional ante o social, evidenciada pelo respeito ritualístico entre os membros de uma comunidade. O temperamento do brasileiro admite fórmulas de reverência, mas somente enquanto não suprimam de todo a possibilidade de um convívio mais familiar (Holanda, 1973). A ausência de uma forma de cooperação comunitária entre os brasileiros nos Estados Unidos, no nosso entendimento, é compensada pela prontidão com que as necessidades de membros de grupos sociais mais

¹⁴ Em termos weberianos, tipo ideal é uma abstração construída para representar um conjunto global através de características parciais.

restritos são atendidas. Apesar da deficiência encontrada nas formas de cooperação mais difusas entre os imigrantes brasileiros, há fortes evidências de cooperação específica, particularmente entre familiares e amigos próximos. A manifestação da aversão à distância, própria do brasileiro, corresponde à:

“(...) atitude natural aos grupos humanos que, aceitando de bom grado uma disciplina da simpatia, da ‘concordia’, repelem as do raciocínio abstrato ou que não tenham como fundamento, para empregar a terminologia de Tönnies, as comunidades de sangue, de lugar ou de espírito¹⁵” (Holanda, 1973; p. 109).

Os recursos do capital social para os brasileiros, portanto, circulam predominantemente em círculos mais estreitos de convivência, pois a confiança de que as expectativas de retribuição serão preenchidas está atrelada à forma de sociabilidade de nosso povo. O capital social transita pelas conexões sociais, as quais são moldadas pela tradição patriarcal da nossa sociedade. Em função da forte influência exercida pela nossa cultura comportamental na distribuição dos recursos entre os membros das comunidades de imigrantes, consideramos apropriado o uso da expressão “capital cordial” como uma referência à ausência de solidariedade étnica generalizada e à forte presença de uma reciprocidade mais específica.

Há muito tempo, Weber notou que as restrições da comunidade sobre as iniciativas e obrigações individuais seriam precisamente as características da organização econômica tradicional que seriam superadas pelo capitalismo racional moderno. Ele pensou que a difusão de suas normas universais afastaria este e outros obstáculos da eficiência econômica. Mesmo que Weber nunca tenha dito que tais normas dominariam todas as esferas da ação social, nós podemos afirmar que elas estão muito longe de fazê-lo, pois os benefícios e constrangimentos do “capital cordial” permeiam cada aspecto da vida do imigrante brasileiro nos Estados Unidos.

¹⁵ Ou sejam as categorias: (1) de parentesco; (2) de vizinhança; (3) de amizade (Nota do autor).

Conclusão

O movimento de brasileiros para os Estados Unidos é um processo repleto de adversidades que atingem principalmente os projetos dos migrantes clandestinos. A decisão de mudar para outro país, geralmente tomada junto à família, é acompanhada de uma série de incertezas que percorrem cada etapa da vida do migrante. Antes de deixar o Brasil, o indivíduo deve decidir se a tentativa de entrar nos Estados Unidos como turista é a melhor estratégia, ou se a rota via México é a que apresenta melhor possibilidade de êxito. Uma vez na América, cada detalhe que representa um avanço na incorporação do imigrante, corresponde também a um desafio às restrições políticas, sociais e econômicas que permeiam a vida do indocumentado.

O que motivou a realização desta tese foi o intuito de estabelecer fatores determinantes, de natureza não estritamente econômica, para os efeitos específicos que resultam da dinâmica desse processo particular. A adaptação do imigrante na sociedade norte-americana, as características de seletividade e ampliação do movimento migratório, e a ligação tão estreita entre locais de origem e de destino, são elementos que estão associados ao modo com que a comunidade migrante se organiza socialmente. Dessa forma, buscamos nas trocas de favores as respostas que nos permitiram prosseguir sobre o terreno que as teorias econômicas não alcançam, como vimos no primeiro Capítulo.

Ficou claro que não existe um tipo padrão de migrante, principalmente pela comparação com os resultados de outros estudos. O que surgiu foi um álbum de figuras, algumas repetidas, mas quase todas com cores próprias. A seletividade que atua nesse processo, portanto, não considera as características exteriores dos indivíduos como um critério. A única exceção, no sentido negativo, são as faixas extremas de idade, que agregam pouquíssimos indivíduos. O que percebemos é que os indivíduos ingressam no movimento

que leva aos Estados Unidos porque pertencem a determinados grupos sociais, sejam de familiares ou de amigos, os quais, excepcionalmente, transplantam um ou mais pontos de suas redes para esse país.

Quando os imigrantes já estabelecidos propiciam a circulação de certos recursos, os quais correspondem às necessidades conjunturais dos que acabam de chegar, as condições adversas são atenuadas, e o novo imigrante se adapta mais facilmente à nova realidade. Os dados sobre transferências de recursos mostram claramente que a principal fonte de ajuda para os imigrantes são os favores obtidos por meio de laços sociais. Empréstimos diferenciados, acolhimento ou indicação para hospedagem, e preciosas informações sobre emprego, são benefícios mediados pelos mecanismos do capital social. Além disso, mostramos que as redes de parentesco são as mais importantes nesse aspecto, e que são as mulheres as melhores “negociadoras” de favores através dessas redes.

Os benefícios obtidos por meio de favores passam por canais muito restritos. Inicialmente, poucas pessoas podem usufruí-los exatamente porque poucos grupos têm acesso a contatos no exterior. Com o passar do tempo, o aumento do contingente de migrantes proporciona o aumento correspondente de grupos na origem com laços transnacionais. O processo de aceleração do movimento, comentado no Capítulo III, ocorre de forma gradual, ao contrário do fluxo de dekasseguis, que se amplia como se estes respondessem a uma propaganda de “liquida tudo”. Para o caso dos brazucas, o extravasamento dos recursos do capital social leva um certo tempo para atingir outros grupos, o que confere um fator limitante ao ritmo de expansão do movimento. Cadenciada, a ampliação da migração ocorre localmente, em função da circunscrição da base territorial na qual os laços sociais estão estruturados.

Devido à limitação espacial dos grupos sociais, a expansão do movimento ocorre primordialmente em territórios contíguos, como domicílios de uma mesma vizinhança ou bairro. Os imigrantes nos Estados Unidos, contudo, não pertencem necessariamente aos mesmos grupos em suas cidades de origem. Assim, podemos imaginar vários pontos nessas cidades a partir dos quais algumas manchas se espalham, correspondendo ao aumento do

fluxo migratório. Por esse motivo, fica muito fácil entender porque somente algumas cidades brasileiras apresentam altos índices de migração internacional para os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que um número ainda menor de cidades desse país aparece como local de destino, como vimos no Capítulo IV.

A abordagem do fenômeno da migração internacional, por meio do conceito de capital social, aplica-se muito bem ao caso dos brasileiros nos Estados Unidos. O único elemento que não se encaixa é a argumentação, por parte de alguns autores, de que o mecanismo de solidariedade étnica inerente às comunidades de imigrantes, como motor de transferência dos recursos sociais, é tão ou mais importante que a reciprocidade específica aos grupos sociais mais fechados. Estudiosos do caso brasileiro demonstraram um certo incômodo com essa afirmação, em função da imagem do “homem solidário” não aparecer como reflexo de suas experiências no trabalho de campo. A quebra da expectativa, com relação à forma geral de acolhimento de um novo migrante no seio da comunidade de brazucas, registrada primeiramente por Maxine Margolis, depois por Cristina Martes, e ainda por outros, confere ao grupo nacional uma marca distintiva, mas que demanda uma análise mais detalhada.

Em função da semelhança do migrante brasileiro com o “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda, argumentamos que a característica de sociabilidade de nosso povo é a responsável pela maior eficiência dos laços em grupos sociais fechados, na transferência dos benefícios tão caros aos migrantes clandestinos. E porque o capital social está relacionado à habilidade de acessar os recursos necessários, concluímos que seria pertinente adotar o termo “capital cordial” para identificarmos o modo com que os brasileiros se organizam socialmente e se apóiam em suas redes de relacionamentos. Esta análise que apresentamos é somente o início de uma discussão que, se ampliada num futuro próximo, pode se revelar promissora no entendimento de um processo que se mostra bastante complexo.

As informações captadas por meio dos nossos questionários foram fundamentais para a argumentação proposta neste trabalho, mas somos obrigados a reconhecer alguns limites do banco de dados. O número de pessoas de cada amostra, por exemplo, impede que algumas generalizações sejam explicitadas, em função do baixo potencial de desagregação dos dados.

Também foram perdidas as informações sobre domicílios nos quais todos os membros migraram, uma vez que a procura por esses domicílios representaria um viés na aleatoriedade da amostra. Assim, perdemos uma dimensão importante da estratégia familiar na migração internacional.

Se fosse possível retornar ao momento de construção do instrumento de coleta de dados, algumas novas variáveis seriam incorporadas. “Pretende voltar ao Brasil?” e “Quando?” são exemplos que poderiam fornecer pistas sobre a correlação entre o uso do “capital cordial” e a expectativa temporal do migrante. Acreditamos que uma parte dos migrantes sai do Brasil com um plano definido de retorno, logo que um objetivo, como a compra de um bem, seja conquistado. Entretanto, várias pessoas refazem seus projetos iniciais, em função dos mais variados fatores. Para esses casos, seria interessante verificar em que medida o acesso ao capital cordial está relacionado à mudança dos planos de permanecer ou de retornar.

Finalmente, consideramos que a migração de brasileiros para os Estados Unidos, apesar de constituir um meio para melhorar a qualidade de vida de muitas pessoas, também se configura como uma denúncia, que revela a queda do otimismo do brasileiro com relação às possibilidades de desenvolvimento de seu próprio país. Além disso, consideramos uma perda inestimável dessa parcela da população que dedica ao território norte-americano sua força, entusiasmo e perseverança.

Bibliografia

- ANDERSON, B. **Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism**. London. 1983.
- ASSIS, G. O. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. IFCH-UNICAMP. 2004.
- _____. *Estar aqui..., estar lá... uma cartografia da emigração valadarense para os EUA*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Editora Boitempo. 1999.
- _____. **Estar aqui, estar lá...uma cartografia da vida em dois lugares**. Florianópolis, SC. Dissertação de Mestrado em Antropologia - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSC. 1995.
- BAUMAN, Z. **Postmodern ethics**. Ed. Wiley-Blackwell, 262 p., 1993.
- BERGER, S. e PIORE, M. **Dualism and discontinuity in industrial societies**. Cambridge: University Press. 1980.
- BICALHO, J. V. **Yes, eu sou brazuca**. Governador Valadares: Ibituruna. 1989.
- BLAU, P.M. **On the Nature of Organizations**. Nova York: Wiley. 1974.
- BOISSEVAIN, J. **Friends of Friends: Networks, Manipulators and Coalitions**. Oxford: Blackwell. 1974.
- BORJAS, G. J. **Friends or Strangers: the impact of immigrants on the U.S. economy**. New York: Basic Books. 1990.
- BOURDIEU, P. e Wacquant, L. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: University of Chicago Press. 1992.

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Ed. Perspectiva, São Paulo, 1987.

_____. Le capital social: notes provisoires. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**. 31: 2-3.

BOYD, M. *Family and personal networks in international migration: recente developments and new agendas*. In: **International Migration Review**, vol. .XXIII, n.3. 1989.

BRINLEY, T. **Migration and Economic Growth: A Study of Great Britain and the Atlantic Economy**. London: Cambridge University Press. 1973.

BRITO, F. *A ocupação do território e a devastação da mata atlântica*. In: Paula, J. A. (coord). **Biodiversidade, População e Economia: uma região de Mata Atlântica**. Belo Horizonte.UFMG, CEDEPLAR. 1997.

_____. *Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo*. In: **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas, vol. 12, n. 1, p. 21-33, dez/jan. 1995.

CACES, F. et al. *Shadow households and competing auspices: migration behavior in the Philippines*. In: **Journal of Development Economics**, vol. XVII, n.1. 1985.

CAPUANO, A. *O caminho sem volta – classe social e etnicidade entre os brasileiros na Florida*. In: MARTES, C.; FLEISCHER, S. (orgs) **Fronteiras Cruzadas**. Paz e Terra, São Paulo. 2003.

CARVALHO, J. A M. *O saldo dos fluxos internacionais do Brasil na década de 80: uma tentativa de estimação*. In: PATARRA, N. (org.). **Migrações internacionais**. São Paulo: Oficina Editorial, Vol..2. 1996.

CASTLES, S.; MILLER, M. J. **The age of migration: International population movements in the modern world**. Hampshire London: Macmillan. 1993.

CHISWICK, B. R. *The effect of Americanization on the earnings of foreign: born men*. In: **Journal of Political Economy**, n.86. 1978.

- CIATE. *Dekassegui – o homem que vale 4 bilhões de dólares*. In: **JAPÃO AQUI** São Paulo, v. 1, n. 1, p. 54-61. 1997.
- COLEMAN, J. S. Social Capital in the Creation of Human Capital. **The American Journal of Sociology**, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, pp. S95-S120. 1988.
- COLEMAN, J.S. **Foundations of Social Theory**. Cambridge, Mass: The Belknap Press of Harvard University Press. 1990.
- COSTA, S. **Política para quem precisa de política: movimentos sociais urbanos, participação e demografia**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 1991.
- DEBIAGGI, S. D. *Famílias brasileiras em um novo contexto cultural*. In: MARTES, C.; FLEISCHER, S. (orgs) **Fronteiras Cruzadas**. Paz e Terra, São Paulo. 2003.
- _____. **Changing gender roles: Brazilian immigrant families in the U.S**. Nova York, LFB Scholarly Publishing LLC. 2002.
- DEGENNE, A.; FORSÉ, M. **Introducing Social Networks**. Sage Publications. Grã-Bretanha. 1999.
- DINERMAN, I. R. *Patterns of adaptation among households of U.S. - Bound migrants from Michoacan, Mexico*. In: **International Migration Review**, vol. XII, n.4. 1978.
- DURKHEIM, E. **The Division of Labor in Society**. Nova York: The Free Press. 1984.
- _____. **The Elementary Forms of Religious Life**. Trans. J. W. Swain. New York: The Free Press. 1965.
- EKEH, P.P. **Social Exchange Theory: The Two Traditions**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press. 1974.

FAIST, T. **The Volume and Dynamics of International Migration and Transnational Social Spaces**. Clarendon Press, Oxford. North Yorkshire. 2000.

FLAP, H. D. *Social Capital and the Reproduction of Inequality: A Review*. In: **Comparative Sociology of Family, Health and Education**. n.20. 1991.

FUNDAÇÃO IBGE. **Censo Demográfico de 2000**. Rio de Janeiro. 2001.

_____. **Contagem Populacional de 1996**. Rio de Janeiro. 1997.

_____. **Censo Demográfico de 1991**. Rio de Janeiro. 1992.

_____. **Censo Demográfico de 1980**. Rio de Janeiro. 1982.

_____. **Censo Demográfico de 1970**. Rio de Janeiro. 1973.

FUSCO, W. *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares*. In: **Textos Nepo n. 40**. Unicamp, Campinas. 2002.

_____. *Diferenciais por sexo nas migrações internacionais*. **Anais do XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais – GT de migração – ABEP**. 2000.

GALVÃO, W. *Brasil na mídia do mundo*. www.wscom.com.br. 2004.

GONÇALVES, J. H. R. *Quando a imagem publicitária vira evidência factual: versões e reversões do Norte (Novo) do Paraná – 1930/1970*, in DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (orgs.) **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá, EDUEM. 1999.

GOULDNER, A. W. *The Norm of Reciprocity: A preliminary statement*. In: **American Sociological Review**, vol. 25, n.2. 1960.

GRANOVETTER, M. *The strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited*. In: **Sociological Theory**, n.1, p. 201-233. 1983.

- HARBISON, S. F. *Family structure and family strategy in migration decision making*. In: **Migration decision making: multidisciplinary approaches to microlevel studies in developed and developing countries**. Nova York: Pergamon Press, 1981.
- HOLANDA, S. B. de. ***Raízes do Brasil***. 26ª edição. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.
- JESUS, S. M. *Protagonistas de um Brasil imaginário: faxineiras brasileiras em Boston*. In: MARTES, C.; FLEISCHER, S. (orgs) **Fronteiras Cruzadas**. Paz e Terra, São Paulo. 2003.
- KAWAMURA, L. **Trabalhadores brasileiros no Japão: estratégias de formação cultural**. Campinas: Faculdade de Educação - Unicamp. (Tese de LivreDocência). 1997.
- KELLY, P. F.; SASSEN, S. **For we are sold, I and my people: women and industry in Mexico's frontier**. Nova York: Suny Press, 1983.
- LEVITT, P. *Transnational Communities – some preliminary thoughts and further questions*. In: **World On the Move**. Wellesley College. Vol. 5, No. 1, 1998.
- LINDQUIST, B.A. *Migration Networks: a case study from the Philippines*, In: **Asian and Pacific Migration Journal**, n.2. 1993.
- LOGAN, J.R. et al. *Ethnic Economies in Metropolitan Regions. Miami and beyond*. In: **Social Forces**, n. 72. 1994.
- MALHOTRA, D. *Trust and reciprocity decisions: The differing perspectives of trustors and trusted parties*, In: **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, Volume 94, Issue 2, July 2004.
- MARGOLIS, M. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. Campinas: Papirus, 1994.
- MARTES, A. C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. Paz e Terra. São Paulo. 2000.

- _____. *Os imigrantes brasileiros e as igrejas em Massachusetts*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Editora Boitempo, 1999.
- MARTINE, G. *A Redistribuição Espacial da População Brasileira durante a Década de 80*. In: **Textos para Discussão** n. 329, Brasília, IPEA. 1994.
- _____; CAMARGO, L. *Crescimento e Distribuição da População Brasileira: tendências recentes*. In: **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, Campinas, ABEP, vol.1, n1/2, jan/dez. 1984.
- MASSEY, D. S.; GOLDRING, L. *Continuities in transnational migration: an analysis of thirteen Mexican communities*. Washington (Paper presented at Workshop U.S. **Immigration research: an assessment of data needs for future research**, financed by National Research Council) 1992.
- MASSEY, D. S. et al. **Worlds in Motion: understanding international migration at the end of the millennium**. Clarendon Press, Oxford. 1998.
- _____; ESPINOSA, E.; *What's driving Mexico-US Migration? A theoretical, empirical, and policy analysis*. In: **American Journal of Sociology**. n. 102. 1997
- _____. et al.. **Return to Aztlan**. Los Angeles: University of California Press. 1987
- MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2001.
- MILLMAN, J. *Typicalness: Massachusetts and Minas Gerais*. In: **The other Americans - How immigrants renew our country, our economy and our values**. Viking Editor. 1997.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Report on the world social situation**. Brasília. 1993.
- PESSAR, P. A. *The role of households in international migration and the case of the U.S. - Bound migration from the Dominican Republic*. In: **International Migration Review**, vol. XVI, n.2. 1982.

- PIORE, A. **Birds of Passage: Migrant Labor and Industrial Societies**. Cambridge University Press. 1978.
- PIORE, M. J.; DOERINGER, P. B. **Internal Labor Markets and Manpower Analysis**. Lexington, Mass: Heat. 1971.
- PORTES, A. *Economic sociology and the sociology of immigration: a conceptual overview*. In: **The economic sociology of immigration**. Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.
- _____. *From south of the border: Hispanic minorities in the United States*. In: YANS, M. V. (org.) **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. Nova York: Oxford University Press. 1990.
- _____.; BACH, R.L. **Latin Journey: Cuban and Mexican immigrants in the United States**. University of California Press, Berkeley, Los Angeles. 1985.
- _____. *Modes of structural incorporation and present theories of labor immigration*. In: KRITZ, KELLY, TOMASI. **Global trends in migration: theory and research on international population movements**. Center for Migrations Studies. 1981.
- PUTNAM, R.D. **Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy**. Princeton: Princeton University Press. 1993.
- RIBEIRO, G. L. *O que faz o Brasil, Brazil: jogos identitários em São Francisco*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Editora. Boitempo. 1999.
- ROBERTS, B. R. *Socially expected durations and the economic adjustment of immigrants*. In: **The economic sociology of immigration**. Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.
- ROOT, B. D.; DeJONG, G. F. *Family migration: conceptualizing the migrating unit in a developing country*. (Paper apresentado no Encontro Anual da American Sociological Association). Nova York. 1986.

- ROSSINI, R. E. *O retorno às origens ou o sonho do encontro com o Eldorado Japonês: o exemplo dos dekassegus do Brasil em direção ao Japão*. In: PATARRA, N. L. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP. 1995.
- SAEGERT, S. *Social Capital and the Culture of Power: Lessons From the Field*. In: SAEGERT, S et al. (orgs): **Social Capital and Poor Communities**. Russell Sage Foundation, New York. 2001.
- SAHLINS, M.D. *On the Sociology of Primitive Exchange*. In: BANTON, M. (Ed.), **The Relevance of Models for Social Anthropology**. A.S.A. Monographs 1. London: Tavistock. 1965.
- SALES, T. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Editora Cortez. 1999.
- _____. *O trabalhador brasileiro no contexto das novas migrações internacionais*. In: Vários Autores. **O trabalho no Brasil no limiar do século XXI**. São Paulo: Editora LTR. 1995.
- SASAKI, E.. *Redes Sociales de Migrantes Brasileños Descendientes de Japoneses de Maringá para Japón*. **Simposio sobre Emigracion Latinoamericana: comparacion interregional entre America del Norte, Europa e Japon**. 11 a 13 de dezembro de 2001. Minpaku, Japão. 2001a
- _____. Dekasseguis: trabalhadores migrantes nipo-brasileiros no Japão. **Textos Nepo n. 39**. NEPO, UNICAMP. 2001b.
- _____. *O Jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui*. . Dissertação de Mestrado - IFCH/UNICAMP, Campinas. 1998.
- SASSEN, S. **The mobility of labor and capital**. Cambridge: University Press, 1988.
- _____. *Immigration and local labor markets*. In: PORTES, A. et al (orgs.) **The economic sociology of immigration**. Nova York: Russel Sage Foundation. 1995.

- SCHMINK, M. *Household economic strategies: a review and research agenda*. In: **Latin American Research Review**, vol. XIX, n.3. 1984.
- SCUDELER, V. *Imigrantes valadarenses no mercado de trabalho dos EUA*. In: REIS, R.; SALES, T. (orgs.). **Cenas do Brasil migrante**. São Paulo: Editora Boitempo. 1999.
- _____. **A inserção de imigrantes brasileiros no mercado de trabalho dos EUA**. Dissertação de Mestrado - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas. 1999.
- SIMMEL, G. *Conflict*. In: **Conflict and the Web of Group-Affiliations**. New York: Free Press. 1955.
- SIMON, R. J. *Sociology and immigrant women*. In: GABACCIA, D. **Seeking Common Ground**. Westport, Praeger. 1992.
- SOARES, W. **Da Metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Tese de doutorado em Demografia, Universidade Federal de Minas Gerais, CEDEPLAR. 2002.
- _____. **Emigrantes e investidores: redefinindo a dinâmica imobiliária na economia valadarenses. Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1995.
- SOMERS, M.R. The Narrative constitution of identity: a relational and network approach, In: **Theory and Society**, vol. 23. 1994.
- STARK, O. **The Migration of Labour**. New York, Cambridge University Press. 1991.
- TAYLOR, J.E. Undocumented Mexico – US Migration and the returns to households in rural Mexico. In: **American Journal of Agricultural Economics**, n. 69. 1987.
- TILLY, C. *Citizenship, Identity and Social History*, **International Review of Social History**, supplement 3. 1996.

_____. *Transplanted networks*. In: YANS, M. V. **Immigration reconsidered: history, sociology, and politics**. Nova York: Oxford University Press. 1990.

VEJA (Magazine). *Nossa gente lá fora*. Editora Abril, Ano 29, 03 de abril. 1996.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social and Network Analysis**. Cambridge University Press. 1994.

WILLIAMSON, O.E. *The Economics of Organizations: The Transaction Cost Approach*, In: **American Journal of Sociology**, vol. 87, n.4. 1981.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar. 1982.

WERBNER, P. **The Migration Process: Capital, Gifts, and Offering among British Pakistanis**. Nova York: Berg. 1990.

Anexos

Questionário I – Governador Valadares

Região : _____ Nº Questionário: _____

Esta é uma pesquisa feita pela UNICAMP sobre migração de brasileiros para outros países.

Nome: _____ Endereço: _____ nº ____ apto _____

1 Algum morador desta casa está ou esteve morando fora do país? (1) Não (2) Sim (3) NR

Se sim, preencha o quadro abaixo:

		Estão Fora		Retornaram		
		Total	M	F	M	F
Quantos						

2 Quantas pessoas moram nesta casa? (Lembre-se de incluir os que estão fora)

Resp.: _____

3 Esta casa tem uma linha telefônica? (1) Não (2) Sim

UNICAMP

Pesquisa sobre Migração de Brasileiros para outros Países (*)

Governador Valadares

Número do questionário: _____

1. Identificação e Controle

1.1 Bairro: _____	1.2 Região: _____	1.3 Data: __/__/__
1.4 Endereço: _____		
1.5 Entrevistado: _____ 1.6 Entrevistador: _____		

2. Características do Domicílio

Anotar sem perguntar:

2.1 Estado da construção:

(1) Acabada (2) Inacabada []

2.2 Localização:

(1) Morro (2) Plano []

2.3 Rua pavimentada:

(1) Sim (2) Não []

2.4 O entrevistado é:

(1) Branco (2) Negro (3) Pardo (4) Oriental (5) Índio []

Perguntar:

2.5 Tem água encanada ?

(1) Sim (2) Não []

2.6 Tem esgoto ?

(1) Sim (2) Não []

2.7 Tem energia elétrica ?

(1) Sim (2) Não []

2.8 Tem telefone ?

(1) Sim (2) Não []

2.9 Sua casa é:

(1) Própria (2) Alugada (3) Cedida (4) Financiada (5) Ocupada (6) NR[]

2.10 Quantos cômodos tem esta casa? (quarto, cozinha, sala)

Resp: _____

2.11 Quantos cômodos são utilizados como dormitórios?

Resp: _____

(*) Este questionário é sigiloso. Nenhuma informação aqui contida será divulgada individualmente. Os dados coletados serão transformados em estatísticas globais.

3. Informações sobre a Família (número de moradores do domicílio - inclusive os que estão fora: ____)

No.	Nome	Idade	Sexo	Condição		Esc.	Qtd.	Situação Ocupacional	Renda	C. Ass.	Religião	Cidade de	Est.
orde				F(*)	P(**)	(***)	empr.	(****)		(*****)		Nascimento	
m													

OBS: não esquecer de conferir o número de moradores com o quadro acima

Condição na Família (*)	Presença(**)	Escolaridade (***)	Situação Ocupacional (****)	Carteira Assinada (*****)
1. Chefe	1. Presente	1. Analfabeto	1. Aposentado	1. Sim
2. Cônjuge	2. Presente Retornado	2. Primário	2. Estudante	2. Não
3. Filho	3. Ausente no Exterior	3. Ginásio	3. Desempregado	
4. Outro Parente		4. Colegial	4. Menor de 14 anos	
5. Agregado		5. Universitário Incompleto	5. Do lar	
6. Pensionista		6. Universitário Completo	6. Vive de Renda	
7. Empregado Doméstico		7. NSA	7. Inativo	7. NSA
8. Parente do Empregado	8. NS	8. NS	8. NS	8. NS
9. NR	9. NR	9. NR	9. NR	9. NR

4. Histórico Migratório (somente para presente retornado e/ou ausente no exterior)

No. ordem: Nome do
entrevistado:

No. ordem: Nome do migrante:									
Seq. Migr.	Período ano - ano -	Município	Est.	País	Conhecia no Destino (1)	Tipo de Migração(2)	Motivo (3)	Qtd. Empr.	Situação Ocupacional (4)
	-								
	-								
	-								
	-								
	-								

1. Quem conhecia no destino	2. Tipo de Migração	3. Motivo	4. Situação Ocupacional
1- Parentes 2- Amigos 3- Pessoas da Igreja 4- Ninguém 5 - Outra - especificar	1- Sozinho 2- Com a família 3- Grupo de migrantes 4- Outra - especificar 8- NS 9- NR	1- Acompanhar família 2- Desempregado 3- Procurar trabalho melhor 7- NSA 4- Juntar dinheiro para voltar 5- Melhorar padrão de vida 6- Direitos Sociais 7- Saudades da família 8- Problemas na família 9- Saudades do Brasil 10- Voltar de vez 11- Conseguiu juntar dinheiro 12- Outro 88- NS	Trabalha (especificar todas ocupações) 1- Aposentado 2- Estudante 3- Desempregado 4- Menor de 14 anos 5- Do lar 6- Vive de renda 7- Inativo 8- NS 9- NR

5. PERFIL MIGRATÓRIO

No. Ordem: _____ Nome do entrevistado _____

No. Ordem: _____ Nome do migrante _____

Em sua primeira viagem (do migrante):

1. Como era o conhecimento prévio da língua?

(1) Muito Bom (2) Bom (3) Regular (4) Nenhum (5) NR

2. Tinha a intenção de ficar fora do país por quanto tempo?

Resp: _____

3. Como obteve recursos financeiros?

(1) Próprios (2) Parentes (3) Amigos (4) Igreja (5) Agência de Viagens

(6) Outra (especificar): _____ (7) NSA (8) NS (9) NR

4. Como conseguiu visto?

Resp: _____

5. Viajou com qual documentação?

Resp: _____

6. Se viajou com documentos, quem forneceu ajuda para arrumá-los? (Não usar nomes)

Resp: _____

Em sua experiência migratória como um todo:

7. Tentou legalizar sua situação lá ?

(1) Não (2) Sim (3) NR

7.1 Se não, por que?

7.2 Se sim, conseguiu? (1) Não (2) Sim, Como? _____

8. Que tipo de relações mantinha (mantém) com o Brasil?

(1) Nenhuma (2) Correspondências (3) Telefonemas (4) Visitas (5) Recados por outros migrantes (6) Internet (7) Outra _____

9. De quem você sentia (ele sente) maior concorrência no mercado de trabalho?

(1) Americanos (2) Brasileiros (3) Hispânicos (4) Outros: _____ 5) Não sentia nenhuma concorrência (6) Não sabe

10. Frequentava (frequenta) alguma igreja?

(1) Não (2) Sim, Qual?: _____

10.1 Se sim, com que frequência? Resp: _____

11. Quanto dinheiro mandava (manda) para investir no Brasil? US\$ _____ a cada

_____ dias

12. Quanto dinheiro mandava (manda) para a família?

US\$ _____ a cada _____ dias

13. Quanto ganhava antes de voltar (se for retornado)?

Resp: _____

QUESTIONÁRIO
NOVOS MIGRANTES BRASILEIROS PARA OS EUA, EUROPA E O JAPÃO
1º. SEMESTRE 2001

() Criciúma (SC) () Maringá (PR)

ATENÇÃO

- Escrever à caneta com letra legível
→ Caso ocorra algum erro, circular e marcar o dado com uma seta
→ EVITAR RASURAS

Número do questionário : _____

1. IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE

1.1 Bairro : _____ 1.2 Região : _____

1.3 Data : ____ / ____ / ____

1.4 Endereço : _____

1.5 Entrevistado : _____

1.6 Entrevistador : _____

OBSERVAÇÕES

1. Quantas pessoas moram neste domicílio?

2 – Há pessoas deste domicílio que já residiram, ou estão residindo atualmente no exterior?

() sim () não

3 – Caso a resposta a pergunta anterior tenha sido afirmativa. Quantas pessoas deste domicílio já residiram, ou estão residindo atualmente no exterior?

QUESTIONÁRIO
NOVOS MIGRANTES BRASILEIROS PARA OS EUA, EUROPA E O JAPÃO
1º. SEMESTRE 2001

() Criciúma (SC) () Maringá (PR)

ATENÇÃO

- Escrever à caneta com letra legível
- Caso ocorra algum erro, circular e marcar o dado com uma seta
- EVITAR RASURAS

Número do questionário : _____

2. IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE

1.1 Bairro : _____ 1.2 Região : _____

1.3 Data : ____ / ____ / ____

1.4 Endereço : _____

1.5 Entrevistado : _____

1.6 Entrevistador : _____

OBSERVAÇÕES

2.INFORMAÇÕES SOBRE O DOMICÍLIO

Número de moradores do domicílio, inclusive os que estão fora, total: _____; (pessoa de referência é o/a chefe de família)

No.	Nome	Idade	Sexo	Condição		Escol (***)	Situação ocupacional (****)	Renda (*****)	Cidade de Nascimento	UF
				Família (*)	Presença (**)					
1										
2										
3										
4										
14										
15										

(*) Condição na Família Relação com o chefe	(*) Presença	(***) Escolaridade	(****) Situação Ocupacional	(*****) Renda
1 Chefe	1 Presente	1 Analfabeto (A)	Trabalha: especificar	Colocar o valor Declarado e citar a moeda corrente em extenso (reais, dólar, ienes, etc)
2 Cônjuge		2.1 Primário Incompleto (PI)		
3 Filho	2 Presente retornado	2.2 Primário Completo (PC)		
4 Avó		3.1 Ginásio Incompleto (GI)	1 Aposentado	
5 Pais				
6. Irmão		3.2 Ginásio Completo (GC)		
7 Neto	3 Ausente no exterior	4.1 Colegial Incompleto (CI)	2 Estudante	
8 Cunhado		4.2 Colegial Completo (CC)		7 NSA
9 Primo		5.1 Universitário Incompleto (UI)	3 Desempregado	
10 Sobrinho	8 NS	5.2 Universitário Completo (UC)		8 NS
11 Padrinho / Madrinha			4 Do lar	
12 Sogro / Sogra	9 NR	7 NSA		9 NR
13 Nora / Genro		8 NS	5 Vive de renda	
14 Agregado		9 NR		
15 Pensionista			6 Inativo	
16 Empregado doméstico				
17 Parente do empregado			7 NSA	
77 NSA 88 NS 99NR			8 NS 9 NR	

3 HISTÓRICO MIGRATÓRIO

(todas as viagens internacionais de cada migrante)

Nome do Entrevistado : _____ No. de ordem: _____

Nome do migrante : _____ No. de ordem: _____

Seqüência Migratória	Período				Cidade	Estado / Província	País
	Mês	Ano	Mês	Ano			
Primeira viagem							
Última viagem							

4 PERFIL MIGRATÓRIO - Na primeira viagem do migrante ao exterior (Para migrantes internacionais)

4.1 O migrante é descendente de : (marque no máximo duas alternativas)

1 () italiano 2 () alemão 3 () português 4 () polonês 5 () negros 5 () japonês
6 () brasileiros 7 () outros. Qual? _____

4.2 Qual o estado civil do migrante?

1 Solteiro ()

2 Casado / união estável () Data do casamento : ____ / ____ / ____

3 Separado / Divorciado / Desquitado () Data da separação : ____ / ____ / ____

4 Viúvo ()

4.3 Que ocupação exercia no Brasil?

_____ () NSA (se for criança ou estudante)

4.4 Com quem migrou?

1 () parentes – especifique abaixo

() Pai	() Mãe
() irmão	() irmã
() Filho	() Filha
() Marido	() Mulher
() Neto	() Neta
() Tio	() Tia
() Primo	() Prima
() Sobrinho	() Sobrinha
() Avô	() Avó
() Cunhado	() Cunhada
() Padrinho	() Madrinha

2 () Amigo 3 () Amiga 4 () sozinho/a

5 () outros – especificar : _____

4.5 Qual o motivo da emigração ao exterior?

1 () motivos econômicos – para trabalhar

2 () juntar-se aos familiares

4.6 Outros fatores que influenciaram a decisão de migrar: (enumere até três em ordem de importância)

(1) Decepção com a política do país ()

(2) Decepção com a economia do país ()

(3) Conhecer a terra dos ancestrais ()

(4) Adquirir bens de consumo – Melhorar padrão de consumo ()

(5) Comprar imóvel ()

(6) Aprender o idioma do país ()

(7) Saudades da família ()

(8) Problemas familiares ()

(9) Outros () Especificar: _____

4.7 Como era o conhecimento prévio da língua de destino?

(1) Excelente (2) Bom (3) Regular (4) Nenhum (8) NS (9) NR

4.8 Como obteve recursos financeiros para fazer a primeira viagem?

(1) próprio

(2) parentes – especifique abaixo

() Pai	() Mãe
() irmão	() irmã
() Filho	() Filha
() Marido	() Mulher
() Neto	() Neta
() Tio	() Tia
() Primo	() Prima
() Sobrinho	() Sobrinha
() Avô	() Avó
() Cunhado	() Cunhada
() Padrinho	() Madrinha

(3) amigo () amiga

(4) agência de viagem / recrutamento

(5) outros – especificar _____

(8) NS

(9) NR

4.9 Quem forneceu ajuda para hospedagem no destino?

(1) parentes – especifique abaixo

() Pai	() Mãe
() irmão	() irmã
() Filho	() Filha
() Marido	() Mulher
() Neto	() Neta
() Tio	() Tia
() Primo	() Prima
() Sobrinho	() Sobrinha
() Avô	() Avó
() Cunhado	() Cunhada
() Padrinho	() Madrinha

(2) amigo () amiga

(3) agência de viagem / recrutamento

(4) conterrâneo

(5) outros – especificar : _____

- (8) NS
(9) NR

4.10 Quem forneceu ajuda para o primeiro emprego no destino?

(1) parentes – especifique abaixo

() Pai	() Mãe
() irmão	() irmã
() Filho	() Filha
() Marido	() Mulher
() Neto	() Neta
() Tio	() Tia
() Primo	() Prima
() Sobrinho	() Sobrinha
() Avô	() Avó
() Cunhado	() Cunhada
() Padrinho	() Madrinha

(2) amigo () amiga

(3) conterrâneo (da mesma cidade)

(4) Agência de viagem / recrutamento

(5) outros – especificar: _____

(8) NS

(9) NR

4.11 Na primeira viagem, migrou através de agência de recrutamento?

(1) Sim (2) Não (7) NSA (8) NS (9) NR

4.12 Na primeira viagem, o migrante permaneceu no país de destino:

(1) Legal (2) Illegal (8) NS (9) NR

Sugestão

Caso seja Legal, marque como: passaporte () italiano () japonês () green-card

4.13 Qual o primeiro emprego / ocupação do migrante no exterior?

_____ (7) NSA

5 Na sua experiência migratória como um todo:

5.1 Tentou legalizar a situação no destino?

(1) não, já migrou legalmente

(2) não tinha intenção de se legalizar

(3) sim. Como? _____ Conseguiu? sim () não ()

(8) NS

(9) NR

5.2 De quem o migrante sente maior concorrência no mercado de trabalho?

(1) nativos (2) brasileiros (3) outros : _____

5.3 Antes de migrar, qual a religião do migrante? (caso não saiba, colocar o nome da igreja)

5.4 No local de destino, mudou de religião? () Não () Sim. Qual?

5.5 Qual o estado civil atual do migrante?

- 1 Solteiro ()
 2 Casado / união estável () Data do casamento : ____ / ____ / ____
 3 Separado / divorciado / desquitado () Data da separação: ____ / ____ / ____
 4 Viúvo ()

5.6 O migrante tem filhos?

(1) Não (2) Sim. Quantos? _____ Idade do mais velho _____ Idade do mais novo _____

5.7 Remete / Remetia dinheiro para o Brasil?

(1) para manter a família (2) para investimento (3) não remete (7) NSA (8) NS (9) NR
 (4) pagar dívidas

5.8 Quem administra o dinheiro no Brasil?

(1) parentes – especifique abaixo

() Pai	() Mãe
() Filho	() Filha
() Cônjuge	() Cônjuge
() Neto	() Neta
() Tio	() Tia
() Primo	() Prima
() Sobrinho	() Sobrinha
() Avô	() Avó
() Cunhado	() Cunhada
() Padrinho	() Madrinha

(2) amigo () () amiga

(7) NSA

(8) NS

(9) NR

5.10 Qual a sua principal forma de contato com o Brasil? (marque apenas uma)

(1) nenhum ()

(2) correspondência ()

(3) telefone ()

(4) visitas ()

(5) internet ()

(6) recados por outros migrantes ()

(7) outros : _____